

CLÁUDIA TUCUNDUVA

**DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS:
IMPLICAÇÕES DA OCUPAÇÃO PARENTAL SOB A
PERCEPÇÃO DOS FILHOS**

CURITIBA

2009

CLÁUDIA TUCUNDUVA

DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS: IMPLICAÇÕES DA OCUPAÇÃO
PARENTAL SOB A PERCEPÇÃO DOS FILHOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidia Natalia Dobrianskyj Weber.

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro José Steiner Neto

CURITIBA

2009



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **CLAUDIA TUCUNDUVA** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR^a LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER, DR^a MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAMPOS DESSEN, DR. PEDRO JOSÉ STEINER NETO e DR^a LÍGIA EBNER MELCHIORI argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS: IMPLICAÇÕES DA OCUPAÇÃO PARENTAL”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a LIDIA NATALIA DOBRIANSKYJ WEBER		<i>aprovada</i>
DR ^a MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAMPOS DESSEN		<i>Aprovada</i>
DR ^a LÍGIA EBNER MELCHIORI		<i>aprovada</i>
DR. PEDRO JOSÉ STEINER NETO		<i>aprovada</i>

Curitiba, 23 de março de 2009.

Prof. Dr. Ângelo Ricardo de Souza
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus. Ele, que me colocou diante de oportunidades, que me preparou para os desafios, que me manteve por caminhos certos e, acima de tudo, que colocou as pessoas maravilhosas que me ajudaram a alcançar este sucesso.

Agradeço a todos que participaram do meu crescimento pela disposição em me instruir, me apoiar, me corrigir e me motivar ao longo desta construção. São pessoas incríveis, pacientes, sábias, esforçadas, alegres e compreensivas. Em diversos momentos uma frase, um gesto, um pensamento e um silêncio, mesmo de quem nem tinha essa intenção, despertaram o desejo de trabalhar nesta pesquisa, e trabalhar melhor. Por isso, são muitas as pessoas a quem gostaria de agradecer.

Em especial, agradeço à professora Lidia, amiga e modelo de psicóloga, professora e pesquisadora, que tem sido suporte fundamental para esta conquista.

Agradeço a meu marido Bruno, meu companheiro de cada aflição e cada alegria, neste trabalho e em toda a minha vida.

A meus pais e irmão, por me ensinarem e demonstrarem a importância da família e o valor de tudo o que é certo. Não mediram esforços em me incentivar, nos estudos, nos estágios, congressos, concursos e em tantas outras oportunidades.

Agradeço aos professores e mestres do curso de psicologia e, especialmente, do programa de pós-graduação em educação, que ensinaram conceitos que levarei vida afora e contribuíram com importantes reflexões sobre o meu próprio trabalho.

Aos colegas de estudo e de trabalho que, quer estivessem ao meu lado, atrás ou adiante de mim, colaboraram cada qual à sua maneira.

Agradeço ao professor Pedro e à banca pela disponibilidade em ouvir, enriquecer e aperfeiçoar esta produção através de seu conhecimento e experiência.

Agradeço, enfim, a cada leitor, que ou envolveu-se na formulação desta pesquisa, ou pretende continuar e aprofundar este tema que me conquistou.

Muito obrigada.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS -----	VIII
RESUMO-----	X
ABSTRACT-----	XI
INTRODUÇÃO-----	1
1 PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS -----	3
1.1 PRÁTICAS EDUCATIVAS ENQUANTO REPERTÓRIO ADQUIRIDO -----	3
1.2 IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL -----	6
1.2.1 EQIF X Depressão (Weber, Bilobran, Duck, Hassumi, Moura & Viezzer, 2004)-----	7
1.2.2 EQIF X Stress (Weber, Biscaia, Pavei & Brandenburg, 2003) -----	8
1.2.3 EQIF X Auto-estima (Weber, Stasiack & Brandenburg, 2003) -----	8
1.2.4 EQIF X Habilidades sociais (Weber, Flor, Viezzer & Gusso, 2004) -----	8
2 ATIVIDADE PROFISSIONAL MATERNA E INTERAÇÃO FAMILIAR -----	9
2.1 CARREIRAS PROFISSIONAIS E INTERAÇÕES FAMILIARES -----	18
2.1.1 Médicos – Carreira em Medicina-----	19
2.1.2 Advogados, juízes, promotores – Carreira em Direito -----	21
2.1.3 Psicólogos – Carreira em Psicologia-----	23
2.1.4 Cirurgiões-dentista – Carreira em Odontologia-----	26
2.1.5 Professores – Carreira em Pedagogia-----	27
2.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS-----	28
3 VARIÁVEIS DO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS -----	31
3.1 HABILIDADES SOCIAIS -----	31
3.2 ESCOLHA PROFISSIONAL-----	31
3.3 DESEMPENHO ACADÊMICO-----	33
4 PROBLEMA E OBJETIVOS-----	37
4.1 OBJETIVOS -----	38
4.1.1 Gerais-----	38
4.1.2 Específicos -----	38
5 MÉTODO -----	39
5.1 PARTICIPANTES-----	39
5.2 LOCAL -----	39
5.3 INSTRUMENTOS-----	39
5.4 PROCEDIMENTOS-----	40
5.5 ANÁLISE DE DADOS -----	40

6	DESCRIÇÃO DA AMOSTRA	42
7	RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS	50
7.1	GRUPO 1: VARIÁVEIS RELACIONADAS AO TRABALHO	51
7.1.1	<i>Jornada de trabalho e Práticas Educativas</i>	51
7.1.2	<i>Área de formação e Práticas Educativas</i>	52
7.1.3	<i>Área de atuação e Práticas Educativas</i>	53
7.1.4	<i>Permanência no cargo e Práticas Educativas</i>	58
7.1.5	<i>Outras relações das variáveis relacionadas ao trabalho materno</i>	59
7.2	GRUPO 2: TRABALHO MATERNO	61
7.2.1	<i>Outras relações do trabalho materno</i>	62
7.3	GRUPO 3: VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS	63
7.3.1	<i>Com quem mora</i>	65
7.3.2	<i>Nível socioeconômico</i>	66
7.3.3	<i>Grau de formação e Práticas Educativas Maternas</i>	68
7.3.4	<i>Outras relações das variáveis demográficas</i>	69
7.4	GRUPO 4: VARIÁVEIS DA FAMÍLIA	71
7.4.1	<i>Gênero do filho</i>	71
7.4.2	<i>Idade e Práticas Educativas</i>	72
7.4.3	<i>Comportamento paterno</i>	72
7.4.4	<i>Situação dos pais</i>	73
7.4.5	<i>Outras relações das variáveis demográficas</i>	74
7.5	GRUPO 5: PRÁTICAS EDUCATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS	75
7.5.1	<i>Outras relações com Habilidades Sociais dos jovens</i>	78
7.6	GRUPO 6: PRÁTICAS EDUCATIVAS E DESEMPENHO ACADÊMICO	79
7.7	GRUPO 7: PRÁTICAS EDUCATIVAS E ESCOLHA PROFISSIONAL	79
8	ANÁLISE POR SEGMENTAÇÃO DA AMOSTRA	81
8.1	SEGMENTAÇÃO POR PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS	81
8.1.1	<i>Grupo práticas ideais – “Os incríveis”</i>	81
8.1.2	<i>Grupo de boas práticas e péssimo relacionamento conjugal – “Sr. e Sra. Smith”</i>	82
8.1.3	<i>Grupo mediano</i>	83
8.1.4	<i>Grupo agressivo – “Minha língua, meu veneno”</i>	83
8.1.5	<i>Grupo em crise – “Família Addams”</i>	84
8.1.6	<i>Comparando os grupos</i>	85
8.2	SEGMENTAÇÃO POR HABILIDADES SOCIAIS	93
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXOS	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estilos parentais como mediadores do efeito do trabalho materno sobre o desempenho acadêmico dos filhos. (FONTE: Beyer, 1995, p. 215).	35
Figura 2 - Modelo adaptado de Beyer (1995), compreendendo as variáveis correlacionadas nesta pesquisa.....	37
Figura 3 – Cursos a iniciar pelos jovens distribuídos por área do conhecimento (n=281).	44
Figura 4 - Desempenho acadêmico auto-declarado pelos jovens participantes (n=294)...	44
Figura 5 - Frequência de jovens com experiência profissional prévia (n=294).	45
Figura 6 – Situação matrimonial dos pais dos jovens participantes (n=294).	46
Figura 7 - Grau de formação acadêmica da mãe do participante (n=242).....	47
Figura 8 - Área de formação acadêmica da mãe do participante (n=70).	47
Figura 9 - Grau de formação acadêmica do pai do participante (n=237).	47
Figura 10 - Área de formação acadêmica do pai do participante (n=85).	48
Figura 11- Classe social das famílias dos participantes conforme Critério Brasil (n=264).	49
Figura 12 - Relações investigadas nesta pesquisa entre o contexto familiar, profissional e educacional.....	50
Figura 13 - Relação entre formação materna e modelo materno ($X^2=9,56$, $gl=4$, $p<0,05$).....	52
Figura 14 - Relação entre formação materna e modelo paterno ($X^2=10,38$, $gl=4$, $p<0,05$).....	53
Figura 15 - Relação entre cuidado de crianças e envolvimento paternos ($X^2=6,56$, $gl=2$, $p<0,05$).....	55
Figura 16 - Relação entre cuidado de crianças e envolvimento maternos ($X^2=10,3$, $gl=2$, $p<0,05$).....	55
Figura 17 - Relação entre autonomia profissional e envolvimento maternos ($X^2=10,4$, $gl=4$, $p<0,05$).....	56
Figura 18 - Relação entre contato com o público na profissão materna e envolvimento paterno ($X^2=13,33$, $gl=4$, $p<0,05$).....	57
Figura 19 - Relação entre autonomia profissional materna e clima conjugal positivo materno ($X^2=9,41$, $gl=4$, $p<0,05$)	57

Figura 20 - Relação entre autonomia profissional paterna e clima conjugal positivo combinado de mães e pais ($X^2=11,03$, $gl=4$, $p<0,05$).	58
Figura 21 - Relação entre a permanência materna no cargo e prática materna de comunicação negativa ($X^2=10,12$, $gl=4$, $p<0,05$).....	59
Figura 22 - Relação entre área de formação das mães e pais dos jovens participantes ($X^2=81,99$, $gl=4$, $p<0,001$).	60
Figura 23 - Grau de instrução das mães, agrupadas por classe social das famílias participantes segundo Critério Brasil ($X^2=54,56$, $gl=6$, $p<0,001$).....	68
Figura 24 - Grau de formação materno e comunicação positiva do participante com a mãe.....	69
Figura 25 - Classe social e habilidade de expressão de afeto pelos jovens participantes.....	70
Figura 26 - Comunicação negativa materna e dúvidas na escolha profissional do jovem entrevistado.....	80
Figura 27 - Distribuição dos jovens em cinco grupos formados a partir do relato de práticas de suas mães ($n=245$).....	81
Figura 28 - Distribuição dos jovens em quatro grupos formados a partir do relato dos próprios jovens sobre suas habilidades sociais ($n=271$).....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Literatura a respeito da relação entre variáveis parentais e desempenho acadêmico	33
Tabela 2: Frequência por curso superior pretendido pelos jovensFrequência por curso superior pretendido pelos jovens	42
Tabela 3: Frequência de participantes por setor do curso pretendido	43
Tabela 4: Fatores considerados pelos próprios jovens para a escolha profissional	45
Tabela 5: Aspectos educacionais mais importantes na relação pais-filhos segundo os jovens	46
Tabela 6: Familiares com quem moram os jovens participantes	48
Tabela 7: Escore médio de modelo materno segundo jornada de trabalho materno (F=3,69, p<0,05).....	51
Tabela 8: Distribuição das profissões parentais em grupos por cuidado de crianças na profissão, contato com o público e autonomia profissional.....	54
Tabela 9: Teste t de Student entre o emprego materno e as práticas educativas parentais. (p>0,05).....	61
Tabela 10: Escore médio do Critério Brasil (nível socioeconômico) dos grupos ocupacionais maternos	62
Tabela 11: Índices do teste Qui-quadrado entre número de pessoas na residência do entrevistado e práticas educativas medidas pelo EQIF	64
Tabela 12: Escores médios das práticas educativas maternas segundo o número de pessoas que moram na residência do entrevistado.....	64
Tabela 13: Índices do teste Qui-quadrado na comparação entre classes sociais em relação às práticas educativas maternas.....	66
Tabela 14: Relação práticas educativas maternas e classe social das famílias pelo Critério Brasil	67
Tabela 15: Índices de correlação (Pearson) da relação entre práticas maternas e totais de práticas paternas (coloridas as relações significativas).....	73
Tabela 16: Índices de correlação (Pearson) da relação entre práticas maternas e habilidades sociais (coloridas as relações significativas).....	77
Tabela 17: Descrição dos fatoriais de habilidades sociais segundo os autores	78
Tabela 18: Grupos parentais e situação conjugal dos pais (X ² =44,5, gl=12, p<0,001)	85

Tabela 19: Convívio dos entrevistados com a mãe durante infância e adolescência dos participantes distribuídos em grupos pelas práticas parentais maternas.....	86
Tabela 20: Grupos parentais e pessoas por residência ($X^2=21,22$, $gl=12$, $p<0,05$)	87
Tabela 21: Grupos parentais e composição familiar dos jovens participantes ($X^2=17,1$, $gl=8$, $p<0,05$)	88
Tabela 22: Grupos parentais da mãe e área de formação materna ($X^2=5,63$, $gl=8$, $p>0,05$)	88
Tabela 23: Grupos parentais e contato com o público na profissão ($X^2=9,72$, $gl=8$, $p>0,05$)	89
Tabela 24: Grupos parentais e autonomia profissional materna ($X^2=10,25$, $gl=8$, $p>0,05$)	90
Tabela 25: Grupos parentais e experiência profissional dos filhos ($X^2=6,8$, $gl=4$, $p>0,05$)	91
Tabela 26: Grupos parentais e classe social ($X^2=33,4$, $gl=12$, $p<0,001$).....	91
Tabela 27: Grupos parentais e futuros aspectos fundamentais para a relação pais-filhos eleitos pelos jovens ($X^2=31,8$, $gl=16$, $p<0,05$).....	92
Tabela 28: Classe Social e Habilidades Sociais ($X^2=20,2$, $gl=9$, $p<0,05$)	94
Tabela 29: Grupos parentais e grupos HS ($X^2=35,08$, $gl=12$, $p<0,001$)	96
Tabela 30: Síntese dos resultados obtidos através da segmentação por grupos (Cluster)	96

RESUMO

Estudar as práticas educativas e os fatores a ela relacionados tem sido objetivo de muitos psicólogos e educadores e sua importância continua sendo demonstrada de forma crescente no meio científico. Cada pai exerce suas práticas educativas e desenvolve um estilo próprio de educar baseado em seu repertório de habilidades adquirido ao longo da vida. Considerando a importância e o tempo despendido nas atividades acadêmicas e profissionais, elas podem se constituir importantes temas de estudo. Esta pesquisa se propôs a buscar maior compreensão a respeito do contexto ocupacional parental, da interação familiar, e do desenvolvimento dos jovens recém-ingressados na Universidade Federal do Paraná no ano de 2008, utilizando para isso os seguintes instrumentos: Escalas de Qualidade de Interação Familiar (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006), Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2000), um questionário de identificação familiar formulado para esta pesquisa e o Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas, 2007). Os resultados mostraram que mães que trabalham fora e donas-de-casa não apresentaram diferenças significativas nas práticas educativas. Mães que trabalham fora tiveram nível econômico melhor que donas-de-casa e estas permaneceram casadas com maior frequência. Em relação às variáveis do trabalho materno, a jornada de trabalho de mães e pais se correlacionou, mas elas trabalham em média cinco horas a mais por semana; a carga horária não teve relação com o grau de formação, mas teve relação com o escore de modelo materno, melhor para mães que trabalham até 12 horas por semana no máximo. A formação superior em ciências humanas relacionou-se a melhores escores de modelo e a formação em exatas, a piores. Maior autonomia profissional relacionou-se a menor envolvimento materno e o melhor clima conjugal positivo. Cuidar de crianças na profissão relacionou-se a maior envolvimento. Estar a mais de oito anos no cargo foi pior para o clima conjugal. Variáveis demográficas e relacionadas à família também apresentaram relações interessantes: famílias compostas por duas a três pessoas apresentaram melhores práticas educativas e filhos mais habilidosos socialmente enquanto famílias com mais de quatro pessoas tiveram menor nível socioeconômico; o grau de instrução teve efeitos diferentes para pais e mães; filhos de mães com apenas o ensino fundamental tiveram melhores habilidades sociais; mulheres tiveram escores melhores em habilidades sociais de enfrentamento e expressão de afeto; filhas e participantes mais novos relataram melhores práticas educativas maternas do que filhos e sujeitos mais velhos, respectivamente; nos escores totais de práticas educativas, viúvas tiveram escores melhores, casados tiveram escores medianos e separados, escores piores. Com relação ao desenvolvimento dos jovens, as práticas de regras e monitoria e comunicação positiva dos filhos relacionaram-se a melhor desempenho, a comunicação negativa (brigas, gritos, xingar, criticar) relacionou-se a mais dúvidas na escolha do curso e todas as práticas, exceto punição física, relacionaram-se às habilidades sociais, com exceção da habilidade de enfrentamento. O aspecto profissional materno e a interação familiar revelam grande potencial como explicadores e instrumentos para compreender e facilitar os processos de inserção social, desenvolvimento acadêmico e inserção profissional dos jovens nesta comunidade. No próprio relato dos estudantes, grande valor é atribuído a esses aspectos, confirmando os resultados obtidos nos instrumentos utilizados. Embora uma análise de modelos compreensivos, avaliando funções modeladoras e moderadoras ainda não tenha sido possível, diversos aspectos para a condução de novas pesquisas neste tema são levantados.

Palavras-chave: profissão materna, práticas educativas parentais, habilidades sociais.

ABSTRACT

The aim of several psychologists and educators has been to study the educative practices and related variables, which importance is still shown in the scientific world with growing interests. Each parent exercise his own educative practices and develops a peculiar parenting style based upon his own repertory of abilities acquired during his life. Given the importance and time spent on academic or professional activities, such abilities are an important study issue. This study aimed to look for better comprehension regarding parental occupation context, family interaction and development of recently admitted youngsters at the Universidade Federal do Paraná on 2008, using for though the following instruments: Escalas de Qualidade de Interação Familiar (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006), Inventário de Sociais (Del Prette & Del Prette, 2000), a family identification questionnaire built for this study and Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas, 2007). RESULTS: Employee mothers and housewives didn't show significant differences on educative practices. The first had better socioeconomic status than housewives and the later remained married with larger frequency. Regarding mothers work variables, the working time of mothers and fathers correlated but women work five hours more on average; the working time didn't correlated with instruction level but with mother model, better for others who work up to twelve hours a week. Professional autonomy related to lesser maternal involvement, and to better marital relationship. Child care within professional activities related to greater involvements. Mothers who remained more than eight years at the same job had worst marital relationship. Demographic and family related variables also shown interesting relations: families composed by two to three members presented better educative practices and socially skillful children, while families with four members or more had lower socioeconomic status; educational level behave differently for mothers and fathers; children from mothers which assisted school only up to middle school had better social abilities; women had better scores of affect expression and coping abilities; feminine and youngsters subjects reported better maternal educative practices than men and older subjects, respectively. On total scores of educative practices, widows had better scores; married mothers had mean scores and the divorced, worst ones. About youngsters development, practices of rules and monitoring and children's positive communication related to better academic achievements, the negative communication practice (shouting, swearing, and criticizing) related to doubts about career selection and all practices, except physical punishment, related to social abilities, except coping. Maternal employment and family interaction reveal great potential as explicators and instruments to ease and understand social attachment, academic development, and professional development processes of youngsters from Curitiba. According to students' reports, these aspects are also affirmed, confirming instruments results. Although a comprehensive model analysis assessing modelator and moderator functions hadn't yet been feasible, many issues for new research conduction were described.

Key-words: Maternal employment, parenting educative practices, social abilities.

INTRODUÇÃO

Estudar as práticas educativas e os fatores a ela relacionados tem sido objetivo de muitos psicólogos e educadores e sua importância continua sendo demonstrada de forma crescente no meio científico. As condições criadas pelos pais, primeiros educadores de seus filhos, são decisivas em seu desenvolvimento (Salvador & Weber, 2005). Cada pai exerce suas práticas educativas e desenvolve um estilo próprio de educar baseado nas habilidades adquiridas ao longo de sua vida, nos mais diversos contextos. Considerando a importância e o tempo despendido nas atividades acadêmicas e também nas atividades profissionais, elas se constituem formadoras de repertórios, inclusive do repertório de práticas educativas dos quais pais e mães se utilizam.

O material científico encontrado a respeito do tema práticas educativas de pais em diferentes ocupações revela-se insuficiente, pois relata em pequenos estudos a realidade de diversos locais do mundo, realiza pouco diálogo entre esses estudos e mostra resultados contraditórios a respeito de uma relação significativa ou não entre a ocupação parental e as variáveis do desenvolvimento dos filhos, como desempenho acadêmico, habilidades sociais e escolha profissional (Phearman, 1949; Flynn, 1984; Greenberger e cols., 1994; Avdeeva & Riazanov, 1996; Maniraguha, 1998; Dy-Hammar, Ernst, Kidd, McCann & Salter, 2001; Drachler e cols., 2003; Ramos e cols., 2003).

No Brasil, especificamente, o papel familiar foi bastante explorado dentro de perspectivas dinâmicas de escolha profissional e é enfatizado nas propostas de intervenção com adolescentes, mas poucos estudos empíricos existem a fim de avaliar o impacto familiar global sobre o contexto da escolha profissional com base em uma perspectiva mais funcionalista, especialmente a partir da percepção dos filhos sobre as atitudes e comportamentos parentais (Utz & Bardagir, 2006). A própria escassez de material relativo ao assunto tratado de forma científica e objetiva é suficiente para que se possa justificar a abordagem do tema que a presente pesquisa pretende realizar.

Além disso, categorias profissionais como professores, psicólogos, militares e médicos recebem estereótipos que podem afetar também seus filhos. Os profissionais do campo da educação, por exemplo, passam por um intenso preparo a fim de desenvolver a habilidade de promover a saúde, o desenvolvimento e a aprendizagem. No entanto, idéias provenientes do conhecimento popular, como o adágio “Em casa de ferreiro, espeto de pau”, têm caráter generalizante e podem incutir idéias equivocadas à sociedade. Um dos ambientes mais importantes na infância e onde a presença dessas idéias certamente

afeta o desenvolvimento global de uma criança é a escola. Muitas escolas e professores tendem a atribuir o desempenho dos alunos a causas familiares (Maluf & Bardelli, 1991), enquanto muitas famílias atribuem a função de educar exclusivamente às escolas. Resolver esse impasse não está ao alcance de uma única pesquisa, mas compreender melhor essa realidade e os fatores a ela relacionados contribui na construção do conhecimento e intervenção que garantam maior integração entre esses dois ambientes fundamentais no desenvolvimento das crianças.

Conhecer e compreender a relação entre a formação e profissão dos pais e profissionais e seu comportamento junto à família permite alertá-los para as mudanças necessárias, caso sejam constatadas dificuldades. Pode-se, inclusive, sugerir a revisão ou a complementação da formação fornecida nas instituições de ensino superior de acordo com cada área, a fim de promover o adequado preparo das novas gerações de profissionais para o exercício da paternidade. Os resultados desta pesquisa podem, ainda, desmistificar tabus e permitir a construção de um conhecimento mais verdadeiro em torno da identidade de cada categoria e de suas famílias.

Esta pesquisa se propõe a abordar a realidade de pais em diversas ocupações com o intuito de investigar se haveriam características do trabalho materno que tornariam as famílias de profissionais de áreas específicas mais suscetíveis a problemas envolvendo seus filhos, desde a percepção destes em relação ao convívio familiar até sua forma de relacionar-se com as outras pessoas e com a escolha profissional. Variáveis como a jornada de trabalho, grau de instrução, área da formação e autonomia profissional da mãe, nível sócio-econômico e tamanho da família, gênero dos filhos, situação conjugal dos pais e práticas educativas paternas serão relacionadas entre si, bem como com as práticas educativas maternas segundo a percepção dos filhos, as habilidades sociais destes e suas escolhas profissionais.

Desta forma, os três primeiros capítulos apresentam a literatura relativa às práticas educativas e suas relações com o desenvolvimento dos filhos, à ocupação materna e suas relações com as interações familiares, bem como à literatura relativa ao desenvolvimento dos filhos - as habilidades sociais, a escolha profissional e o desempenho acadêmico. O quarto capítulo explicita o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho. O quinto capítulo descreve o método utilizado, enquanto os capítulos sexto a oitavo compreendem os resultados e a discussão desta pesquisa organizados em descrição da amostra, relação entre variáveis e análise por segmentação da amostra. O nono capítulo apresenta as considerações finais, concluindo este trabalho.

1 PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS

As práticas parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização; diferentes práticas parentais podem ser equivalentes para um mesmo efeito no filho. As práticas são estratégias com o objetivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados (Alvarenga, 2001; Darling & Steinberg, 1993).

Muitas pesquisas têm comprovado que práticas parentais como a apresentação de regras, o afeto positivo, a disciplina indutiva, a monitoria, e outras, estão associadas a diferentes aspectos na criança ou adolescente, como o comportamento pró ou anti-social, a inibição, a obediência, a empatia, entre outros (Dishion, Patterson, Stoolmiller, & Skinner, 1991; Krevans & Gibbs, 1996; Posada & cols., 1999).

Dentre as variadas práticas educativas estudadas na literatura científica, esta pesquisa considerou apenas aquelas avaliadas através do instrumento “Escala de qualidade de interação familiar” (Weber; Viezzer; Brandenburg, 2003). As práticas indutivas avaliadas por este instrumento são envolvimento, regras e monitoria. As práticas coercitivas são comunicação negativa e punição corporal. O instrumento ainda avalia comunicação positiva dos filhos com os pais e modelo parental, como práticas indiretas, e sentimento dos filhos, clima conjugal positivo e negativo, como indicadores de qualidade da relação familiar.

Tomando por partida o conceito segundo o qual as práticas parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização, ou ainda a estratégias para seleção de comportamentos (Alvarenga, 2001; Darling & Steinberg, 1993), dois aspectos tornam-se cruciais à revisão desta pesquisa: as práticas educativas enquanto respostas adquiridas pelos pais ao longo de sua trajetória de vida e as práticas educativas como formadoras de repertório dos filhos.

1.1 Práticas educativas enquanto repertório adquirido

Educar um filho hoje traz consigo uma série de dúvidas e angústias aos pais, que se sentem inseguros quanto ao seu papel e ao modo de educar: O que é certo? Que postura tomar? Como e quando exercer autoridade? Ser amigo dos filhos? O que permitir e o que proibir? Quais as consequências de suas ações no desenvolvimento dos filhos?

Oliveira e Caldana (2004) discorrem um breve histórico sobre a realidade familiar brasileira:

(...) as descrições referentes ao século XVIII e parte do XIX, voltadas para a realidade familiar das elites, apontam o modelo familiar patriarcal e a presença da escravidão como aspectos definidores da forma e cuidado de educação dos filhos, na medida em que eles determinavam que o universo familiar fosse centrado no adulto, que houvesse uma rígida demarcação de papéis, valorização da autoridade, e que não sobrasse espaço para a afetividade. Soma-se a isso a presença de forte religiosidade, a preocupação com a formação moral, a ausência ou não expressão de afeto, o alto índice de mortalidade infantil e a exacerbação da autoridade paterna e da submissão dos filhos.

Ao longo do século XIX esse modelo familiar começou a ser modificado, aproximando-se do modelo familiar burguês europeu, processo para o qual contribuiu o discurso higienista, que colocou entre nós a figura do médico como fonte de diretrizes para as práticas educativas familiares (Oliveira & Caldana, 2004). Assim, a um modelo dicotômico de regras e condutas, sucedeu um modelo contrário, o igualitário, no qual não existe nem uma rígida delimitação de papéis, nem escolhas certas ou erradas *a priori*.

Fortaleceu-se um enfoque antiautoritário aliado à preocupação com a felicidade da criança, traduzida como bem-estar emocional, e à importância atribuída à expressão de afeto e à proximidade através do brincar. Outro aspecto salientou-se neste momento: a constância de conflitos paternos oriundos tanto da inexistência de um padrão claro de conduta comumente aceito, como da dificuldade em colocar limites e exercer a autoridade, mesmo quando esse exercício não poderia ser considerado "autoritário" (Oliveira; Caldana, 2004).

Assim, até a metade do século XX, as ciências da educação serviram grandemente à desconstrução do modelo de educação anterior e a partir de então se observou o início da construção de um modelo de educação apoiado na psicologia. Esse movimento, no entanto, pode ser considerado insuficiente quando comparado à demanda das famílias e da sociedade.

Coelho e Murta (2007) afirmam que, embora se saiba da importância das relações familiares, os pais geralmente recebem pouca preparação, além da própria experiência como pais, produzindo-se a maior parte da aprendizagem durante a realização da tarefa por meio do ensaio e erro.

Além da aprendizagem na própria experiência da paternidade, algumas pesquisas relacionam também o modelo recebido transgeracionalmente de seus próprios pais (Vitali, 2004) e o repertório de habilidades sociais, adquirido em diversos contextos, aplicados à

prática educativa dos pais (Silva & Maturano, 2002). Neste sentido, fala-se em Habilidades Sociais Educativas (HSE).

As Habilidades Sociais são definidas por Del Prette e Del Prette (2001) como classes de comportamentos presentes no repertório de um indivíduo que constituem um desempenho socialmente competente (funcional e coerente com os pensamentos e sentimentos do indivíduo). Elas reúnem componentes comportamentais (verbais de forma, verbais de conteúdo e não-verbais), cognitivo-afetivos mediadores (habilidades e sentimentos envolvidos na decodificação das demandas interpessoais da situação, na decisão sobre o desempenho requerido e na elaboração e automonitoria desse desempenho) e fisiológicos (processos sensoriais e de regulação, controle autonômico).

Na educação, então, estabelecer limites, por exemplo, pode envolver habilidades sociais como dizer não, pedir mudança de comportamento, além de componentes não-verbais e paralinguísticos.

O conhecimento do campo do Treinamento em Habilidades Sociais ajuda a compreender vários aspectos da relação pais-filhos e das práticas educativas, entre eles: a) o desempenho interpessoal está relacionado com suas auto-regras; b) a forma de compreensão dos próprios papéis e os do outro interferem na manutenção de relações positivas entre pais e filhos; c) a assertividade pode ser necessária para a manutenção de diálogos entre pais e filhos e resolução de problemas de forma positiva e efetiva; d) assegurar a aprendizagem social pode melhorar as relações entre os membros da família; e) a leitura do ambiente social favorece a percepção adequada do mesmo e pode ser aprendida e f) a expressão de sentimentos positivos auxilia na formação de autoconceito satisfatório da criança (Silva & Marturano, 2002)

As HSE, como parte da ampla classe de comportamentos de HS, são constituídas na história do indivíduo nos diversos contextos em que ele atua. Magalhães e Murta (2003) descrevem brevemente o desenvolvimento das Habilidades Sociais:

Na infância, as práticas educativas parentais, como estratégias de controle, modos de comunicação, qualidade e quantidade de exigências de amadurecimento e demonstração de afeto na relação com os filhos, influenciam o desenvolvimento das HS (Murta, 2002). Com a passagem para a escola, a criança consolida as habilidades já aprendidas e necessita aprender outras, principalmente, para interagir com os iguais. A interação competente com outras crianças resulta em aceitação dos outros, popularidade e aquisição de amigos (Trianes, 2002). Na adolescência, as pessoas significativas esperam que o jovem apresente comportamentos sociais mais elaborados, visualize o futuro e busque pessoas do sexo oposto. Na vida adulta, habilidades profissionais e sexuais são requeridas em prol da independência e do intercâmbio cultural. Na velhice, com a diminuição da percepção e da

responsividade, é importante desenvolver habilidades para lidar com preconceitos, manifestados através de evitação, agressividade e superproteção (Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A., 2001).

A revisão da literatura mostra que os estudos que investigam o efeito de intervenções para pais têm focado o desenvolvimento de habilidades para modificação de padrões coercitivos ou negligentes na interação com a criança. Porém alguns autores (Silva & Marturano, 2002) salientam que é necessário intervir também sobre outros aspectos do repertório dos pais, como o enfrentamento a estressores não relativos ao papel parental, como dificuldades conjugais, dificuldades financeiras, experiências negativas de vida e falta de suporte social. Um modelo de intervenção mais amplo se justificaria porque o estresse dos pais, decorrente de um repertório inadequado ou insuficiente de enfrentamento, pode contribuir para o uso de práticas educativas coercitivas ou negligentes com a criança (Coelho & Murta, 2007).

1.2 Implicações para o desenvolvimento infantil

O estudo das implicações das práticas educativas para o desenvolvimento infantil é um dos campos mais profícuos em literatura na psicologia, especialmente abordando o desenvolvimento psicológico dos filhos (Weber, Biscaia, Pavei & Brandenburg, 2003; Weber, Bilobran, Duck, Hassumi, Moura & Viezzer, 2004; Weber, Stasiack, Brandenburg, 2003; Weber, Flor, Viezzer & Gusso, 2004) e acadêmico (Phearman, 1949; Dukes & Lorch, 1989; Rogers, Parcel e Meneghan, 1991; Beyer, 1995; Gottfried, Fleming & Gottfried, 1998; Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Alencar, French & Feldhusen, 2004; Scales e cols., 2006; Zimmer-Gembeck e cols., 2006; Ong, Phinney & Dennis, 2006). Assim, a literatura traz descrições bastante claras a respeito da eficácia de práticas como o envolvimento e a demonstração de afeto, o estabelecimento de regras e a monitoria das atividades dos filhos e também a comunicação, conforme resumido abaixo:

- Envolvimento e afeto abrangem o incentivo, a demonstração de orgulho, a demonstração de amor e apoio e a verbalização explícita por meio de elogios e comentários cotidianos, que contribuem para um desenvolvimento psicológico e emocional saudável, como também para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (Sidman, 2001).
- Avaliar as regras na interação familiar não inclui apenas a emissão das regras pelos pais, mas sua clareza, sua coerência e seu cumprimento, ou seja, as regras

devem ser justas e racionais, devem ser transmitidas com uma linguagem plenamente compreensível e seu cumprimento deve ser reforçado. Assim, a capacidade em monitorar comportamentos é essencial para o cumprimento de regras (Matos, 2001).

A comunicação, por sua vez, precisa ser avaliada de forma bastante ampla, uma vez que permeia diversas das práticas descritas e tem importância fundamental, funcionando como fonte de informações, orientações, aprendizados, reforçamentos, determinação de regras, ou mesmo como fonte de punições, caracterizando-se neste caso como uma prática coercitiva (Salvador & Weber, 2005).

A punição, especificamente, foi foco de inúmeros estudos, especialmente por suas raízes antigas na história da civilização. Conforme a análise do comportamento, assume-se que a punição para imediatamente o comportamento punido, indesejado, e cria a ilusão de que realmente cumpre sua tarefa (Sidman, 2001). No entanto, as consequências da punição (subprodutos e efeitos colaterais) cancelam facilmente os benefícios que poderiam trazer: entre os prejuízos pelo uso de punição pelos pais, estes podem ter filhos que os temem, odeiam e se esquivam deles, filhos que formularam auto-regras negativas e sofrem em estados de depressão ou mesmo filhos com problemas de ansiedade, autoconfiança e auto-estima (Salvador & Weber, 2005). Quando se considera a punição física, ainda há um agravante: ela ensina que o comportamento agressivo é válido, que é uma atitude normal que pode ser utilizada para se resolver problemas (Weber, Viezzer & Brandenburg, 2003). Nesse sentido já se pode considerar a questão do modelo, a importância de os pais demonstrarem na prática aquilo que se ensina verbalmente.

As práticas educativas, conforme compreendidas pelas Escalas de Qualidade de Interação Familiar (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006), foram objeto de estudo de diversas pesquisas. Suas relações com as o desenvolvimento dos filhos estão brevemente descritas abaixo:

1.2.1 EQIF X Depressão (Weber, Bilobran, Duck, Hassumi, Moura & Viezzer, 2004)

Pesquisas realizadas demonstraram haver correlação negativa significativa entre o escore de depressão e todas as escalas positivas da EQIF (envolvimento e afeto, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, modelo, sentimento dos filhos, clima conjugal positivo), ou seja, quanto maior a presença de aspectos positivos na interação

familiar, menores os indícios de depressão. Há correlação positiva significativa entre o escore de depressão e todas as escalas negativas do EQIF (comunicação negativa, punições inadequadas e clima conjugal negativo), ou seja, quanto maior a presença de aspectos negativos na interação familiar maiores foram os indícios de depressão.

1.2.2 EQIF X Stress (Weber, Biscaia, Pavei & Brandenburg, 2003)

Crianças e adolescentes estressados descrevem seus pais demonstrando baixo envolvimento e afeto e baixo reforçamento positivo, e apresentando comunicação negativa com filhos e clima conjugal muito negativo. Há ainda uma tendência sistemática na dinâmica familiar das crianças estressadas: pouca imposição de regras e monitoria, baixo índice de iniciativa para estabelecer uma comunicação positiva por parte dos pais e dos filhos, pouca apresentação de modelos e valores importantes, baixo índice de sentimentos positivos dos filhos em relação aos pais e alta incidência de punições inadequadas.

1.2.3 EQIF X Auto-estima (Weber, Stasiack & Brandenburg, 2003)

As seguintes escalas apresentam relação significativa e positiva com a auto-estima dos adolescentes: envolvimento e afeto, regras e monitoria, comunicação positiva dos pais, comunicação positiva dos filhos, modelo, clima conjugal positivo e sentimentos dos filhos. Em outras palavras, quanto maior o escore nas escalas positivas do EQIF, maior se apresentou o escore de auto-estima. Punições inadequadas e comunicação negativa estiveram negativamente relacionadas com a auto-estima. A única escala que não apresentou relação significativa foi o clima conjugal negativo.

1.2.4 EQIF X Habilidades sociais (Weber, Flor, Viezzer & Gusso, 2004)

Há relação significativa entre o escore de habilidades sociais e a maioria das escalas positivas do EQIF (regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, modelo e clima conjugal positivo), ou seja, quanto maior a presença de aspectos positivos e menor a presença de aspectos negativos na interação familiar, melhores foram os escores de habilidades sociais. Mesmo nas relações entre as habilidades sociais e algumas das escalas do EQIF (envolvimento e afeto, sentimento dos filhos, comunicação negativa, punições inadequadas, clima conjugal negativo), que não apresentaram valores estatisticamente significativos, existe uma tendência à correlação.

2 ATIVIDADE PROFISSIONAL MATERNA E INTERAÇÃO FAMILIAR

A relação entre a categoria profissional ou status ocupacional parental e as variáveis do ambiente familiar é um tema estudado por pesquisadores de diversas regiões do mundo. As conclusões, no entanto, são por vezes controversas, talvez devido ao ainda pequeno volume de pesquisas.

Entre os pesquisadores que não encontraram relação entre a ocupação parental e aspectos do desenvolvimento infantil, Flynn (1984) constatou que a capacidade de julgamento das crianças não é afetado pela ocupação materna. Maniraguha (1998) estudou o sucesso acadêmico de estudantes secundaristas de Ruanda e também encontrou a ausência de relação.

O estudo mais antigo encontrado em bases digitais a respeito da influência do emprego materno sobre a família data de 1963, dos autores McCord, McCord e Thurber. Este relata dados de observações de 140 famílias que indicaram a ausência de diferença no nível socioeconômico, na estabilidade paterna, na dominância parental ou tom emocional das interações parentais entre mães donas-de-casa e mães trabalhadoras.

Em 1986, Baruch e Barnett examinaram a participação paterna no cuidado infantil e tarefas domésticas em 160 famílias, visando sua relação com a limitação de tempo e energia, conflitos de papéis, auto-estima, satisfação com a vida e qualidade de experiência no papel parental e conjugal. A análise de regressão mostrou que, controlado o nível de participação dos pais, o emprego materno não afetou a relação entre a participação dos pais e as variáveis investigadas. Mães com maridos participativos apreciam as práticas educativas dos maridos, mas têm menor satisfação com a vida e são mais críticas sobre seu balanço de responsabilidades com o trabalho e a família.

Por outro lado, diversos autores afirmaram uma relação entre a ocupação parental e as variáveis familiares:

A equipe de Greenberger e cols. (1994) sugerem que as condições de trabalho influenciam as práticas parentais por meio de seu efeito sobre o humor e certas condições de trabalho. Ramos e cols. (2003) concluíram que existem indícios de influência entre a ocupação (neste caso médicos e enfermeiros) e a integração ou desintegração familiar.

Pesquisando a percepção de papéis sexuais entre universitários, Vogel e cols. (1970) encontraram que tanto homens quanto mulheres filhos de mães que trabalham fora perceberam menores diferenças entre os gêneros masculino e feminino que filhos de donas-de-casa, sendo a percepção das mulheres mais afetada.

A pesquisa de Woods (1972) reuniu dados de 108 crianças de 5ª série, filhas de mães que trabalham fora, de uma escola de um gueto negro, através de testes, questionários, registro de professores e da comunidade, além de 38 entrevistas com mães. Os resultados indicaram que as meninas foram menos supervisionadas que os meninos, e estas apresentaram desenvolvimento cognitivo mais empobrecido. O emprego em tempo integral da mãe foi considerado uma influência positiva para os filhos.

Conduziu sua pesquisa junto a 71 universitárias, Baruch (1973) examinou a relação entre a auto-estima e estereótipo de papel sexual. Foram comparadas as jovens cujas mães diferiram na história de trabalho e atitude em relação à carreira. Os resultados indicaram que a preferência materna por uma carreira teve efeitos positivos sobre a auto-estima e avaliações da própria competência das universitárias, enquanto o emprego materno propriamente não teve esse efeito.

Em revisão de literatura, Hoffman (1974), autor que elaborou diversas pesquisas sobre o foco do trabalho materno, agrupou os estudos em cinco hipóteses: a) mães que trabalham fora fornecem um modelo de papel diferente daquelas não-empregadas, b) O emprego afeta o estado emocional das mães, gerando satisfações, tensão e às vezes culpas, que influenciam a interação mãe-criança, c) as diversas demandas situacionais bem como o estado emocional de mães que trabalham fora afetam as práticas educativas com a criança, d) mães que trabalham fora fornecem menos supervisão adequada, e) a ausência das mães que trabalham fora resulta em privação emocional e possivelmente cognitiva da criança. Foram encontrados estudos empíricos em relação às quatro primeiras hipóteses, mas não foram encontrados dados adequados quanto à quinta.

Os resultados do estudo de Miller (1975) junto a 34 crianças de jardim de infância com mães trabalhando e não trabalhando fora de casa levaram à conclusão de que os papéis parentais foram menos tradicionais em famílias com mães que trabalham fora, levando a menos estereótipos de papel sexual da parte de suas filhas. A auto-estima das crianças não se relacionou ao emprego materno.

Os autores Gold e Andres (1978) pesquisaram a relação entre o trabalho materno e os conceitos de papel sexual, desenvolvimento cognitivo e ajustamento de crianças de maternal. As 110 crianças formaram quatro grupos, conforme gênero e emprego materno. A percepção das crianças sobre suas mães não se relacionou ao fato destas trabalharem, mas os pais foram percebidos mais negativamente por filhos de mães que trabalham fora. Filhos meninos de mães que trabalham fora tiveram menores escores de Q.I. em relação às meninas ou aos filhos de mães não empregadas. Filhos de mães que trabalham fora

receberam melhores índices de ajustamento pelos professores que filhos de mães não-empregadas.

Em pesquisa junto a 411 professores, administradores e educadores, Tetenbaum, Lighter e Travis (1981) encontraram que administradores e professores tinham significativamente menos atitudes positivas em relação a mães trabalhadoras que educadores. Dentro de cada grupo, homens tiveram menos atitudes positivas. A situação conjugal, a história profissional materna e o nível de suporte da criança não se relacionaram a essas atitudes. Este estudo foi, ainda, replicado pelos autores em uma amostra de 330 sujeitos.

Os autores Stuckey, McGhee e Bell (1982) coletaram informações através de questionário e diversos tipos de observações de 20 famílias de mães dona-de-casa e 20 de mães trabalhando. Meninos receberam mais atenção em famílias com mães não-empregadas, enquanto meninas receberam mais naquelas com mães que trabalham fora. Houve maior afeto negativo em famílias experimentado incongruência entre as atitudes parentais e a situação de trabalho materna.

Também em 1982, Laosa investigou a relação entre a escolaridade parental, o relacionamento pais-filhos e o sucesso escolar dos filhos, levando em consideração a diversidade étnica, a variabilidade individual e a equidade educacional e ocupacional. O autor enfocou-se em possíveis explicações para o frequente fracasso escolar entre certas minorias étnicas nos Estados Unidos.

Em pesquisa com 87 crianças desde a fase pré-escolar até a terceira série, Howes (1988) mostrou que a formação materna esteve mais associada ao ajustamento escolar dos filhos que o trabalho materno ou a situação conjugal. Controladas as características familiares, o cuidado infantil estável e de alta-qualidade foi preditor de progresso acadêmico, habilidades escolares e menos problemas comportamentais. O tipo de cuidado infantil, em tempo integral ou parcial não se relacionou com o ajustamento escolar.

A pesquisa de Hoffman de 1989 considerou os processos familiares que mediam os resultados do emprego materno sobre o desenvolvimento infantil: o bem-estar psicológico dos pais, seu relacionamento conjugal, o papel paterno e a interação pais-filhos. A relação entre o emprego materno e essas variáveis, além do desenvolvimento infantil, dependeu das atitudes parentais, do número de horas que a mãe trabalha, do suporte social e do gênero da criança.

Os autores Tolman, Diekmann e McCartney (1989) estudaram os efeitos do emprego materno e da ausência materna (por divórcio ou por morte) sobre a ligação social (*social connectedness*), ou seja, a percepção de si em relação aos outros. O emprego materno não se relacionou a diferenças, mas a ausência materna relacionou-se a menores escores, especialmente para meninas que não tiveram a presença da mãe desde a primeira infância e para aquelas que não tiveram uma “mãe substituta”.

Em 1989, Scarr, Phillips e McCartney revisaram os efeitos do trabalho materno sobre a qualidade da relação conjugal, o desenvolvimento dos filhos e sobre as próprias mães. As pesquisas apontam que o trabalho em si não é a questão central, mas são as circunstâncias familiares, as atitudes e expectativas dos pais e mães e a distribuição do tempo disponível que possuem efeitos importantes. As necessidades das mães trabalhadoras, de licença parental, suporte do marido, cuidado da criança e melhores salários foram enfatizados pelos autores.

Em 1990, Hock e DeMeis investigaram os fatores significativos na relação entre o emprego materno e o estado de saúde mental da mãe. Das 209 mães participantes, aquelas que relataram preferência por trabalhar, mas permaneciam em casa, apresentaram maior índice de depressão. O estudo foi confirmado em outra amostra de 164 mães e acrescentou dados ao verificar que o grupo acima mencionado apresenta conflitos quanto ao papel materno, sua separação dos filhos, cuidadores e trabalho.

Em pesquisa com 112 crianças de primeira série, Moorehouse (1991) analisou um modelo de relação entre o emprego materno e a competência escolar da criança através da variável “atividades compartilhadas”. Os resultados indicaram que atividades compartilhadas frequentes podem compensar características disruptivas do trabalho materno ou transmitir benefícios psicológicos do trabalho para a criança. Os autores reforçam a necessidade de modelos ecologicamente apropriados para estudar os processos familiares e as influências ambientais do desenvolvimento.

Investigando famílias de violadores de regras (*boundary violators*), Fish, Belsky e Youngblade (1991) encontraram que estes podem ser diferenciados pelo emprego materno precoce e extensivo em sua infância, baixo suporte trabalho/família, positividade conjugal decadente no primeiro ano de vida da criança e maior apego inseguro mãe-criança no primeiro e terceiro anos de vida.

Os autores Baydar e Brooks-Gunn (1991) pesquisaram a relação entre o emprego materno nos três primeiros anos de vida dos filhos e seu desenvolvimento, considerando os diversos arranjos no cuidado das crianças. O emprego no primeiro ano teve efeitos

prejudiciais ao desenvolvimento cognitivo e comportamental das crianças, independentemente de gênero ou grau de pobreza. Os arranjos no cuidado da criança afetaram os resultados cognitivos e comportamentais. O cuidado pela avó foi o arranjo mais benéfico para o desenvolvimento cognitivo de crianças pobres. Considerando aspectos comportamentais, o cuidado materno foi o mais benéfico para meninos e a babá, mais benéfica para as meninas.

Em 1993, Williams e Radin investigaram o efeito do envolvimento paterno e o emprego materno sobre o comportamento de adolescentes de 59 famílias. O trabalho materno no início foi considerado um preditor mais forte do desempenho acadêmico e expectativa dos filhos que o envolvimento paterno. O emprego materno de meio período mostrou-se a melhor opção em relação às expectativas acadêmicas.

Em 1995, Duckett e Richards realizaram uma pesquisa que investigou a relação entre o emprego materno e estados subjetivos, auto-estima e sentimento mãe-filhos em 55 filhos de mães solitárias (separadas, divorciadas ou solteiras). Crianças de mães que trabalham fora em tempo integral relacionaram-se a sentimento mais positivo entre mães-filhos que crianças de mães não-empregadas. Emprego materno em tempo integral relacionou-se a maior auto-estima e afeto cotidianos mais positivos. Embora o emprego materno não esteja relacionado ao tempo passado com a mãe ou a proximidade geral da relação mãe-filho, relacionou-se a mais afeto positivo com a mãe, mais tempo passado com o pai e maior percepção de amistosidade com o pai.

O artigo de Scarr (1998) trata do tema das instituições de cuidado de crianças, considerando o conflito de interesses entre o emprego materno e o desenvolvimento infantil. Compreendendo que o tipo de cuidado oferecido pelas instituições é variado, os autores constataram que essas diferenças têm apenas um pequeno efeito sobre o desenvolvimento momentâneo da criança e não demonstra impacto a longo-termo, exceto em crianças em desvantagem, cujas famílias as colocam em situação de risco.

Em um estudo longitudinal com 57 mães em bebês entre 23 e 27 meses, Symons (1998) concluiu que mães que retornara ao emprego após seis meses do parto apresentaram maiores escores de apego seguro que outras díades e maiores escores de sensibilidade que mães que não voltaram a trabalhar até dois anos após o parto. Mães que retornaram após seis meses do parto relataram menos stress parental em relação à criança, menor manejo evasivo e menos problemas de exteriorização que outras mães.

Em pesquisa com 63 famílias, Grych e Clark (1999), investigando as relações entre o emprego materno e o relacionamento entre pai e filhos, encontraram que pais

cujas esposas não trabalhavam fora ou trabalhavam em tempo parcial foram mais sensíveis e responsivos a suas crianças enquanto esposos de mulheres empregadas em tempo integral exibiram afeto e comportamento mais negativos. Observaram, ainda, que pais cujas esposas não estavam empregadas foram mais positivos em sua interação quando felizes no casamento, enquanto esposos de mulheres empregadas em tempo parcial ou integral apresentaram relação negativa entre o comportamento parental e a qualidade conjugal.

O estudo de Harvey (1999) examinou os efeitos do emprego parental precoce sobre os filhos. Trabalhar mais horas relacionou-se com ligeiramente menor desenvolvimento cognitivo aos nove anos e menores índices de desempenho acadêmico antes dos sete anos, mas não teve relação significativa com problemas de comportamento, adequação ou auto-estima da criança. O emprego parental precoce parece ser um pouco mais benéfico para mães solteiras e famílias de baixa renda. Considerou-se que o emprego parental precoce pode afetar positivamente a criança aumentando a renda familiar.

Os autores Santana, Loomis e Newman (2001) investigaram se a dupla carga de trabalho (no ambiente profissional e no ambiente doméstico) constitui fator de risco potencial para sintomas psiquiátricos em mulheres. Concluíram que as variáveis relacionadas ao trabalho estão bastante relacionadas a altos escores de morbidade psiquiátrica, mediando inclusive a relação da morbidade com as variáveis ser casada e ter filhos pré-escolares.

A equipe de Dy-Hammar e cols. (2001), por sua vez, analisou o impacto dos arranjos de jornada de trabalho sobre a saúde da família. As novas tendências da jornada de trabalho estão afetando diretamente a saúde dos trabalhadores, causando fadiga e estresse, com implicações significativas para o bem-estar das famílias de trabalhadores.

Ainda em 2001, Bergman e Scott concluíram que os fatores socioeconômicos relacionados a renda e trabalho parental afetam os comportamentos de risco à saúde e os relatos de preocupações dos adolescentes, enquanto têm pouco impacto sobre outros aspectos de seu bem-estar.

Na China, Wang (2002) realizou um estudo com 134 estudantes universitários com irmãos e 126 sem irmãos, criticando a política de uma criança por casal adotada neste país desde 1979. A maior parte daqueles habitava áreas rurais, enquanto a maior parte destes habitava áreas urbanas. Gênero e renda familiar anual não se relacionaram à personalidade em ambos os grupos, tampouco a ordem de nascimento entre estudantes

com irmãos. Por outro lado, o escore de depressão relacionou-se positivamente com neuroticismo-ansiedade e agressão-hostilidade, mas negativamente com o status da ocupação parental e renda familiar anual. Os resultados indicaram que a medida de controle demográfico de uma criança por casal afeta os traços de personalidade e o humor depressivo em estudantes com irmãos.

Em pesquisa junto a 145 mães australianas e seus primogênitos, Harrison e Ungerer (2002) avaliaram a associação entre aspectos do emprego materno e segurança do apego mãe-bebê em combinação com fatores como a sensibilidade materna, fatores demográficos, maternos, infantis e do cuidado infantil. Os resultados indicaram que mães que expressaram maior comprometimento com o trabalho e menos ansiedade quanto a utilizar cuidados não familiares para a criança, que retornaram mais cedo ao trabalho, têm maior probabilidade de ter crianças seguras.

Estudando o sobrepeso infantil no sul do Brasil, Drachler, Macluf, Leite, Aerts, Giugliani & Horta (2003) realizaram uma pesquisa bibliográfica que enumerou as seguintes relações:

- Associação entre sobrepeso na criança e melhores condições sócio-econômicas familiares, indicadas por escolaridade dos pais, qualificação profissional, trabalho materno, renda familiar e utilidades domésticas, como telefone;
- A prevalência de sobrepeso na criança é maior quando a criança é o primeiro filho, vive somente com o pai ou com a mãe, a idade materna ao nascimento da criança é menor ou igual a vinte anos, moram mais de três crianças no domicílio e o peso ao nascimento é maior do que 3.500 gramas.

Os resultados de suas pesquisas devem ser considerados com atenção, devido ao uso de padrões norte-americanos (californianos), mas trazem interessantes conclusões:

- A chance de sobrepeso na criança foi mais do que o dobro quando a escolaridade materna era maior do que o ensino fundamental, comparada à escolaridade menor ou igual a quatro anos.
- Quando a mãe possuía trabalho remunerado, a chance de sobrepeso na criança foi menor do que quando a mãe não trabalhava, mesmo no modelo final que leva em conta a idade da criança, escolaridade materna, renda familiar, idade materna e peso ao nascimento.

- Já a renda familiar evidenciou associação positiva com a chance de sobrepeso na criança, que foi o dobro nas famílias com dois ou mais salários mínimos per capita, comparadas às com menos de um salário.

Para abordar a questão do emprego materno, Hill, Waldfogel, Brooks-Gunn e Han (2005) compararam os dados de quatro padrões de emprego materno: não trabalhar nos primeiros três anos pós-parto, trabalhar apenas um ano após, emprego em tempo parcial no 1º ano e emprego integral no 1º ano. Os resultados indicaram pequenos, mas significativos efeitos negativos do emprego materno para o desenvolvimento cognitivo da criança para empregadas em tempo integral no 1º ano em comparação a emprego após um ano.

Em 2006, Dearing, McCartney e Taylor investigaram associações entre a renda familiar e problemas de interiorização e exteriorização infantis em dados de pesquisa com 1132 casos. Variações dos efeitos da renda foram consideradas como função de quando as famílias eram pobres, quando as mães eram casadas e o número de horas que a mãe e seu parceiro trabalhavam. Em geral, as crianças tiveram menos problemas de exteriorização quando a renda de sua família estava relativamente alta do que em tempos de renda menor. Os benefícios estimados da renda aumentada foram maiores para crianças cronicamente pobres. Tanto para problemas de interiorização quanto de exteriorização, a renda esteve mais fortemente associada aos problemas quando as mães das crianças cronicamente pobres estavam casadas e empregadas.

O estudo de Martinussen, Richardsen e Burke (2007) com 223 oficiais de polícia noruegueses através de questionário também constatou a interligação entre o contexto profissional e o familiar. Tanto a demanda de trabalho quanto recursos do trabalho relacionaram-se ao *burnout*, especialmente a pressão trabalho-família foi importante preditor para as três dimensões de *burnout*. *Burnout* constituiu preditor de resultados individuais (queixas psicossomáticas e satisfação na vida) e de resultados no trabalho (satisfação profissional, intenção de sair e responsabilidade organizacional).

Em pesquisa de meta-análise de quatro décadas de literatura, Goldberg, Prause, Lucas-Thompson e Himself (2008) buscaram relacionar o emprego materno ao desempenho da criança segundo quatro perspectivas: testes formais de competências e funcionamento intelectual, notas e pontuação pelos professores sobre competência cognitiva. Os autores encontraram que em análise sem moderadores, os efeitos entre as variáveis não foram significativos. Pequenos efeitos benéficos do emprego em tempo parcial em relação ao de tempo integral foram notados. Moderadores significativos na

associação entre emprego materno e desempenho infantil consistiram a estrutura familiar, raça/etnicidade e nível socioeconômico. Análises do gênero da criança indicaram mais efeitos positivos para meninas, enquanto a idade da criança foi um moderador significativo para o resultado de funcionamento intelectual. Variáveis relacionadas, quando não consideradas em conjunto com suas variáveis moderadoras pode não mostrar relação estatisticamente significativa, o que surge apenas quando incluídas as variáveis moderadoras.

Como se pode observar, diversos estudos apontam para efeitos diferentes do trabalho materno sobre meninos e meninas (Vogel e cols., 1970; Woods, 1972; Miller, 1975; Gold & Andres, 1978; Stuckey, McGhee & Bell, 1982). Outros estudos constataram efeitos relativos aos primeiros anos de vida dos filhos (Baydar & Brooks-Gunn, 1991; Symons, 1998; Harvey, 1999; Hill, Waldfogel, Brooks-Gunn & Han, 2005).

Algumas pesquisas focaram questões bastante específicas, como a compreensão de papéis sexuais pelos filhos (Vogel e cols., 1970; Miller, 1975) e o efeito do trabalho materno para a escola (Tetenbaum, Lighter & Travis, 1981).

Como enunciado em pesquisas mais recentes (Goldberg, Prause, Lucas-Thompson & Himsel, 2008) a relação entre as variáveis relacionadas ao trabalho e o contexto familiar pode, sob muitos aspectos, ser notada antes da relação com a própria variável “trabalho”, talvez pela necessidade de se considerar um modelo mais compreensivo nas análises estatísticas. Muitos foram, portanto, os trabalhos em que as variáveis relacionadas apresentaram relação com o desenvolvimento dos filhos (Baruch, 1973; Hoffman, 1989; Tolman, Diekmann & McCartney, 1989; Scarr, Phillips & McCartney, 1989; Moorehouse, 1991; Grych & Clark, 1999; Santana, Loomis & Newman, 2001; Dy-Hammar e cols., 2001; Bergman & Scott, 2001; Wang, 2002; Dearing, McCartney & Taylor, 2006; Martinussen, Richardsen & Burke, 2007).

Algumas dessas variáveis, relacionadas ao trabalho, podem ser destacadas: formação materna (Howes, 1988), o desejo materno de trabalhar (Baruch, 1973; Hock & DeMeis, 1990) e a jornada de trabalho de meio período (Williams & Radin, 1993; Grych & Clark, 1999; Goldberg, Prause, Lucas-Thompson & Himsel, 2008).

Uma variável, que muitas pesquisas encontraram relacionada ao trabalho materno e ao desenvolvimento dos filhos foi, ainda, a “qualidade do relacionamento conjugal” (Tetenbaum, Lighter & Travis, 1981; Howes, 1988; Hoffman, 1989; Scarr, Phillips & McCartney, 1989; Fish, Belsky & Youngblade, 1991; Duckett & Richards, 1995; Grych & Clark, 1999).

Em geral, pode-se dizer que uma parte pequena da literatura indica a ausência de relação entre o trabalho e suas variáveis e o contexto familiar (Flynn, 1984; Maniraguha, 1998; McCord, McCord & Thurber, 1963; Baruch & Barnett, 1986). Grande parte dos estudos encontrou resultados que, para serem completamente compreendidos, precisam de aprofundamento ou ampliação dos objetivos (Baruch, 1973; Hoffman, 1989; Tolman, Diekmann & McCartney, 1989; Scarr, Phillips & McCartney, 1989; Moorehouse, 1991; Grych & Clark, 1999; Santana, Loomis & Newman, 2001; Dy-Hammar e cols., 2001; Bergman & Scott, 2001; Wang, 2002; Dearing, McCartney & Taylor, 2006; Martinussen, Richardsen & Burke, 2007). Alguns estudos afirmaram o prejuízo das famílias de mães trabalhadoras em fortes conclusões (Baydar e Brooks-Gunn, 1991; Williams & Radin, 1993). Finalmente, alguns estudos afirmaram benefícios para filhos de mães que trabalham fora (Duckett & Richards, 1995; Symons, 1998; Harvey, 1999; Harrison & Ungerer, 2002; Drachler e cols., 2003).

2.1 Carreiras profissionais e interações familiares

Desde o ingresso das mulheres no mercado de trabalho os estudos científicos têm se interessado cada vez mais sobre os efeitos do emprego materno sobre o desenvolvimento infantil. As pesquisas conduzidas sobre o tema nos anos 50 e 60 sofreram de séria fraqueza metodológica (Beyer, 1995), concluindo que as crianças cujas mães trabalhavam fora de casa sofreriam graves prejuízos nas diversas áreas de seu desenvolvimento. Nos anos 70, 80 e 90 os pesquisadores dedicaram-se à tarefa de procurar esclarecer a questão de quanto exatamente o trabalho materno afetaria o desenvolvimento da criança. Diversas variáveis moderadoras foram e estão sendo estudadas até hoje, na relação entre o trabalho materno e o desenvolvimento infantil.

No Brasil, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho formal se acentuou a partir dos anos 70. Se em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam, chega-se a 2002 com metade delas em atividade profissional formalizada (Fundação Carlos Chagas [FCC], 2002). Assim como os homens, as mulheres se distribuíram pelos mais variados setores de atividade, o que constitui uma das grandes dificuldades metodológicas de se investigar as particularidades de cada profissão sobre a interação familiar e o desenvolvimento dos filhos. Acrescenta-se a esta a regionalidade dos dados devido aos fatores cultural e econômico, e o grande número de possíveis variáveis mediadoras.

As pesquisas relacionando carreiras profissionais e interações familiares ainda têm muitas possibilidades de crescimento. Talvez a questão central para a produção de conhecimento a respeito das realidades familiares de diferentes profissionais seja a adoção de uma metodologia adequada. Se, por um lado, existe certa dificuldade em reunir grupos da mesma área e não negligenciar variáveis importantes para aquele grupo, por outro lado é ainda mais complicada a realização de pesquisas envolvendo diversos grupos ocupacionais.

Embora empiricamente esta pesquisa considere características agrupadoras do trabalho materno e, por motivos metodológicos, não tenha comparado formações específicas uma a uma, a fim de aproveitar dados a respeito de carreiras específicas esta revisão contemplou formações em Medicina, Direito, Psicologia, Odontologia e Pedagogia. As considerações podem fornecer aspectos para interpretações dos dados surgidos nesta pesquisa relativos a jornada de trabalho, contato com crianças na profissão ou autonomia profissional, por exemplo.

O volume de literatura a respeito é ainda relativamente pequeno considerando que os resultados dessas pesquisas estão fortemente relacionados a aspectos culturais e regionais, no entanto, nota-se que o interesse pelo tema existe em todo o mundo, ainda que em níveis ou com focos diferentes para cada profissão.

2.1.1 Médicos – Carreira em Medicina

Nos Estados Unidos, Limacher e cols. (1998) conduziram uma pesquisa que enfocou o público de médicos cardiologistas e encontrou indícios da relação família-trabalho. Eles investigaram, através de questionários junto a 964 mulheres e 1199 homens, suas decisões de carreira. Os dados revelaram que as mulheres relataram maiores responsabilidades familiares, além de menores taxas de satisfação e crescimento no trabalho. As mulheres relataram maior discriminação, maiores preocupações em relação à radiação e mais limitações devido às responsabilidades familiares.

Na Noruega, Gjerberg (2003) realizou um estudo que chegou a conclusões semelhantes. Este autor investigou como médicos equilibram suas responsabilidades de trabalho e família e comparou a forma como homens e mulheres combinam essas obrigações. Entre seus resultados, encontrou que para médicos homens, a probabilidade de tornar-se especialista diminuiu com o aumento do número de filhos. A transição do trabalho de jornada integral para meio-período foi primeiramente uma estratégia de acomodação às responsabilidades familiares, influenciada pela estrutura de

oportunidades e pelas diferentes especialidades. Ser casado com outro médico teve um impacto positivo sobre a carreira, especialmente para as mulheres.

No Chile, Bitran e cols. (2005) se concentraram sobre os estilos cognitivos e estilos de aprendizagem de médicos, que certamente afetam sua forma de se relacionar com a informação e com as pessoas. Sua amostra foi composta por 65 médicos formados em 2001. Seus resultados são de complexa análise. Com relação aos tipos psicológicos, enquanto na população em geral estão representados 15 a 16 tipos, mais da metade dos médicos se concentraram em três destes: IAPA (Introversão, Análise, Racional e Avaliativo), IASA (Introversão, Análise, Sentimental e Avaliativo) e IISA (Introversão, Intuição, Sentimental e Avaliativo). Entre os médicos predominaram os indivíduos com estilos cognitivos racionais – estilos prático-concreto e lógico-criativo tiveram aproximadamente 39% da amostra cada, enquanto estilos empático-concreto e empático-perceptivo tiveram aproximadamente 11% cada. Dos quatro estilos de aprendizagem, os mais comuns foram o assimilador, que aprende de forma teórica e reflexiva (44%), e o convergente, que aprende melhor resolvendo problemas (35%). O estudo constatou, ainda, que as características da personalidade também influem na escolha da especialidade médica.

Os autores Jovic, Wallace e Lemaire (2006) pesquisaram sobre a influência da geração e do gênero na medicina, através de entrevistas e questionários com 54 médicos e residentes de Alberta, Canadá. Seus dados quantitativos sugerem a existência de poucas diferenças entre gerações ou gêneros em relação ao equilíbrio vida-trabalho, às horas de trabalho e à atitude dirigida ao cuidado do paciente.

No Brasil, Moreira e cols. (2006) visaram identificar, através de 30 entrevistas semi-estruturadas com estudantes de diversos períodos do curso de medicina de uma universidade pública do nordeste brasileiro, as influências sobre as escolhas dos estudantes pelo curso de medicina. As influências identificadas foram a da família, em primeiro lugar, a identificação pessoal, a busca da independência financeira e de status profissional e o desejo de ajudar e ser útil às pessoas. Constatou-se que os estudantes percebem grande incentivo social após o ingresso na universidade. As queixas que surgiram já na universidade incluem volume de provas excessivo, aulas monótonas, professores desatualizados, o contato desgastante com pacientes terminais e com a morte e a solidão. Moreira e cols. (2006) salientaram, ainda, a importância da assistência psicológica para estudantes de medicina.

Voltando ainda mais cedo na trajetória de vida, Robb, Boynton e Greenhalgh (2007) realizaram recentemente um estudo que utilizou entrevistas de narrativa biográfica da vida com 45 adolescentes de 16 anos que planejavam cursar medicina. Cinco influências no desenvolvimento da identidade acadêmica e ambição médica foram definidas: a esfera privada (família que valoriza o estudo), a escola (professores que inspiram e são referência), amigos e pares (compartilham aspirações), recursos psicológicos (maturidade, determinação, resiliência) e experiências como imigração, mudança de escola, ou proximidade com a doença ou a morte.

Todas essas pesquisas não permitem traçar o perfil familiar de médico e médicas, mas permitem identificar parte de suas motivações e formas de trabalho que indicam variáveis importantes para a realização de novas pesquisas, como:

- Índice de depressão - devido especialmente ao contato com a morte, antes e após o ingresso na carreira e às tensões características da responsabilidade sobre a vida de outras pessoas;
- Índice de altruísmo e habilidades sociais (como motivadores e suporte para a permanência na carreira);
- Ambiente familiar anterior (enquanto motivador e formador de repertório) e posterior (como mantenedor e em relação à característica racional e introvertida encontrada) à escolha de carreira e;
- História acadêmica (enquanto motivador e formador de repertório, estilo de aprendizagem e resiliência).

2.1.2 Advogados, juízes, promotores – Carreira em Direito

Uma autora, em especial, foi encontrada pesquisando o tema da carreira de direito em relação ao contexto familiar. Wallace (2004), partindo do princípio de que mulheres na carreira de direito são menos comprometidas e menos bem-sucedidas em suas carreiras devido às responsabilidades familiares, comparou-as a mulheres sem filhos. Para isso, a autora utilizou o método de entrevista junto a 33 mães participantes de uma pesquisa maior em Alberta, Canadá. Os resultados, contrários à expectativa, revelaram que mulheres mães apresentaram maior compromisso com o trabalho que as outras mulheres.

Em seguida, a autora abordou o tema estresse no trabalho, depressão e conflito trabalho-família (2005). Neste artigo, as conclusões foram baseadas sobre questionários respondidos por 1201 advogadas e advogados casados que trabalhavam em jornada

integral em Alberta em junho de 2000. Seus locais de trabalho foram diversos, associações, sociedades, escritórios de grandes empresas e serviço público. Seu objetivo foi: (1) determinar se o modelo DCT (Demanda-Controle de trabalho - Karasek, 1979) se aplica ao conflito trabalho – família (enquanto aquele gerado quando a pressão no trabalho se torna incompatível com as responsabilidades familiares), (2) incorporar as variáveis específicas deste âmbito com relação às demandas de trabalho e ao controle no trabalho; (3) examinar um espectro mais amplo de diferentes formas de apoio social. Seus resultados mostraram que o modelo DCT ajuda, de fato, a explicar o conflito trabalho - família. O apoio do cônjuge tem o efeito mais forte sobre a depressão e o conflito trabalho - família, enquanto o apoio de colegas funciona como um moderador das demandas de trabalho dos advogados que têm efeitos amortecedores e amplificadores.

Em 2006, Wallace publicou um artigo de pesquisa com 135 mães e 180 não-mães, também de Alberta, realizada através de um questionário enviado por correio que questionava se as mulheres advogadas empregadas em empresas poderiam ter filhos, uma carreira satisfatória e uma vida equilibrada. Sua conclusão foi positiva. As advogadas mães mostraram-se igualmente satisfeitas com a carreira e relatam o mesmo grau de vida equilibrada que aquelas que não tiveram filhos. Uma das explicações levantadas foi de que as mães procuram empresas mais tolerantes com as necessidades familiares (controle sobre as horas de trabalho, disponibilidade ou arranjos de trabalho alternativos e jornadas mais curtas).

A autora (Wallace, 2008) ainda publicou um estudo similar àquele descrito primeiramente, comparando então o comprometimento de mães e pais advogados. Os resultados mostraram que pais relataram mais demandas de trabalho do que as mães em geral, enquanto mães relataram mais demandas da família. O controle do trabalho e o suporte social não moderaram a relação entre demanda de trabalho e família e compromisso dos pais e mães com a carreira. Talvez o achado mais importante deste estudo seja o de que as mães atuantes no direito foram significativamente mais comprometidas com a carreira do que os pais.

Finalmente, em seu artigo mais recente, Wallace e Young (2008) relataram uma pesquisa sobre filhos e produtividade entre advogados. Os autores examinaram como a presença de crianças está relacionada à produtividade de homens e mulheres, partindo da hipótese de que demandas familiares, recursos familiares e locais de trabalho amistosos para famílias também estariam relacionados à produtividade. Foi analisada a produtividade de 670 firmas de advocacia de Alberta e os resultados indicaram que mães

com filhos em idade pré-escolar são menos produtivas que não-mães, enquanto pais na mesma condição são mais. Enquanto o tempo gasto nos cuidados domésticos e cuidados com criança reduziu significativamente a produtividade feminina, houve poucos indícios de benefício por recursos familiares ou locais amistosos. Os pais pareceram se beneficiar mais, pois os recursos familiares relacionaram-se positivamente com sua produtividade e locais amistosos lhes permitiram mais tempo para o lazer.

2.1.3 Psicólogos – Carreira em Psicologia

Pesquisas relacionando as características da vida profissional e familiar de psicólogos já foram conduzidas por alguns pesquisadores no Brasil. Talvez investigar a própria realidade com este enfoque esteja mais acessível a esses profissionais, pois recebem na formação acadêmica o preparo para conduzir tais pesquisas.

Magalhães e Murta (2003) conduziram um estudo pré-experimental, de avaliação prévia e posterior a um programa de intervenção de promoção de Habilidades Sociais do qual participaram 13 estudantes de psicologia de uma universidade privada, cursando entre o quarto e o último período de graduação. Baseando-se em dados da literatura, sua preocupação reflete o interesse de melhorar a formação em psicologia e melhor preparar os profissionais para atuação:

Investigações sobre as possíveis diferenças no repertório de HS de estudantes de início e de término de curso mostraram indicadores semelhantes de competência interpessoal, sem diferenças significativas entre novatos e veteranos. Estes dados sugerem que essas habilidades podem estar sendo desconsideradas como requisitos da formação profissional de psicólogos ao longo do percurso acadêmico (Del Prette, A., Del Prette Z. A. P.; Castelo Branco, 1992; Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. e Correia, 1992).

Um desempenho profissional competente em psicologia requer o domínio de diversas classes de habilidades, tais como: a) habilidades técnicas de coleta e síntese de informações e de domínio de métodos de pesquisa e de habilidades estatísticas; b) habilidades analíticas de raciocínio e pensamento crítico, questionamento, avaliação e julgamento; e c) habilidades interpessoais de trabalho, como habilidades de coordenar grupos, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, mediar conflitos e promover o desenvolvimento e a aprendizagem do outro (Del Prette & Del Prette, 2001; McGovern, Furumoto, Halpen, Kimble e McKeachi, 1991).

Os resultados de Magalhães e Murta (2003) indicam que, ainda que os psicólogos utilizem muito das relações interpessoais em seu trabalho, sendo exigidos a desenvolver repertório de HS sob pena de insucesso na profissão, a intervenção deliberada para o desenvolvimento dessas habilidades parece estar sendo negligenciado em cursos de graduação na área. A intervenção proposta promoveu o desenvolvimento de HS nos participantes, haja vista que a maioria dos participantes apresentou aprimoramento no repertório de HS. Dentre os vários fatores de HS avaliados, no entanto, verificou-se que o autocontrole da agressividade foi o fator no qual ocorreu menos melhoria.

No intuito de investigar as diferenças de gênero entre psicólogos, Castro e Yamamoto (1998, p. 150), motivados por dados demográficos que indicavam um aumento de 16,2% da representatividade feminina no ensino superior (superando os homens em 1%), realizaram um estudo exploratório junto a psicólogos do Rio Grande do Norte. Os autores embasaram da seguinte forma suas hipóteses:

A literatura registra algumas das tentativas de interpretar tais preferências relacionadas ao gênero. Ferreti (1976), no conjunto de hipóteses com as quais trabalha, sugere que as carreiras masculinas são as de maior remuneração e prestígio no confronto com as femininas. Por outro lado, no momento mesmo da escolha da carreira, haveria uma diferença nas expectativas dos candidatos com relação às suas próprias possibilidades, sendo as do sexo feminino mais baixas, o que levaria à configuração de carreiras femininas. (...) Rosemberg (1984) afirma que são diferenciadas as formas de inserção profissional dos homens e mulheres - entrando aí um conjunto de variáveis que incluem, entre outras, a da "segunda jornada de trabalho" e do significado da maternidade.

Os resultados de Castro e Yamamoto (1998) indicaram diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito ao exercício profissional, ao regime de trabalho, à remuneração, às áreas de atuação, entre outros aspectos. Confirmam o status de profissão feminina da psicologia: "a discrepância entre a situação dos homens e mulheres sugere uma restrição por parte do mercado de trabalho em relação à variável gênero nos seus diversos aspectos, tais como remuneração, regime de trabalho, encargos familiares versus atuação profissional e dificuldade de absorção pelo mercado de trabalho, entre tantos outros". Os autores salientam, ainda, outro aspecto interessante, a maioria dos homens ocupa as áreas mais tradicionais – psicologia clínica e do trabalho - enquanto que as mulheres, embora numa porcentagem pequena, estão ocupando (exclusivamente) novas áreas, como é o caso de psicologia hospitalar.

Com objetivos mais próximos ao desta pesquisa, Oliveira e Caldana (2004) utilizaram o método de entrevistas do modelo história de vida temática com cinco profissionais graduadas em psicologia (com atuação profissional na área clínica de orientação psicanalítica e com filhos de idade entre quatro e dez anos) para investigar a relação entre a maternidade e a prática profissional. Diversos aspectos dessa relação foram discutidos em seu trabalho:

- A narração da própria história: “O olhar para a própria infância, adolescência e de si mesmas enquanto filhas, como também da família de origem, aparece filtrado e reinterpretado a partir do conhecimento teórico sobre o universo psicológico e o desenvolvimento emocional”.
- A imagem dos filhos: “O enfoque sobre as emoções e sobre o modo como a criança está lidando com estas é sempre evidente. Interpretam comportamentos do filho a partir de seu referencial teórico, lançando mão de conteúdos e conceitos psicológico-psicanalíticos. Evidencia-se um ideal de criança calcado na imagem da extroversão, no sentido da expressão das emoções no ambiente e na relação com o grupo de pares.”
- A responsabilidade como mãe:

“A concepção de que os pais deverão suprir as necessidades da criança e oferecer condições para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo retoma o já referido modelo ideal de mãe no qual se entrevê a presença da formação, e parece trazer mais preocupação à mãe-psicóloga que procura se encaixar nesse ideal. A responsabilidade no papel de mãe vem então intensificada por estas concepções. (...) Por outro lado, a vivência intensa da responsabilidade tem as culpas e cobranças da mãe para consigo mesma, relativizadas por concepções em outra direção: o entendimento de que as atitudes maternas dependem de uma “condição interna” fora do controle da própria pessoa, e não de conhecimentos ou intenção deliberada e consciente, desobrigando de uma cobrança auto-imposta de corresponder a modelos ideais. Dessa maneira, o mesmo referencial que *aprisiona* a mãe-psicóloga também a *liberta*.” (p.589)
- A relação percebida entre profissão e família: “Quando indagadas diretamente acerca das interferências da formação profissional no exercício da maternidade, as entrevistadas consideram que o contato com todo o ‘conhecimento psicológico’ acrescenta outra dimensão às experiências vividas, passando a integrar indissociavelmente a visão de mundo da mãe-psicóloga, e torna impossível o exercício da maternidade à sua revelia.” As entrevistadas destacaram, ainda, a

possibilidade de fazer uso de sua própria aprendizagem para fornecer ao filho oportunidades diferenciadas. Um exemplo é a expressão de emoções e a possibilidade de uma relação autêntica e intensa, com mais continência às necessidades do filho, considerando isso como um ganho e um diferencial em relação à mãe leiga. No entanto, quando convidadas mais diretamente a fazer um balanço, as mães acabam por enfatizar aspectos negativos deste contato, apontando para a sobrecarga de uma *psicologização* de suas vivências como mãe.

- A maternidade modificando a esfera profissional e o trabalho da mãe como psicóloga: Este foi um aspecto trazido espontaneamente pelas mães, que afirmaram a modificação da atuação profissional através da vivência da maternidade, referindo-se a mudanças na forma de se relacionar com seus pacientes, em especial as crianças, e maior empatia com as mães que atendem, como também na releitura e compreensão num outro nível do conhecimento teórico.

2.1.4 Cirurgiões-dentista – Carreira em Odontologia

A pesquisa de Bastos (2003) teve por objetivo determinar o perfil profissional dos 98 cirurgiões-dentistas de Bauru, constatar se há a adoção de medidas educativo-preventivas de caráter coletivo na prática destes profissionais e determinar o grau de satisfação profissional, através de um questionário contendo questões abertas e de múltipla escolha.

O autor (Bastos, 2003) encontrou que parte da amostra escolheu a odontologia como profissão por afinidade (24%), enquanto 14% escolheu por influência de familiares, 12% por desejo de ajudar aos outros, 11% por se tratar de profissão autônoma e 10% por expectativas de retorno financeiro. Os resultados demonstraram que os profissionais ainda não despertaram para a importância do direcionamento do profissional para a educação e a prevenção na sua prática, principalmente a nível coletivo.

O perfil predominante do profissional foi daquele que trabalha no consultório particular próprio (38,8%) ou por arrendamento (25,5%), sendo que 26,5% atende em algum convênio ou cooperativa e apenas 12,2% trabalham na rede pública. Embora 63,3% tenham afirmado que se sentem realizados profissionalmente, apenas 12,2% sentem-se financeiramente realizados. Segundo eles, as competências em que se sentem menos preparados são o manejo de pacientes, os aspectos legais, éticos e

administrativos. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos cirurgiões-dentistas é a alta competitividade e saturação do mercado de trabalho.

O estudo de Freitas, Kovalesski e Boing (2005) também menciona um déficit no ensino odontológico brasileiro por excesso de tecnicismo em detrimento de aspectos fundamentais, como a prevenção, uma relação paciente-profissional mais humanizada e a própria ética do cotidiano. Esses autores entrevistaram uma amostra composta por 42 formandos em odontologia entre 22 e 28 anos conforme o método clínico piagetiano acerca de um dilema entre vida e lei com o objetivo de avaliar seu desenvolvimento moral.

A maior parte dos entrevistados, 21 alunos (ou 50% da amostra), foi enquadrada no segundo estágio de desenvolvimento moral, no qual a pessoa descobre interesses em conflito, porém coloca uma moralidade individualista e instrumental regulando esses interesses. Sabe-se que as soluções unilaterais, baseadas na obediência a regras ou normas externas de maneira absoluta são inadequadas para resolver problemas do dia-a-dia. O sujeito no segundo estágio percebe interesses próprios a cada indivíduo que podem não coincidir com os interesses de outros. Para resolver conflitos estas pessoas partem para um individualismo instrumental, ou seja, preconiza a troca de favores como explicação de suas ações ou trata a todos de forma indiferenciada.

Segundo Freitas, Kovalesski e Boing (2005), as consequências dessa debilidade na formação podem ser desastrosas para os dentistas, pois pode ocorrer uma inversão de valores: a vida passa a ser secundária em relação ao interesse particular do indivíduo. Cotidianamente, o profissional encontra-se diante de dilemas envolvendo os mais diversos valores. Atribuir a tarefa de lidar com as contradições e regular interesses antagônicos a este profissional é potencialmente perigoso para os clientes e para a comunidade.

Assim, em relação aos cirurgiões-dentistas, a literatura destaca a preocupação com as incertezas em relação à empregabilidade, à renda, e insegurança nas relações com pacientes e pares, além do aspecto relacional (como motivador para a carreira, como o desafio do manejo de pacientes e como o obstáculo da competitividade) e do aspecto burocrático como relevantes no estudo de sua identidade profissional.

2.1.5 Professores – Carreira em Pedagogia

Descrevendo em geral a realidade e a carreira do professor, Sousa Neto (2005) critica:

“Poderíamos dizer que essa é uma das profissões que mais tem crescido nesses anos ora considerados como os da sociedade do conhecimento. Em todos os setores e situações o processo de formação permanente tem se tornado uma necessidade ao exercício de qualquer profissão, por isso poderíamos até dizer que para as milhões de coisas que há para fazer com os novos artefatos técnicos e científicos é preciso que haja professores. (...) O centro da insatisfação daqueles que permanecem no ofício passa pelos salários que remuneram mal a profissão, uma profissão em que certo dia se percebeu não salários, mas proventos que se igualavam aos ganhos de desembargadores. E assim, aos salários aviltantes se credita a ideia de que ser professor é uma coisa menor, desqualificada e desqualificante, podendo-se exercer o ofício de qualquer modo, como se ganhar pouco justificasse ao fim e ao cabo o descompromisso e a apatia.”

A pesquisa de Souza Filho (2005) enumerou alguns aspectos significativos relacionados à carreira dos professores. Sua amostra foi composta por 90 professores do Rio de Janeiro, de ensino fundamental privado, público e superior público. Segundo ele, uma grande clivagem na atividade docente pode ser realizada entre trabalhadores do setor privado ou público, e também entre os níveis de ensino fundamental e universitário, de maneira que se considera mais adequada a comparação entre professores de ensino fundamental privado e público e, em menor medida, entre estes últimos e o universitário. Souza Filho (2005) enumera ainda outro ponto relevante: a influência das representações a respeito do professor como indivíduos sobre sua própria auto-imagem.

Embora não tenham sido encontradas referências abundantes do grupo de professores em relação às suas práticas parentais, essa questão pode ser interessante para pesquisas, considerando que os professores recebem preparo para a educação de crianças e adolescentes, mas também constituem uma das categorias a qual se atribui maior tensão no trabalho.

2.2 Questões metodológicas

Como já foi mencionado, investigar diferenças entre diversos grupos ocupacionais apresenta como dificuldade a necessidade de uma ampla amostra, controlando inúmeras variáveis (sócio-demográficas e específicas de cada arranjo de trabalho materno), a fim de assegurar a qualidade dos dados.

Sabe-se, ainda, que as categorias escolhidas ainda podem apresentar nuances significativas, como a possibilidade de profissionais ligados ao direito atuarem na magistratura, na promotoria, na defensoria, em empresas ou mesmo no escritório, de

professores atuarem no serviço público, na iniciativa privada ou ainda no ensino complementar, além as inúmeras especializações possíveis na profissão médica, por exemplo.

Na condução desta pesquisa optou-se, então, por investigar tanto as diferenças e semelhanças entre mães que atuam somente nos afazeres domésticos e aquelas que atuam no mercado de trabalho, como também as características de mães conforme grupos de formações e profissões semelhantes nos critérios autonomia profissional, cuidado de crianças na profissão, contato com o público, jornada de trabalho e grau de formação, entre outros. Também os pais foram incluídos nesta pesquisa, de maneira secundária e a fim de investigar o papel da variável “práticas paternas”.

A escolha entre a utilização do termo ocupação ou trabalho também foi aspecto de consideração desta pesquisa. Em consulta ao dicionário Aurélio da língua portuguesa (Ferreira, 2004) o termo ocupação encontrou seis possíveis significados, dentre os quais a) Ato de ocupar-se, de trabalhar em algo; b) Atividade, serviço ou trabalho manual ou intelectual realizado por um período de tempo mais ou menos longo; c) ofício ou função remunerada; trabalho, serviço. Um único significado destoa dos anteriores: Ato de apoderar-se alguém, legalmente, de coisa móvel (ou semovente) sem dono, ou porque ainda não foi apropriada, ou por haver sido abandonada.

O termo trabalho encontrou 21 possíveis significados, entre estes: a) O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão, etc.. b) Trabalho remunerado ou assalariado; serviço; c) Local onde se exerce essa atividade. Entre os significados mais variados desta palavra encontram-se: Bruxaria; Qualquer obra realizada, Ação contínua e progressiva duma força natural, e o resultado dessa ação; e Fenômeno ou conjunto de fenômenos que ocorrem num organismo e de algum modo lhe alteram a natureza ou a forma.

Na literatura científica sobre o tema, muito mais abundante no idioma inglês, o termo trabalho (do inglês *employment*), usado mais frequentemente, refere-se na maior parte das vezes a pesquisas que compararam mães com e sem trabalho externo ou remunerado. O termo emprego, em português, é pouquíssimo utilizado, possivelmente pela dupla conotação da expressão “mãe empregada”, que poderia referir-se a empregadas domésticas. O termo ocupação (ou *occupation*), menos usado que trabalho, referiu-se principalmente à comparação entre campos ou áreas de atuação.

Diante dos aspectos descritos, considerando como variáveis desta pesquisa tanto o fato de a mãe estar trabalhando fora ou ser dona-de-casa, como as diversas características do trabalho materno (contato com o público, cuidado de crianças na profissão, autonomia profissional, jornada de trabalho, permanência no mesmo cargo etc.), optou-se por utilizar o termo ocupação. Essa escolha busca refletir a busca por maior coerência ao incluir-se as donas de casa como uma ocupação e também demonstrar que, embora categorias profissionais não tenham sido comparadas individualmente, através da análise das características da ocupação materna pode-se explorar diferenças entre campos ou áreas de atuação.

3 VARIÁVEIS DO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

3.1 Habilidades Sociais

Embora não haja consenso quanto à definição de habilidades sociais (HS), o termo HS geralmente é usado para designar um conjunto de capacidades comportamentais aprendidas que envolvem interações sociais (Del Prette & Del Prette, 1999). Para estes autores, as HS abrangem relações interpessoais, incluindo a assertividade (expressão apropriada de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos) e as habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação e de desempenhos interpessoais nas atividades profissionais.

A fim de permitir melhor avaliação e pesquisa a respeito das habilidades sociais, Del Prette e Del Prette (2000) elaboraram o Inventário de Habilidades Sociais (IHS). O IHS foi construído a partir do levantamento das situações que são mais pertinentes ao conceito de habilidades sociais e de pesquisas realizados pelos autores com universitários. Os 42 itens deste instrumento de medida englobam variados contextos (público, privado ou indefinido), diversos tipos de interlocutores (familiar, desconhecido, autoridade, dentre outros) e variadas demandas interpessoais (reações a comportamentos desejáveis ou indesejáveis do interlocutor e emissões que não dependiam da ação explícita do interlocutor).

3.2 Escolha Profissional

O trabalho é um aspecto de grande importância na vida das pessoas, no entanto a possibilidade de escolher uma profissão é relativamente recente, de forma que para grande parte da população surgiu a partir do século XIX com a Revolução Industrial (Moura, 2004). Diversas correntes teóricas da psicologia se desenvolveram na tentativa de facilitar a adaptação entre o sistema produtivo e as necessidades individuais, acompanhando seus contextos históricos e culturais.

Diversos autores atentam para as rápidas mudanças sociais que conduziram adolescentes, cada vez mais jovens, à árdua tarefa de escolher uma carreira profissional dentre um número crescente de opções (Lucchiari, 2003; Moura, 2004). Nesta etapa, além de serem abaladas muitas idealizações, é preciso desenvolver habilidades para lidar com perdas e escolhas: integrar-se ao mundo adulto, solucionar a questão ocupacional, emancipar-se da família, buscar relações amorosas satisfatórias e desenvolver o autoconceito (Cavallet, 2006).

Segundo Lucchiari (2003), o adolescente faz a escolha que lhe é possível no momento, sem grande consciência das influências que sofre ou informações suficientes sobre a profissão que está escolhendo.

A respeito do autoconhecimento, Moura (2004) descreve os seguintes aspectos que devem ser contemplados a fim de ajudar o adolescente em sua escolha profissional: a) quem sou eu – quem fui, quem sou e quem pretendo ser; b) qual o meu projeto de vida; c) como me vejo no futuro desempenhando meu trabalho; d) expectativas da família e expectativas pessoais; e) meus gostos, interesses e valores. A respeito do conhecimento da realidade profissional, os pontos principais são: a) objetivos da profissão; b) atividades específicas permanentes e ocasionais; c) características do curso de formação; d) áreas de especialização; e) mercado de trabalho. Sousa Neto (2005) acrescenta a essas, a dimensão da contribuição social e política da atividade escolhida. Lucchiari (2003) complementa, ainda, incluindo um terceiro aspecto que se acrescenta ao autoconhecimento e ao conhecimento das profissões, o conhecimento das implicações de uma escolha (abandonar outras opções e agir de forma a viabilizar a concretização da escolha).

Diante de tantos aspectos a considerar, os pais geralmente não sabem como ajudar:

“Alguns fazem imposições e outros deixam o adolescente ‘livre’ para fazer suas escolhas. Por outro lado, a escola tenta fornecer informação, mas não ajuda o adolescente a vencer etapas no processo de decisão. E por fim, o próprio adolescente, que vive o conflito, acaba cedendo às exigências ou seguindo modismos em suas escolhas, não conseguindo tomar uma decisão baseada na análise de suas potencialidades e possibilidades frente ao conhecimento das profissões.” (Moura, 2004, p. 22)

Gradualmente os programas de orientação profissional e as escolas vêm se adaptando à compreensão do processo de orientação focado no autoconhecimento e engajamento do adolescente. Embora existam razões favoráveis ao uso de testes vocacionais, mais quantificados, mais objetivos, menos emocionais e mais rápidos, seu uso é cada vez menor. Por outro lado, foram desenvolvidos instrumentos de *feedback* e avaliação para auxiliar a orientação profissional na modalidade clínica. Um desses instrumentos, já bastante consolidado para a realidade brasileira é a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMP (Neiva, 1999). Essa escala é composta de 45 itens, avaliando atitudes e conhecimentos em cinco subescalas (determinação,

responsabilidade, independência, autoconhecimento e conhecimento da realidade educativa e socioprofissional), sendo 23 itens positivos e 22, negativos.

Devido à complexidade do tema, à extensão dos instrumentos e ao objetivo assumido, esta pesquisa não utilizou escalas, mas um questionário a fim de descrever a escolha profissional dos participantes, gerado a partir da literatura (Neiva, 1999; Cavallet, 2006) e da etapa preparatória desta pesquisa.

3.3 Desempenho acadêmico

Se, por um lado, a inserção da mulher no mercado de trabalho aconteceu em ritmo acelerado, acompanhando esse movimento, a preocupação com o desenvolvimento acadêmico dos filhos também foi foco da atenção no final do século XX. Inúmeras pesquisas relacionaram o tema a aspectos da vida familiar e da criança.

No ambiente acadêmico, a constatação da competência pressupõe um conjunto de critérios estabelecidos com base no perfil do aluno que a instituição planejou formar. Esses critérios formam a base para o julgamento das competências dos alunos analisados a partir de seu desempenho acadêmico (Magalhães & Andrade, 2006). A avaliação do desempenho constitui um enorme desafio nos meios educacionais (Capellini, 2001) e também na condução de uma pesquisa como esta. Fatores pessoais do aluno como estilos cognitivos, estresse, depressão, facilidade em determinadas disciplinas, fatores afetivos da relação entre professor-aluno e entre pares e as diferentes formas de avaliação disponíveis tornam complicada uma medida de desempenho compreensiva.

Inúmeras pesquisas relacionaram variáveis parentais ao desempenho acadêmico dos filhos em diversas regiões do mundo, com critérios de definição do desempenho acadêmico muito próprios.

A Tabela 1 apresenta algumas dessas pesquisas.

Tabela 1: Literatura a respeito da relação entre variáveis parentais e desempenho acadêmico

1949	Phearman	Em pesquisa com 94 estudantes de ensino médio, verificou que naquela época o ingresso no ensino superior estava relacionado ao tamanho da família, à ocupação do pai e ao nível de instrução dos pais.
1989	Dukes e Lorch	A disparidade emocional e ideológica dos adolescentes com os pais e a disparidade entre a importância atribuída ao desempenho acadêmico pelo adolescente e a satisfação com o desempenho acadêmico foram relacionadas à ideação suicida através das variáveis intervenientes da auto-estima, propósito na vida e duas formas de comportamento desviante (uso de álcool e distúrbios alimentares). Autoconfiança e comportamentos de uso de drogas e delinquência não provaram ser variáveis intervenientes significantes.

1991	Rogers, Parcel e Meneghan	Estudo com uma amostra composta por 521 mães que trabalham fora e seus filhos de 4 a 6 anos que concluiu que controle no local de trabalho da mãe e seus recursos pessoais para controle podem influenciar a interiorização do controle nas crianças.
1992	Trice, Knapp	Em pesquisa com 250 crianças e adolescentes, buscaram relacionar a ocupação dos adultos residentes na mesma casa com as aspirações de carreira das crianças e adolescentes. Os resultados indicaram que a similaridade entre a aspiração dos sujeitos e as ocupações maternas foi maior do que com a ocupação paterna.
1994	St.Pierre, Herendeen, Moore, Nagle	Estudando o efeito da ocupação parental e do gênero do sujeito sobre a percepção de nove ocupações selecionadas, os autores constataram a existência de estereótipos, ou seja, indícios de que a ocupação dos pais afeta a representação dos filhos das carreiras profissionais.
1995	Beyer	Revisão de literatura que apresenta um modelo para a influência do trabalho materno sobre o desempenho acadêmico dos filhos através dos estilos parentais enquanto variáveis mediadoras. Além dos estilos parentais enquanto mediadores, são propostas como variáveis moderadoras: carga horária semanal, estabilidade no emprego, satisfação profissional, gênero da criança, comportamento do pai, <i>status</i> socioeconômico, tamanho da família e escolaridade materna. O estudo ressalta a importância de <i>designs</i> de pesquisa variados para a avaliação de variáveis moderadoras, imprescindível no estudo das implicações da ocupação materna.
1998	Gottfried, Fleming e Gottfried	Dados de uma pesquisa longitudinal a respeito do início da adolescência foram utilizados para construir equações estruturais que revelaram que crianças cujas casas têm grande ênfase sobre as oportunidades e atividades de aprendizagem estavam mais intrinsecamente motivadas academicamente.
2000	Aunola, Stattim e Nurmi	Amostra de 354 adolescentes de 14 anos que responderam a questionário e inventário. Os autores concluíram que adolescentes de famílias autoritativas aplicaram estratégias de solução mais adaptativas, caracterizadas por baixos índices de passividade, de comportamentos irrelevantes para a meta e baixa preocupação com o fracasso, além de maior uso de atribuições de autopromoção. Adolescentes de famílias negligentes, por outro lado, aplicaram estratégias mal-adaptativas caracterizadas por altos níveis de comportamento irrelevante para a tarefa, alta passividade e ausência de atribuições de autopromoção.
2004	Alencar, French e Feldhusen	Concluíram em sua pesquisa que embora o pai e a mãe tenham sido apontados por maior número de estudantes como as pessoas que mais admiravam, na maior parte dos casos não se constituíram como modelos para desenvolvimento do talento ou a escolha profissional dos estudantes.
2006	Scales e cols.	Através do acompanhamento de 370 estudantes da 7ª à 12ª série investigaram a relação dos recursos de desenvolvimento – relacionamento positivo, oportunidades, habilidades, valores e autopercepções – e o desempenho acadêmico (média escolar). Foi constatada relação positiva entre as variáveis consideradas.
2006	Zimmer-Gembeck e cols.	Utilizando o modelo de equação estrutural de variáveis latentes, os autores buscaram explicar a competência acadêmica de adolescentes. Constatou-se que a competência (entendida como compromisso mais desempenho acadêmico) é suportada pelo relacionamento na escola e pela percepção do adolescente de cada contexto enquanto promotor de autonomia, envolvimento e competência.
2006	Ong, Phinney e Dennis	Estudo que investigou a influência protetiva dos fatores psicológicos e familiares sobre o desempenho acadêmico em 123 estudantes universitários latino-americanos. Concluiu que estudantes latinos com maiores recursos psicológicos e familiares apresentaram melhor desempenho acadêmico. A identidade étnica e o suporte parental moderaram os efeitos do baixo nível socioeconômico sobre o desempenho acadêmico.

Na Tabela 1, diversos aspectos da influência da ocupação parental foram relacionados ao desempenho acadêmico dos filhos. A pesquisa de Beyer (1995), em

especial, fornece fortes subsídios para esta pesquisa. Além de propor o modelo explicativo conforme apresentado na Figura 1, a autora destacou o papel das pesquisas focadas na ocupação parental para o desenvolvimento de políticas públicas e para o sentimento dos pais em relação ao desempenho de seu papel. Beyer (1995) explica, ainda, as discrepâncias nos estudos relatados sobre o assunto devido à negligência do conceito e da pesquisa com variáveis mediadoras e moderadoras. Estas seriam as variáveis que afetam a direção e/ou força da relação entre uma variável independente e sua dependente. Variáveis mediadoras explicam como eventos físicos externos tomam significado psicológico interno. A preocupação metodológica dessa autora alerta, ainda, para possíveis erros como ignorar as variáveis *status* socioeconômico e jornada de trabalho.

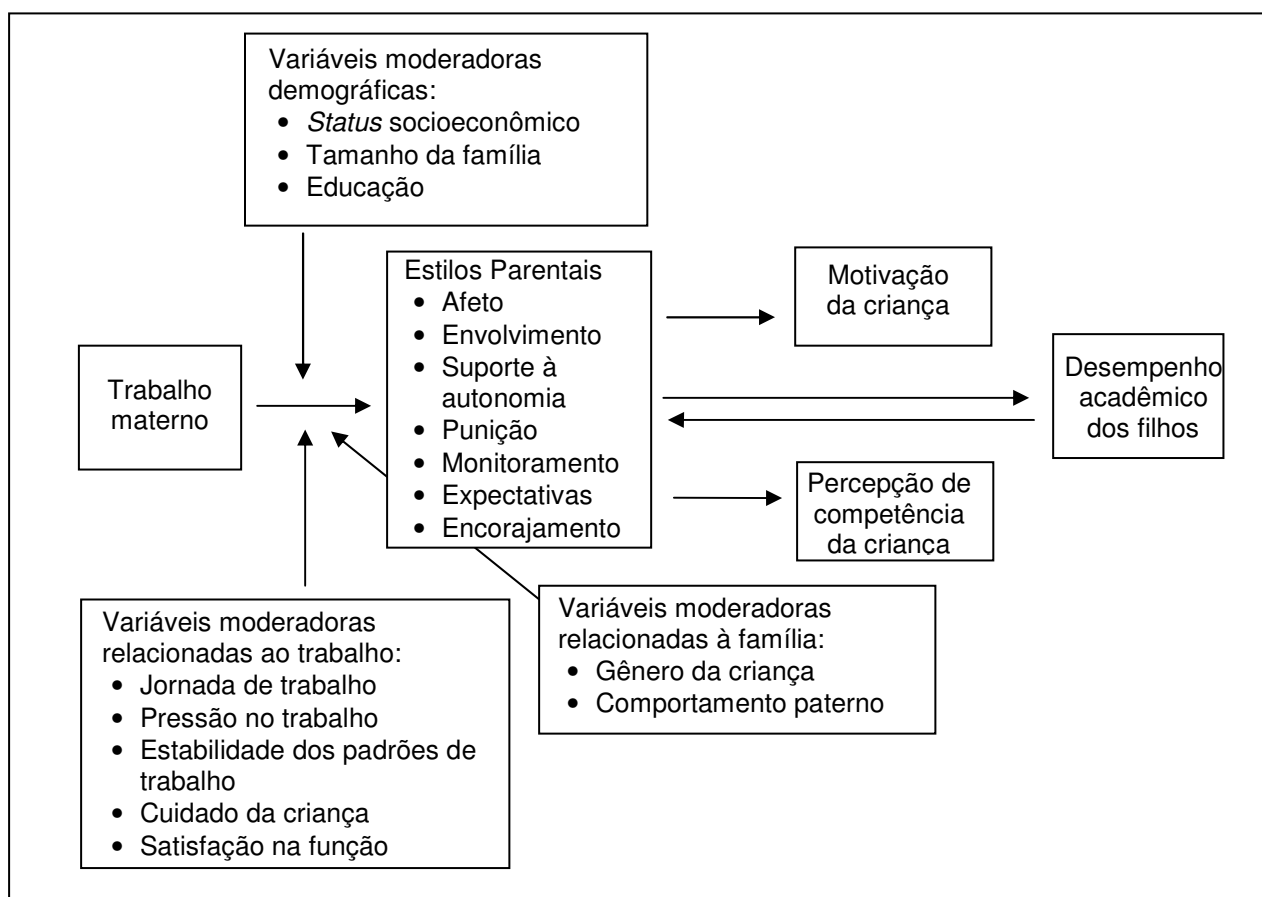


Figura 1 - Estilos parentais como mediadores do efeito do trabalho materno sobre o desempenho acadêmico dos filhos. (FONTE: Beyer, 1995, p. 215).

Por causa da complexidade em se definir um critério para medir o desenvolvimento acadêmico sem, para tanto, gerar um questionário demasiadamente

longo considerando as inúmeras variáveis que se buscou contemplar, nesta pesquisa optou-se por utilizar o desempenho auto-avaliado pelos próprios jovens. Essa forma de coleta pode afetar os resultados à medida que variáveis como a auto-estima exercem influência, mas também pode minimizar os efeitos dos diferentes sistemas de avaliação em diferentes escolas.

4 PROBLEMA E OBJETIVOS

O problema de pesquisa formula-se na seguinte questão: Em que medida as características da ocupação materna e suas práticas educativas afetam o desempenho acadêmico, social e a escolha profissional de filhos pré-vestibulandos segundo sua própria percepção.

A fim de buscar a compreensão do problema enunciado e adaptando um modelo a partir das variáveis encontradas como mais relevantes segundo a revisão de literatura, buscou-se correlacionar as variáveis da Figura abaixo.

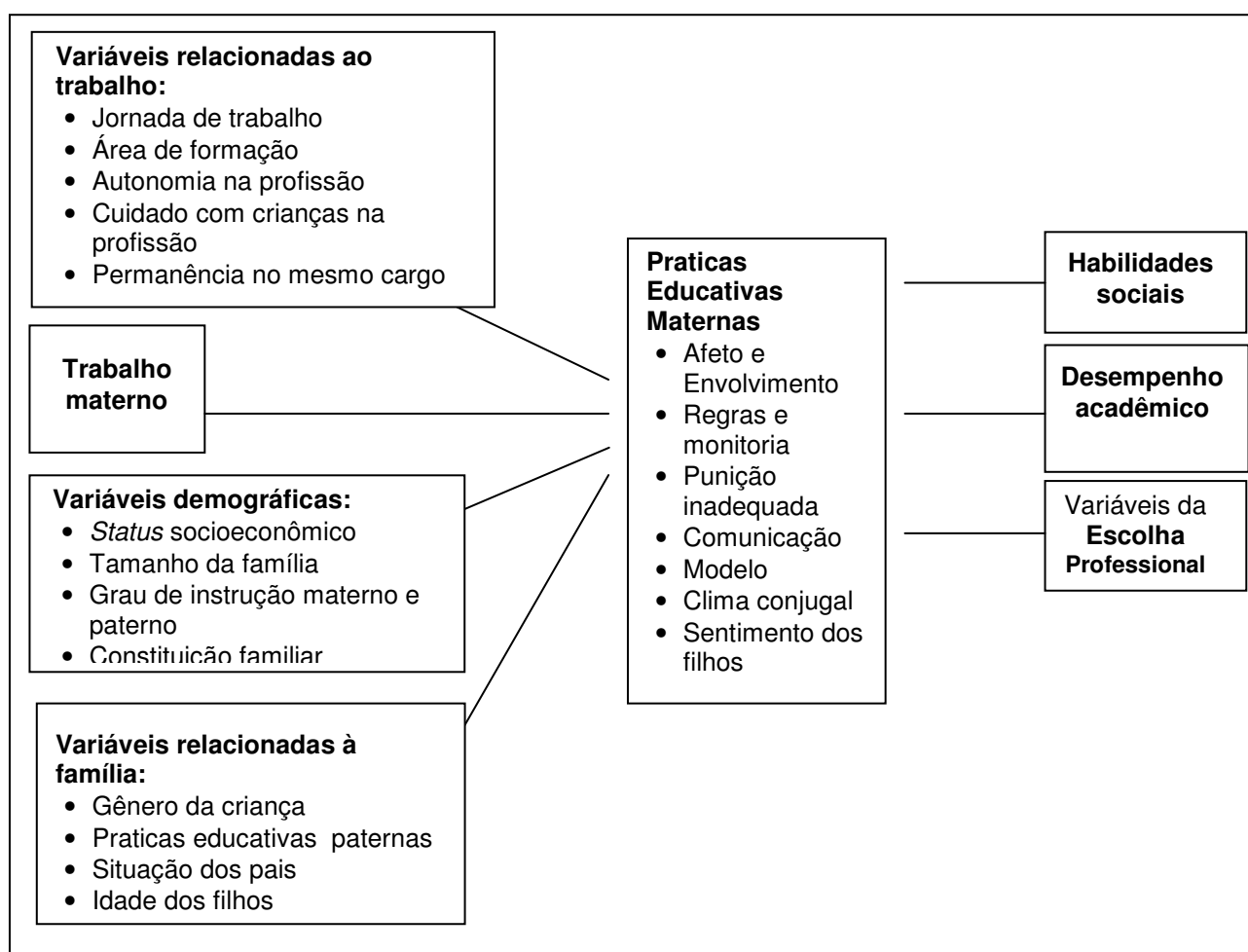


Figura 2 - Modelo adaptado de Beyer (1995), compreendendo as variáveis correlacionadas nesta pesquisa.

4.1 OBJETIVOS

4.1.1 Gerais

Analisar a relação entre o contexto ocupacional parental, a interação familiar de diferentes profissionais, e o desenvolvimento dos filhos, utilizando para interpretação o enfoque da análise do comportamento.

4.1.2 Específicos

- Descrever características sócio-demográficas e psicológicas de uma amostra de jovens recém-admitidos à universidade, “calouros”, da Universidade Federal do Paraná (Curitiba);
- Relacionar os dados sócio-demográficos de filhos (idade, sexo) e pais (grau de instrução, tamanho e constituição familiar, situação conjugal e nível socioeconômico) com o desempenho acadêmico, as habilidades sociais e a decisão profissional dos participantes, além das práticas educativas parentais segundo a percepção dos filhos;
- Relacionar dados ocupacionais das mães (formação, profissão, jornada de trabalho, autonomia profissional, cuidado de crianças e contato com o público na profissão) às suas práticas educativas conforme percebidas pelos filhos;
- Verificar se existem diferenças significativas para as práticas educativas parentais percebidas pelos filhos, as habilidades sociais dos filhos, sua escolha profissional e desempenho acadêmico autodeclarado entre mães donas de casa e mães que trabalham fora;
- Relacionar as práticas educativas parentais às habilidades sociais, à escolha profissional e ao desempenho acadêmico autodeclarado pelos filhos;
- Caracterizar grupos semelhantes segundo os comportamentos maternos e segundo os comportamentos juvenis a fim de identificar outras relações significativas e proporcionar melhor percepção em relação à amostra.

5 MÉTODO

5.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa foram 301 jovens recém-admitidos na Universidade Federal do Paraná (Curitiba) contatados durante os procedimentos de matrícula na Universidade Federal do Paraná. O método de coleta foi por conveniência, ou seja, sem outros critérios específicos, procurou-se convidar para participar alguns alunos de cada curso ofertado pela universidade. A idade dos participantes variou entre 14 e 26 anos, com mediana 18 e quartis 17 e 19 anos. A composição da amostra por gênero apresenta maior proporção de mulheres (62%) em relação a homens (38%). Os participantes representaram 35 cursos ofertados pela universidade, divididos entre 10 setores e 4 grandes áreas. Aproximadamente 19% dos participantes declarou seu desempenho como muito bom, 65% como bom e 16% como normal. Do total, 53% já teve experiências profissionais. Aproximadamente 19% fazem parte do nível socioeconômico A1 ou A2, 36% do B1, 30% do nível B2 e 15% encontram-se entre os níveis C1 e E.

5.2 Local

A coleta foi realizada em um espaço montado junto ao *hall* do edifício da UFPR na Praça Santos. Após a entrega de documentos e todos demais procedimentos de matrícula, realizados no subsolo, os estudantes passavam pelo *hall* onde foram recepcionados por alunos de seus cursos, seus “veteranos”, onde estavam expostas divulgações de projetos de extensão e da editora da universidade e também onde foram convidados a participar desta pesquisa.

5.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram as Escalas de Qualidade de Interação Familiar – EQIF (Weber, Salvador & Brandenburg, 2006) (Anexo 4), o Inventário de Habilidades Sociais - IHS (Del Prette & Del Prette, 2000) (Anexo 3), além de um questionário de identificação familiar formulado para esta pesquisa (Anexo 2) e do Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas, 2007) (Anexo 5).

O primeiro instrumento é composto por 40 questões, nas quais se atribui uma escala de frequências referentes à relação entre os pais (pai ou mãe) e o filho. Essas questões podem ser separadas em nove categorias, cada uma referindo-se a um tipo de comportamento relevante na análise das práticas parentais. São eles: envolvimento e

afeto, regras, punições inadequadas, comunicação positiva - iniciativa dos filhos, comunicação negativa, clima conjugal positivo, clima conjugal negativo, modelos, sentimento dos filhos. Os dados obtidos fornecem a medição de cada uma das dez variáveis, permitindo a exploração e a comparação mais objetiva do problema, bem como do índice geral. A EQIF contém ainda, uma questão aberta, que juntamente com questões abertas do questionário de identificação familiar, permitiu verificar aspectos específicos de algumas famílias não contemplados no questionário fechado, bem como coletar depoimentos e frases ilustrativas que complementam os dados quantitativos.

O Inventário de Habilidades Sociais é composto por 38 itens, cada um descrevendo uma situação social e uma reação a ela. Solicita-se nas instruções que o indivíduo faça uma estimativa da frequência com que ele reage da forma descrita em cada item, considerando o total de vezes em que se encontrou naquela situação, numa escala do tipo Likert, com cinco pontos que variam de nunca ou raramente (a cada 10 situações, reajo dessa forma no máximo duas vezes) a sempre ou quase sempre (em cada 10 situações, reajo dessa forma de 9 a 10 vezes). Assim, como as EQIF, o IHS constitui instrumento validado para a população visada e possui sistema próprio de correção e descrição. O IHS gera escores para cinco fatores: enfrentamento e auto-afirmação, expressão de afeto positivo, conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos e situações novas e, finalmente, autocontrole da agressividade.

O Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2007) é composto por nove itens que proporcionam um escore que pode variar de 0 a 46 e permite a categorização do nível sócio econômico familiar.

5.4 Procedimentos

O pesquisador solicitou pessoalmente a participação dos “calouros” na ocasião de sua primeira matrícula, apresentando a pesquisa, colocando-se à disposição para eventuais curiosidades ou dúvidas a respeito das proposições do questionário. Os participantes leram e assinaram o termo de consentimento informado (Anexo 1) para a utilização anônima de seus questionários. Essa aplicação durou de 20 a 40 minutos.

5.5 Análise de dados

Os dados foram sistematizados através do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences* versão 15). Foram geradas medidas descritivas (médias, medianas,

percentagens, desvio-padrão etc.), calculados escores totais por escalas, assim como foram realizados testes estatísticos para relacionar diversos resultados, conforme os objetivos descritos. Entre os testes utilizados estão os testes Qui-quadrado, ANOVA, Tukey, *t* de Student e correlação de Pearson.

Os resultados da etapa efetiva desta pesquisa serão apresentados e relacionados aos resultados mais significativos da etapa preparatória. Dessa forma, constarão os dados de identificação do grupo, os dados relativos às medidas obtidas através das escalas e o aprofundamento das informações das escalas que apresentaram maior significância nas comparações propostas para a segunda etapa deste estudo. As medidas estatísticas acompanham cada análise e para melhor compreender suas implicações, é importante observar o índice *p*, pois seu valor indica a probabilidade da diferença entre os grupos estar determinada pelo acaso. Ou seja, quanto menor o valor de *p*, maior é a certeza de que naquela variável os grupos apresentem diferenças consistentes.

6 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

A amostra, composta inicialmente por 301 jovens recém-admitidos à universidade, foi submetida a análises preliminares pelas quais se constatou a necessidade de exclusão de cinco casos. Os casos excluídos foram aqueles de participantes acima dos 26 anos de idade. Essa decisão levou em consideração a variável de pesquisa “Práticas Educativas”, mais relacionada ao período de infância e adolescência, e também o aspecto metodológico, uma vez que uma grande dispersão dos casos poderia prejudicar a análise estatística dos dados.

Após a seleção dos casos, a idade variou entre 14 e 26 anos, com mediana 18 e quartis 17 e 19 anos. Nenhum outro filtro foi aplicado na análise dos dados, apenas a exclusão dos casos que não continham resposta a uma ou mais questões das escalas ou variáveis consideradas em cada análise específica. Dessa forma, pequenas variações no tamanho da amostra podem ocorrer nas relações abaixo apresentadas.

A composição da amostra por gênero apresenta maior proporção de mulheres (62%) em relação a homens (38%). A diferença pode ser atribuída ao método de coleta por conveniência, uma vez que dados fornecidos pela própria Universidade Federal do Paraná a respeito do total de alunos ingressantes no processo seletivo 2008/2009 (N=5468) indicaram leve prevalência de homens (51,15%) em relação às mulheres (48,85%) ingressantes na Universidade.

A variável relativa ao curso superior pretendido revelou grande diversidade na amostra coletada e exigiu, para fins de análise, uma categorização. Os cursos foram agrupados primeiramente conforme os próprios setores da própria Universidade Federal do Paraná e, ainda, conforme áreas do conhecimento. A Tabela 2 apresenta a frequência de casos em cada curso, a Tabela 3 apresenta a frequência por setores e a Figura 3 apresenta a distribuição dos casos em quatro áreas do conhecimento.

Tabela 2: Frequência por curso superior a iniciar pelos jovens

Curso superior	N	%
Administração	8	2,8
Agronomia	6	2,1
Arquitetura	15	5,2
Biologia	9	3,1
Contábeis	4	1,4
Jornalismo	1	0,3
Publicidade	2	0,7

Comunicação Social	1	0,3
Design	2	0,7
Direito	6	2,1
Educação Física	4	1,4
Engenharia Civil	6	2,1
Engenharia Elétrica	2	0,7
Engenharia de produção	6	2,1
Filosofia	14	5,0
Geografia	9	3,1
Letras	15	5,3
Medicina	23	8,0
Medicina Veterinária	18	6,4
Música	1	0,3
Nutrição	17	5,9
Odontologia	8	2,8
Pedagogia	13	4,6
Psicologia	14	5,0
Química	13	4,5
Terapia Ocupacional	7	2,4
Informática	7	2,4
Oceanografia	6	2,1
Economia	9	3,1
Engenharia Florestal	4	1,4
Engenharia Mecânica	1	0,3
Biotecnologia	14	4,9
Física	10	3,5
Tecnologia em Sistema de informação	6	2,1
Subtotal	281	100,0
Não respondeu	14	
Total	295	

Tabela 3: Frequência de participantes por setor do curso a iniciar

Setor	N	%
Agrárias	28	10,0
Biológicas	13	4,6
Terra	15	5,5
Educação	13	4,6
Humanas, Letras e Artes	50	17,8
Jurídicas	6	2,1
Exatas	30	10,7
Sociais aplicadas	27	9,6
Saúde	55	19,6
Tecnologia	44	15,7
Total	281	100,0

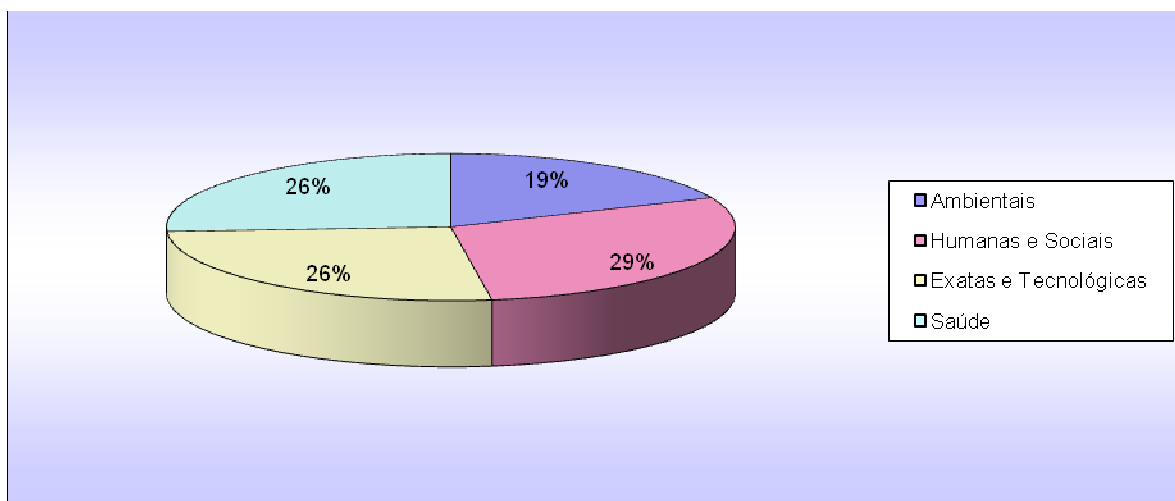


Figura 3 – Cursos a iniciar pelos jovens distribuídos por área do conhecimento (n=281).

Como se pode perceber na Figura 3, a distribuição de participantes por área do conhecimento escolhida foi bastante equilibrada. Quando indagados sobre o próprio desempenho acadêmico, apenas dois participantes responderam ser ruim. A Figura 4 apresenta o desempenho acadêmico dos participantes, ignorando esses dois casos.

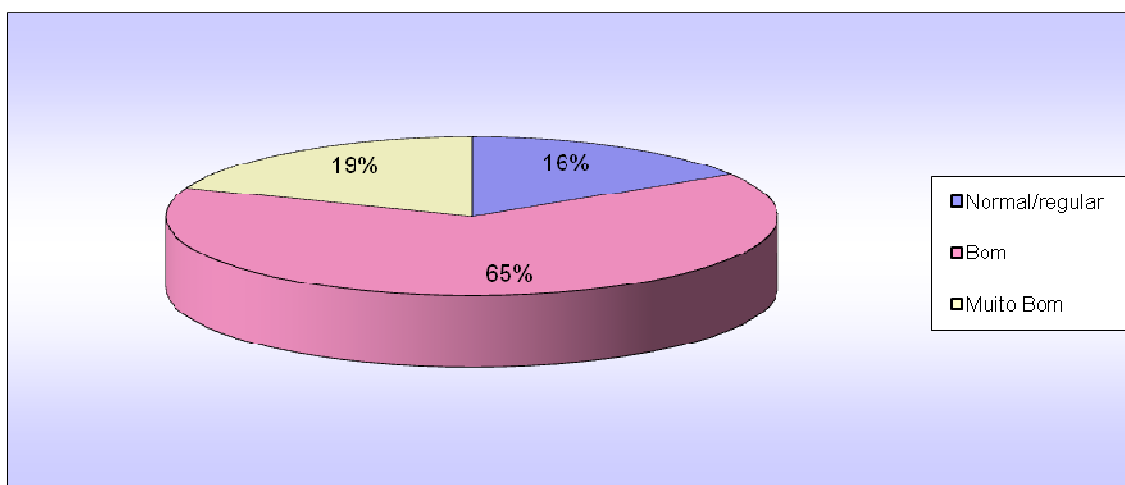


Figura 4 - Desempenho acadêmico autodeclarado pelos jovens participantes (n=294).

É importante ponderar que esse dado foi autodeclarado, de forma que a auto-estima e mesmo a emoção do momento de aprovação no vestibular podem influenciar a resposta.

Em relação à escolha profissional, foram coletados dados quanto a experiências profissionais prévias dos jovens e os fatores por eles considerados na escolha do curso. A Figura 5 e a Tabela 4 apresentam suas respostas.

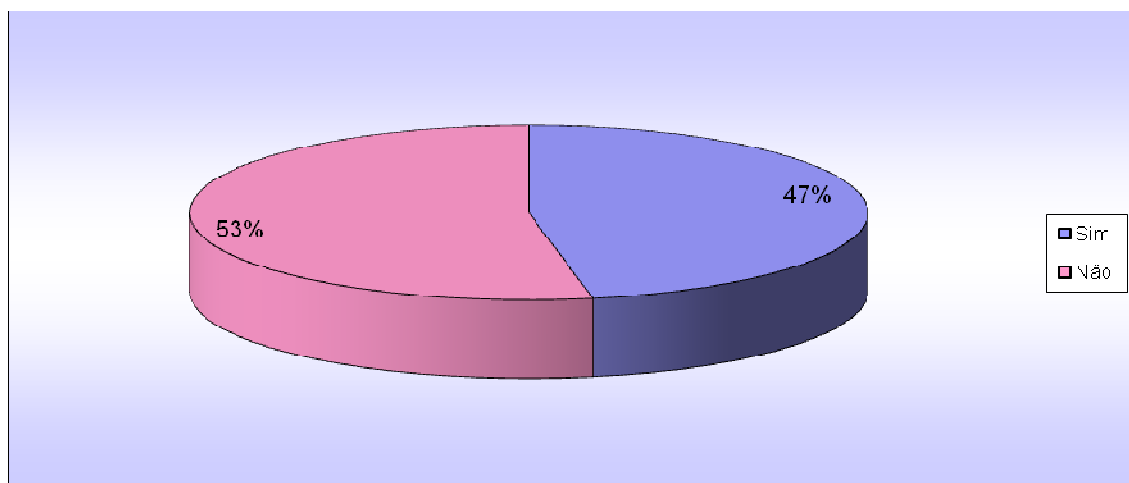


Figura 5 - Frequência de jovens com experiência profissional prévia (n=294).

Os dados desta amostra são bastante similares aos dados do universo de ingressantes na Universidade em 2008/2009, pois, conforme os dados disponibilizados, 50,38% dos calouros nunca trabalharam.

Ainda em relação ao universo amostral, 42% se consideraram completamente decididos, 21% muito decididos, 28% afirmaram estar decididos e 10% têm dúvidas entre duas ou mais opções. Dos 5468 ingressantes, 35% escolheram seu curso pela possibilidade de cursar algo do que gosta, 20% por possuírem habilidades relacionadas ao curso, 18% pelas condições de mercado e possibilidades salariais, 9% por gostar das matérias relacionadas e 8% pela possibilidade de contrubuir com a sociedade, 10% escolheram por outros motivos. Considerando que esses dados foram coletados através de questionário fechado, é importante compara-los aos dados coletados na amostra desta pesquisa.

Tabela 4: Fatores considerados pelos próprios jovens para a escolha profissional

Fatores para escolha	N	%
Gostos e preferências pessoais	178	65,0
Habilidades pessoais	40	14,6
Conhecimento aprofundado	10	3,6
Valores Morais (altruístas)	8	2,9
Orientação de autoridades (família, professores etc.)	9	3,3
Condições do mercado (vagas)	22	8,0
Condições do mercado (remuneração e status social)	7	2,6
Total	274	100,0

Os dados da tabela acima foram categorizados no momento da tabulação dos dados, pois essa questão e aquela relativa aos aspectos educacionais mais importantes na relação pais-filhos foram questões abertas no questionário. Este último dado está apresentado na Tabela 5.

Tabela 5: Aspectos educacionais mais importantes na relação pais-filhos segundo os jovens

Aspectos educacionais importantes	N	%
Envolvimento (respeito, carinho, diálogo, confiança)	195	69,6
Comunicação	24	8,6
Modelo	17	6,1
Estrutura familiar (pais unidos)	7	2,5
Dois dos acima	37	13,2
Total	280	100,0

Confirmando a importância de se buscar compreender a relação entre o ambiente familiar e o desenvolvimento acadêmico e social dos filhos, 14% do total de aprovados da Universidade apontou como principal recurso para a escolha profissional suas conversas com os pais.

Em relação à composição familiar dos participantes, diversos aspectos do cotidiano dos pais e da família dos jovens foram considerados. A Figura 6 apresenta a situação matrimonial dos pais dos jovens participantes.

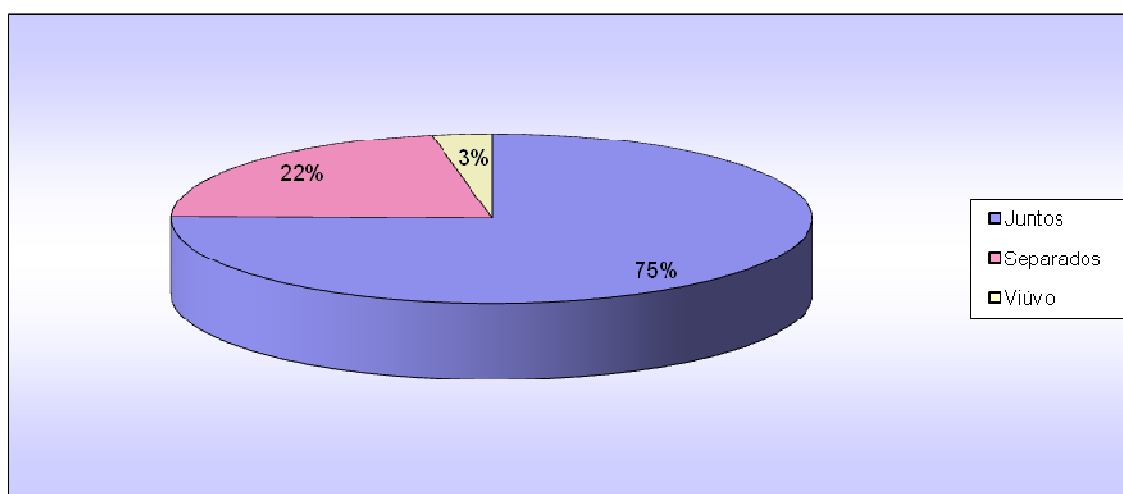


Figura 6 – Situação matrimonial dos pais dos jovens participantes (n=294).

As Figuras 7 e 8 apresentam dados a respeito da formação acadêmica das mães dos participantes, enquanto as Figuras 9 e 10 apresentam os dados dos pais. As Figuras

8 e 10 especificam a área da formação dos pais que completaram ensino superior, por isso corresponde apenas a parte da amostra.

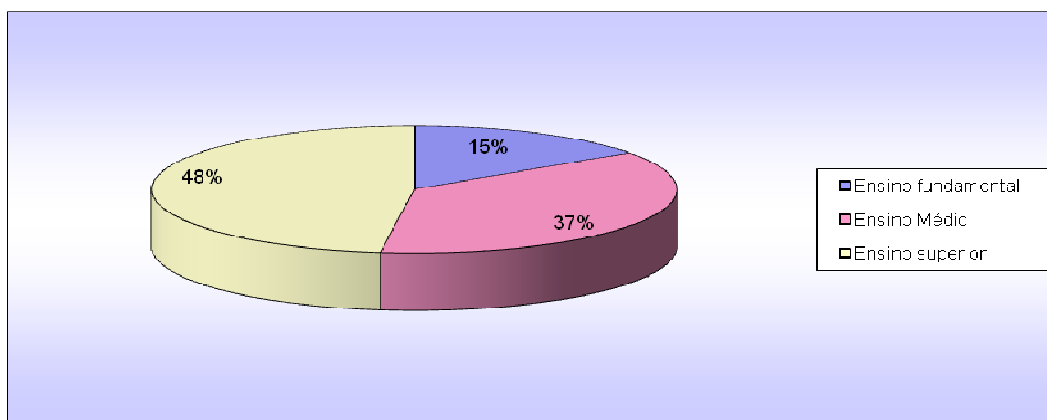


Figura 7 - Grau de formação acadêmica da mãe do participante (n=242).

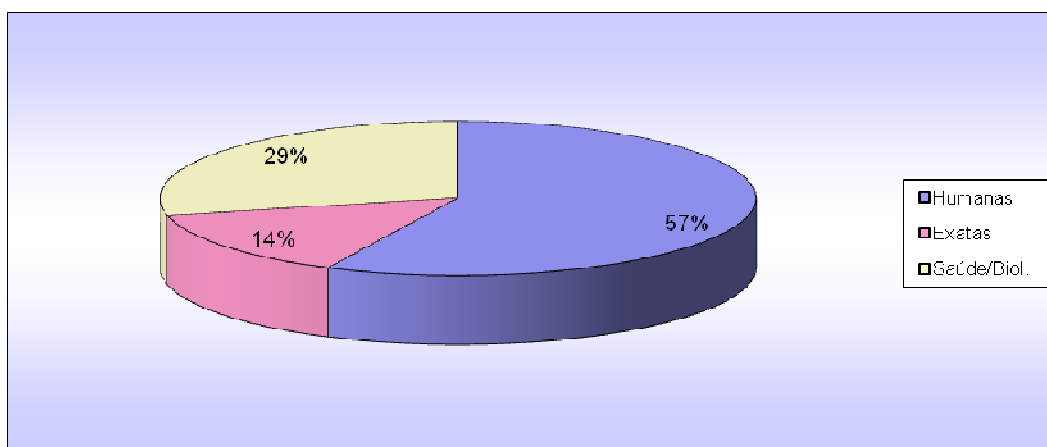


Figura 8 - Área de formação acadêmica da mãe do participante (n=70).

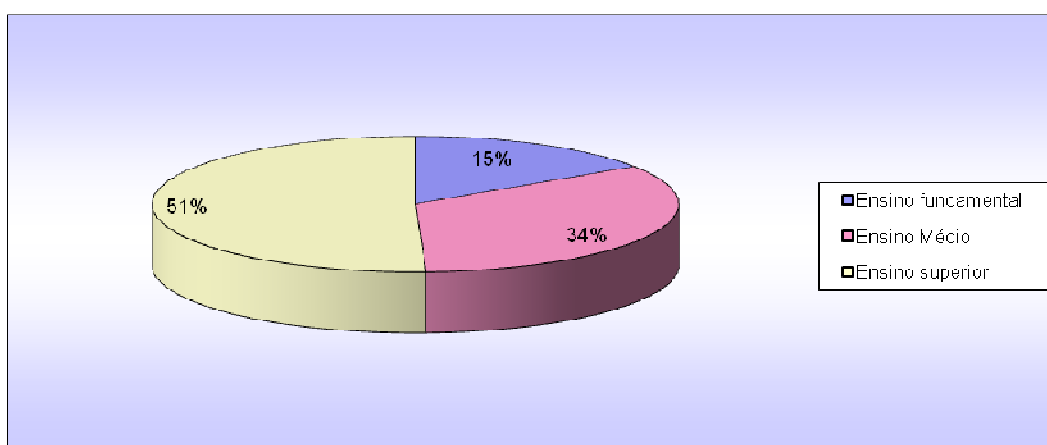


Figura 9 - Grau de formação acadêmica do pai do participante (n=237).

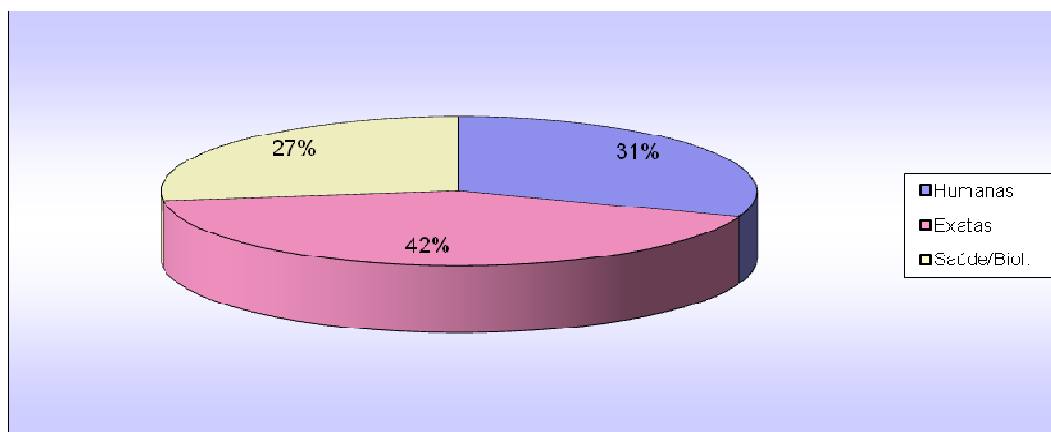


Figura 10 - Área de formação acadêmica do pai do participante (n=85).

Em comparação à Figura 8, os dados do total de calouros 2008/2009 indicou que 27% dos pais possuíam nível de instrução compatível com Ensino Fundamental, 34% nível Médio e 37% nível Superior. Em relação às mães, as porcentagens foram 28%, 34% e 37%, respectivamente. Uma pequena parcela dos ingressantes não souberam informar. Estes dados indicam diferenças nas frequências de grau Fundamental e Médio entre o total e a amostra, mas semelhança para o nível Médio de instrução.

Ainda através do questionário, os participantes descreveram a respeito de com quem moram, conforme a Tabela 6. A classe social das famílias foi obtida através da escala Critério Brasil, conforme a Figura 11.

Tabela 6: Familiares com quem moram os jovens participantes

Composição Familiar	n	%
Pai e mãe somente	21	8,2
Pai ou mãe somente	15	5,9
Pai, mãe e irmãos	150	58,8
Pai ou mãe e irmãos	32	12,5
Pai e mãe e outros familiares	23	9,0
Pai ou mãe e outros familiares	14	5,5
Total	255	100,0

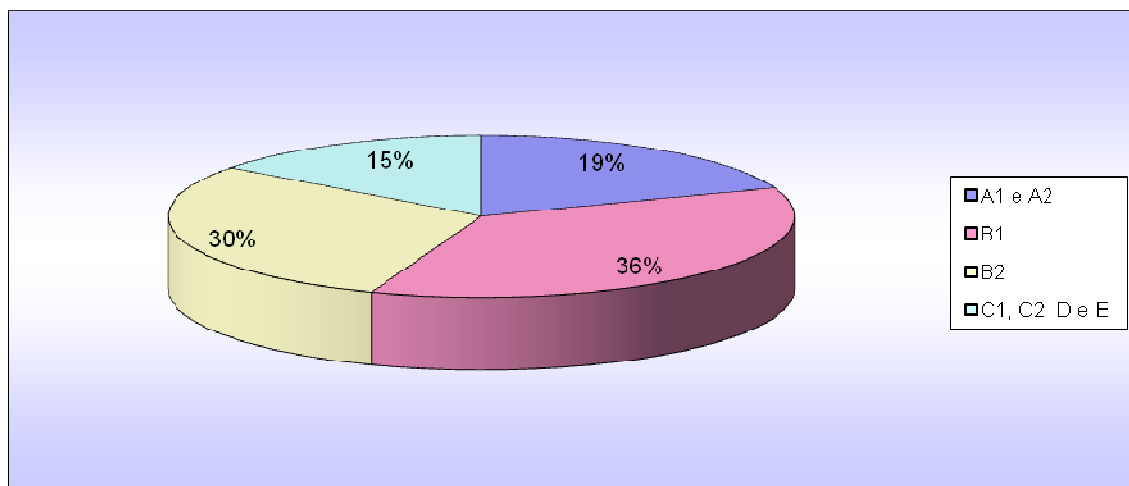


Figura 11- Classe social das famílias dos participantes conforme Critério Brasil (n=264).

Em comparação aos dados do universo de ingressantes, dado similar foi recolhido através da renda familiar total, segundo o qual 15% recebem mais de R\$ 6.641,00, 36% recebem entre R\$ 2.491,00 e R\$ 6.640,00, 42% entre R\$ 831,00 e R\$ 2.490,00 e 8% recebem menos de R\$ 830,00.

Em síntese, portanto, pode-se dizer que as características gerais desta amostra são: 18 anos ou próximo, 62% mulheres, 65% avaliam o próprio desempenho como bom, 53% já tiveram experiências profissionais, 65% escolheram o curso por preferências pessoais, 70% consideram algum aspecto do envolvimento como o fundamental na relação pais-filhos, 75% são filhos de pais que permanecem casados, 48% filhos de mães com formação superior, 57% delas na área de humanas, 58% dos jovens moram com pai, mãe e irmãos e 66% das famílias integram classe social B.

7 RELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS

A fim de organizar a apresentação dos resultados desta pesquisa, serão utilizados os agrupamentos as sequências das relações entre variáveis da Figura 12.

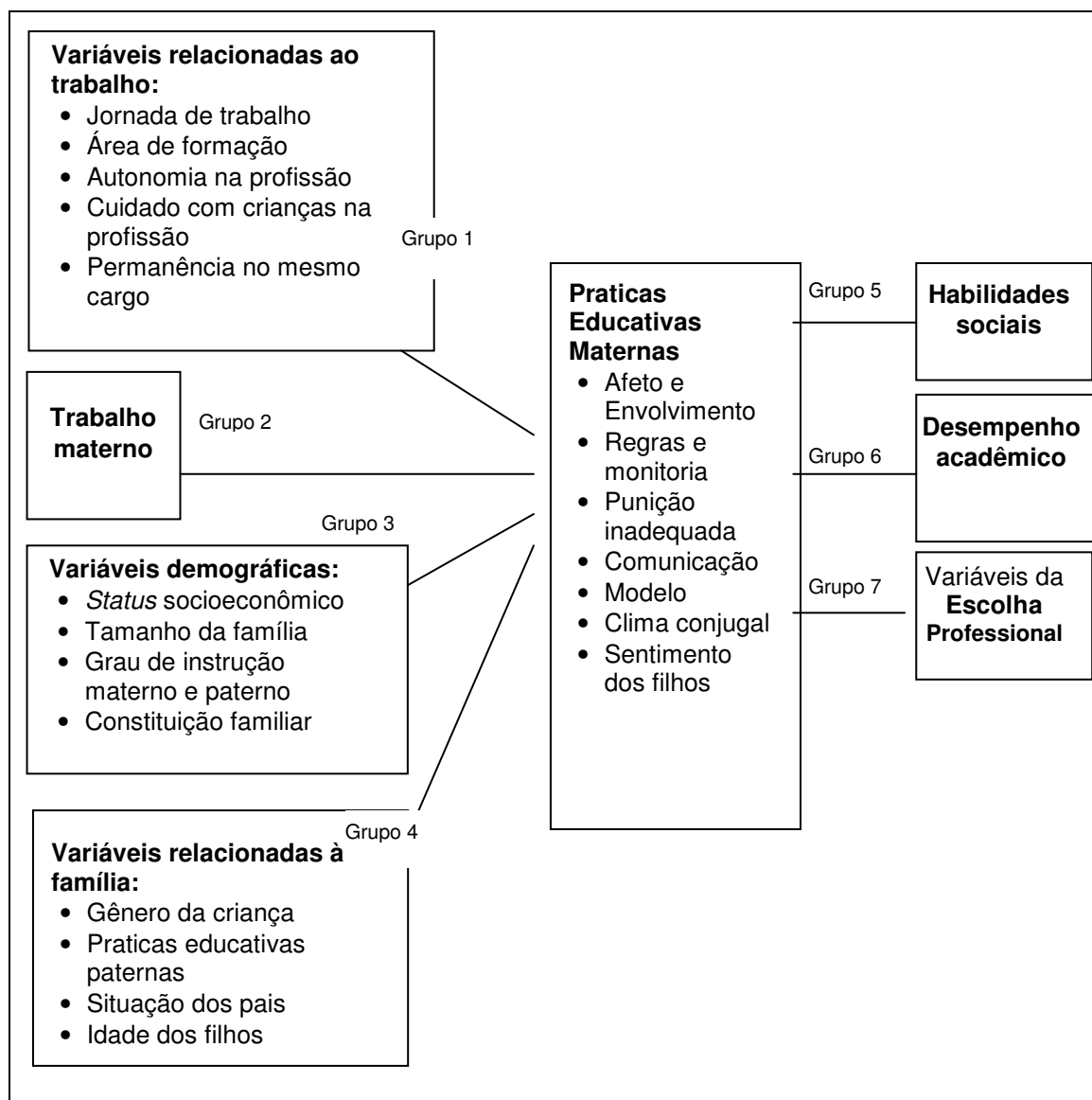


Figura 12 - Relações investigadas nesta pesquisa entre o contexto familiar, profissional e educacional.

7.1 Grupo 1: Variáveis relacionadas ao trabalho

Como autores concluíram em suas pesquisas (Greenberger & cols., 1995; Beyer, 1995), variáveis do trabalho, da família e demográficas podem atuar como mediadoras ou modeladoras dos efeitos da ocupação parental sobre as práticas educativas parentais. Esse efeito mediador ou modelador não pôde ser medido nesta pesquisa em virtude das exigências que esse tipo de análise requer para coleta e tratamento estatístico (como, por exemplo, variáveis escalares de 10 pontos). Tais dados foram, portanto, analisados através de testes de correlação e comparação entre grupos e suas relações com as variáveis estudadas puderam ser observadas individualmente. Ainda, através do método de Cluster, a amostra foi segmentada e os casos agrupados a fim de investigar os dados a partir de uma perspectiva diferente e novas considerações foram traçadas.

7.1.1 Jornada de trabalho e Práticas Educativas

A jornada de trabalho semanal materna foi, em média, cinco horas maior que a paterna ($t=3,7$, $p<0,001$). Essa jornada, em muitas famílias, pode ser ampliada considerando os cuidados da casa e dos filhos que recaem sobre as mães. Assim, a diferença entre jornada materna e paterna poderia ser ainda maior.

Tratada como dado escalar (por meio do teste de correlação de Pearson), a jornada de trabalho materna não se relacionou com qualquer prática educativa materna, apenas com a comunicação negativa do pai ($r=0,18$, $p<0,05$) e com o sentimento em relação ao pai ($r=-0,16$, $p<0,05$). Seria esse resultado o reflexo de queixa dos pais pela ausência materna, perturbando a comunicação e o clima familiar?

Tratada categorizada segundo os percentis 40 e 60 (Teste Anova) a jornada de trabalho se relacionou com a percepção dos filhos sobre a qualidade da mãe em ser “modelo parental” ($F=3,69$, $p<0,05$). Essa relação pode ser observada na Tabela 7.

Tabela 7: Escore médio de modelo materno segundo jornada de trabalho materno ($F=3,69$, $p<0,05$).

Jornada de trabalho materna categorizada	N	Escore Médio (Modelo)
Dona de casa ou jornada zero	40	12,1
Até 12h/semana	75	12,2
Entre 12h e 30h/semana	40	10,7
Mais de 30h/semana	77	11,4
Total	232	

Estes resultados reforçam as conclusões de Dy-Hammar e cols. (2001) indicando relações significativas entre o convívio familiar amplamente compreendido e a jornada de trabalho materna. Se, por um lado, jornadas maternas maiores afetam negativamente a relação pai-filhos, por outro lado os piores escores de modelos foram apresentados pelas mães com jornadas medianas, entre 12 e 30 horas semanais. Assim, a relação entre jornada de trabalho e qualidade de interação familiar pode não ser tão direta quanto parece: é possível que os filhos estejam mesclando os conceitos de “modelo parental” e “modelo profissional”. O fato de a mulher trabalhar profissionalmente vem adquirindo maior valor social e assim ser dona-de-casa ou trabalhar em jornada muito reduzida pode estar perdendo conceito junto aos jovens: seu ideal pode ser a mãe que consegue conciliar um trabalho sério e bem-sucedido à “carreira doméstica”.

7.1.2 Área de formação e Práticas Educativas

A área de formação materna foi categorizada em quatro grandes áreas e, em relação às nove dimensões do EQIF, relacionou-se apenas com “modelo”, tanto materno quanto paterno, conforme as Figuras 13 e 14.

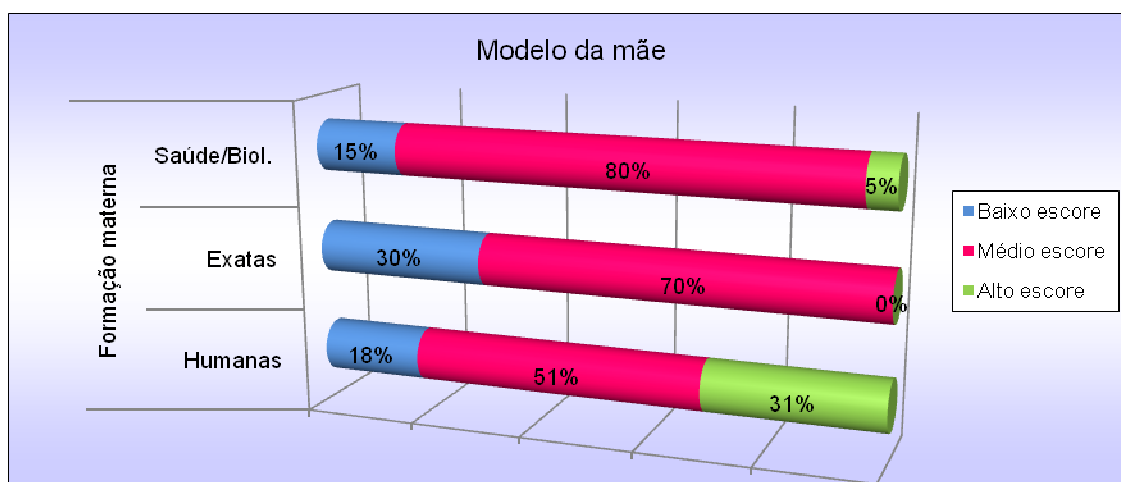


Figura 13 - Relação entre formação materna e modelo materno ($\chi^2=9,56$, $gl=4$, $p<0,05$).

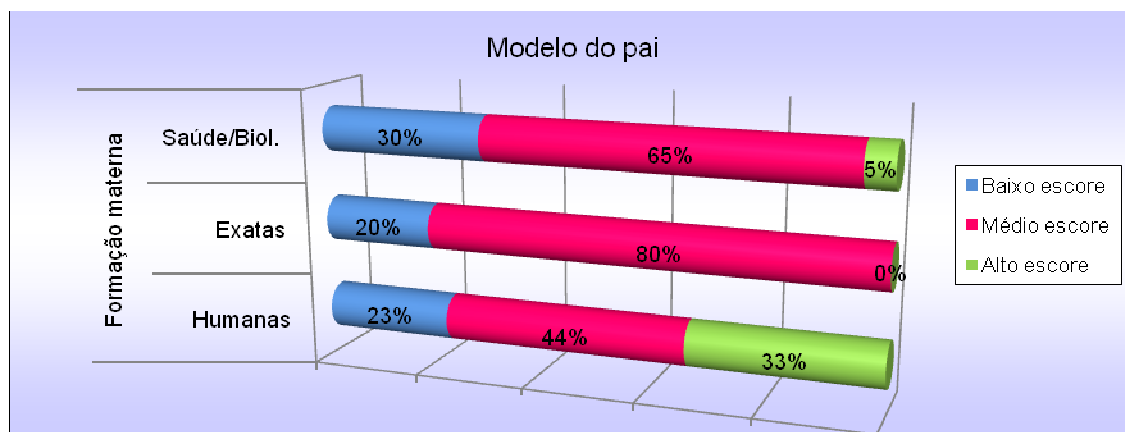


Figura 14 - Relação entre formação materna e modelo paterno ($X^2=10,38$, $gl=4$, $p<0,05$).

A relação encontrada foi bastante similar para pais e para mães (Figura 13 e 14), e em ambos os casos mostrou-se mais preocupante para aqueles formados nas áreas exatas e biológicas/saúde. As questões desta escala enunciam que os pais fazem tanto os direitos quanto as obrigações que ensinam e, ainda, se há alguma admiração sobre o que os pais fazem.

Esses dados indicam que a formação ou a área de atuação podem ajudar os pais a educar os filhos: Mães da área de humanas parecem ter tido o cuidado de agir de acordo com as próprias regras e a iniciativa de promover o mesmo junto aos companheiros.

Freitas, Kovaleski e Boing (2005) apontaram para um possível déficit na formação do dentista que visasse a humanização das relações com o paciente e a ética do cotidiano. Os dados encontrados, por um lado corroboram as considerações desses autores ao observarem-se os escores de modelo, por outro lado revelam que se os mencionados déficits afetam o convívio familiar de maneira mais ampla isso acontece de maneira geral, sem diferenças significativas entre as áreas de formação parentais nas demais práticas educativas.

7.1.3 Área de atuação e Práticas Educativas

A fim de relacionar as profissões parentais a suas práticas educativas, três formas de agrupamento profissional foram testadas: por grau de autonomia, grau de contato com o público e quanto ao cuidado de crianças na profissão.

A Tabela 8 apresenta a classificação das profissões segundo esses três critérios, realizada especialmente para esta pesquisa e, portanto, sujeita a possíveis distorções.

Tabela 8: Distribuição das profissões parentais em grupos por cuidado de crianças na profissão, contato com o público e autonomia profissional

Profissão	Cuidado crianças	Público	Autonomia
Administrador	Menor	Maior	Moderado
Advogado	Menor	Moderado	Moderado
Agricultor	Menor	Menor	Moderado
Agrônomo	Menor	Menor	Moderado
Analista de Sistemas	Menor	Menor	Menor
Arquiteto	Menor	Menor	Maior
Assistente Social	Maior	Maior	Menor
Autônomo	Menor	Maior	Maior
Bancário	Menor	Menor	Menor
Biólogo	Menor	Menor	Menor
Cirurgião dentista	Maior	Maior	Maior
Comerciante	Menor	Moderado	Moderado
Contador	Menor	Menor	Moderado
Costureira	Menor	Maior	Maior
Designer	Menor	Maior	Moderado
Dona de casa	Menor	Menor	Maior
Economista	Menor	Menor	Menor
Eletrotécnico	Menor	Menor	Moderado
Empresário	Menor	Moderado	Maior
Enfermeiro	Maior	Maior	Menor
Engenheiro Civil	Menor	Menor	Menor
Engenheiro Elétrico	Menor	Menor	Menor
Engenheiro Mecânico	Menor	Menor	Menor
Farmacêutico	Menor	Menor	Menor
Fonoaudiólogo	Maior	Maior	Maior
Gerente/Diretor	Menor	Moderado	Moderado
Jornalista	Menor	Maior	Menor
Marceneiro	Menor	Menor	Menor
Mecânico	Menor	Menor	Moderado
Médico	Maior	Maior	Maior
Militar	Menor	Menor	Menor
Músico	Menor	Menor	Maior
Nutricionista	Menor	Maior	Moderado
Orientador/Coordenador pedagógico	Maior	Maior	Menor
Pedagogo/Professor sem especif.	Maior	Maior	Menor
Policial	Menor	Menor	Menor
Procurador/Juiz	Menor	Menor	Menor
Professor Ensino Fundamental	Maior	Maior	Menor
Professor Ensino Não-regular	Maior	Maior	Menor
Professor Ensino Superior	Menor	Maior	Menor
Secretário	Menor	Maior	Menor
Servidor/Funcionário Público	Menor	Moderado	Menor
Taxista/motorista	Menor	Maior	Maior
Vendedor	Menor	Maior	Menor
Veterinário	Menor	Moderado	Moderado

As práticas que se relacionaram significativamente com as áreas de atuação foram “envolvimento” e “clima conjugal”, conforme as Figuras 15, 16, 17, 18, 19 e 20. As Figuras 13 e 14 indicam a relação entre profissões que envolvem o cuidado de crianças e o envolvimento parental. Tanto para pais quanto para mães, as profissões com maior cuidado de crianças relacionaram-se a escores mais altos de envolvimento. Isso pode refletir uma tendência de personalidade, que motivou a escolha profissional e afetou o envolvimento com os filhos ou ainda um repertório aprendido no estudo ou prática da profissão utilizada no ambiente familiar.

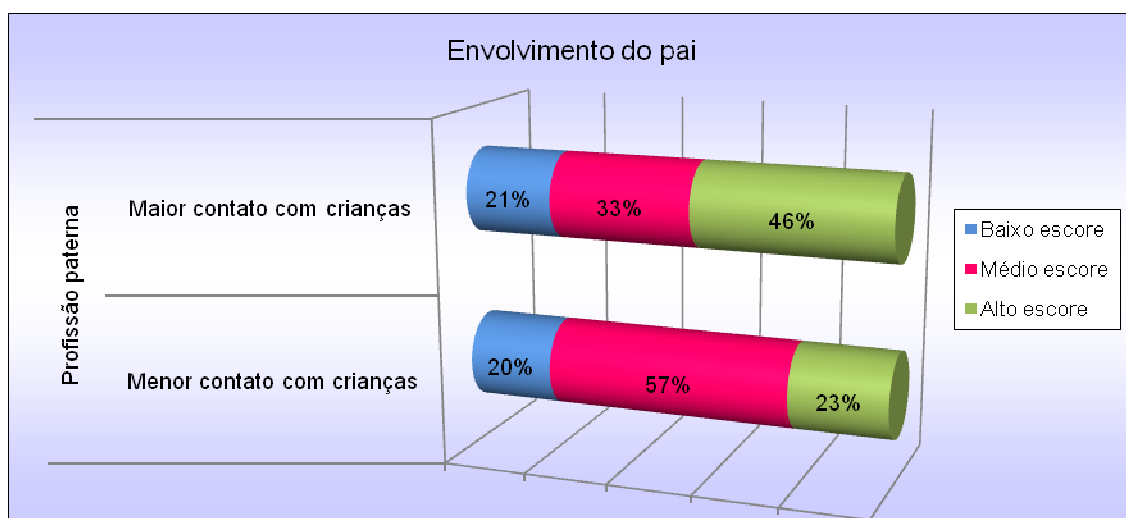


Figura 15 - Relação entre cuidado de crianças e envolvimento paternos ($X^2=6,56$ gl=2, $p<0,05$).

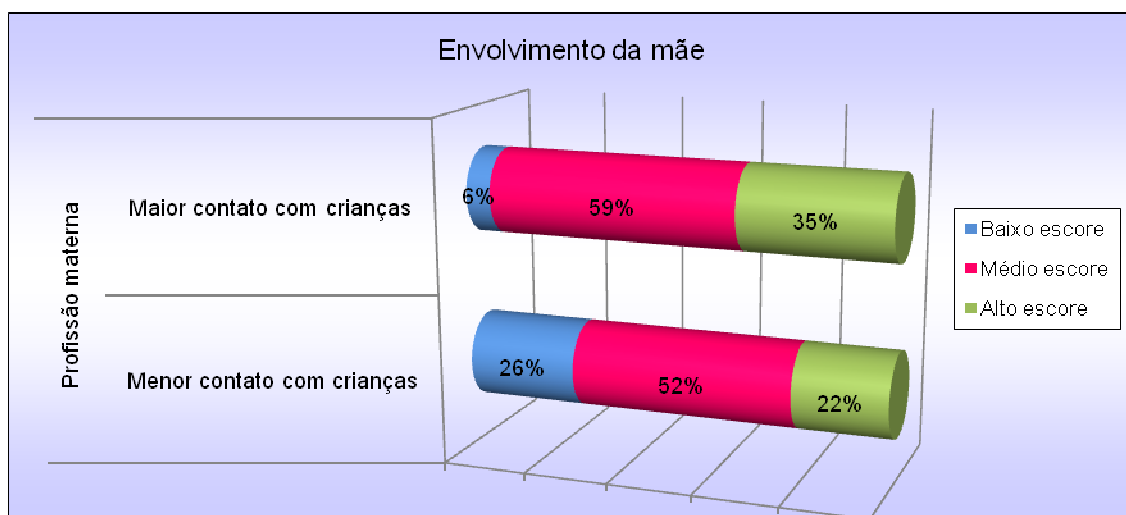


Figura 16 - Relação entre cuidado de crianças e envolvimento maternos ($X^2=10,3$ gl=2, $p<0,05$).

Entre as mães, o envolvimento relacionou-se também com o grau de autonomia profissional, como apresenta a Figura 17. Pode-se observar maior frequência de escores

favoráveis ao desenvolvimento infantil no grupo de profissionais subordinadas ou ligadas a empresas. A distribuição do grupo de profissionais autônomas foi bastante regular, com índices similares de alto e de baixo escore e maior frequência de escore médio. As mães de profissões mistas, por outro lado, apresentaram distribuição desfavorável, com o maior índice de escores médios e com a frequência de baixos escores superando a de altos.

Teriam as mães que optaram por profissões subordinadas menores expectativas e investimento na carreira e maiores condições de dedicar-se à família? Seria a opção por carreiras ambivalentes um sinal de maior ambição profissional e menor dedicação à família? Ou ainda, seriam os profissionais subordinados mais hábeis nos relacionamentos profissionais e também nos familiares? Essas são algumas hipóteses para os dados encontrados.

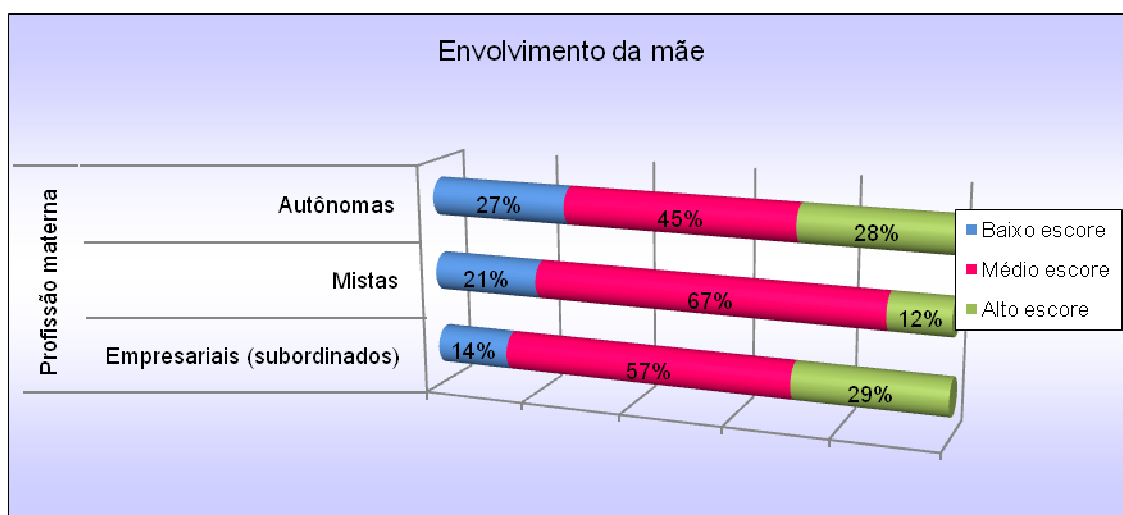


Figura 17 - Relação entre autonomia profissional e envolvimento maternos ($X^2=10,4$, $gl=4$, $p<0,05$).

Uma relação inesperada e de complexa compreensão foi observada, ainda em relação à prática de envolvimento, entre o envolvimento paterno e o contato com o público na profissão materna (Figura 18). Assim como a autonomia profissional moderada relacionou-se a um grupo com pior desempenho na Figura anterior, o contato moderado com o público também apresentou dados desfavoráveis em relação aos grupos com menor e maior contato com o público para o escore paterno de envolvimento.

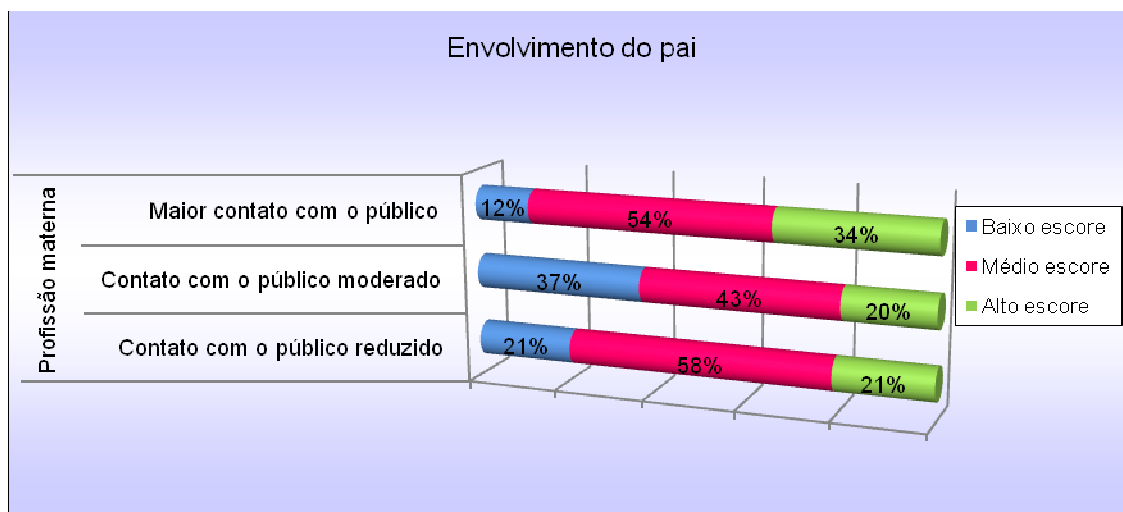


Figura 18 - Relação entre contato com o público na profissão materna e envolvimento paterno ($\chi^2=13,33$, $gl=4$, $p<0,05$).

Um possível ponto de consideração dessa relação entre contexto profissional materno e comportamento familiar paterno é o aspecto do convívio conjugal entre o casal. A autonomia profissional materna mostrou relacionar-se ao clima conjugal positivo (Figura 19).

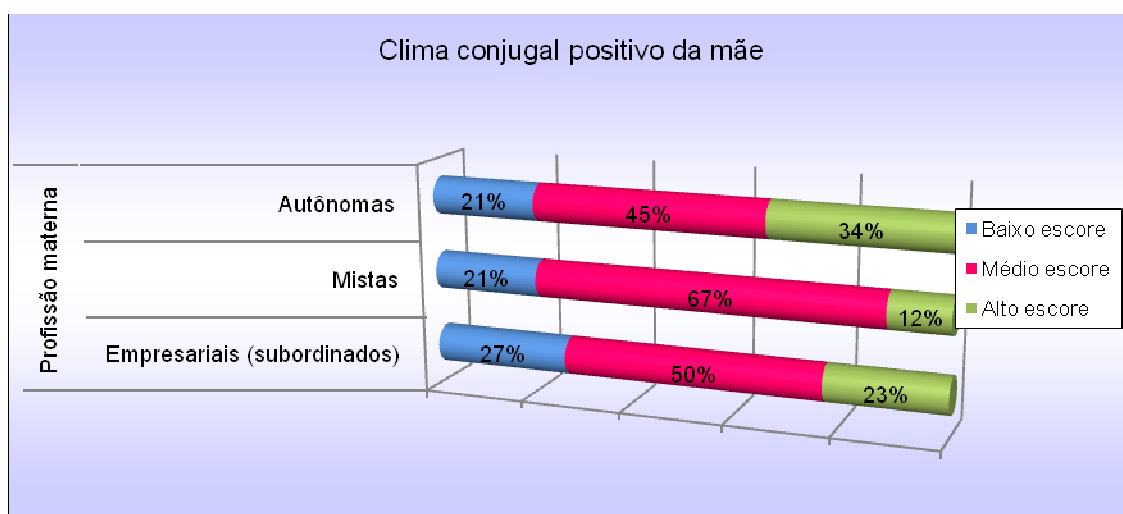


Figura 19 - Relação entre autonomia profissional materna e clima conjugal positivo materno ($\chi^2=9,41$, $gl=4$, $p<0,05$).

Pode-se considerar que as mães que escolheram carreiras autônomas e subordinadas já tivessem melhores habilidades sociais e, portanto, maior confiança em carreiras que exigem maior comprometimento. Ou, ainda, que essas mães tenham desenvolvido essas habilidades ao longo da formação e prática profissional, no contato com equipes de trabalho ou com a exigência do mercado e dos clientes. A Figura 20

mostra que também a autonomia profissional paterna relacionou-se ao clima conjugal positivo, neste caso, o escore combinado de pais e mães.

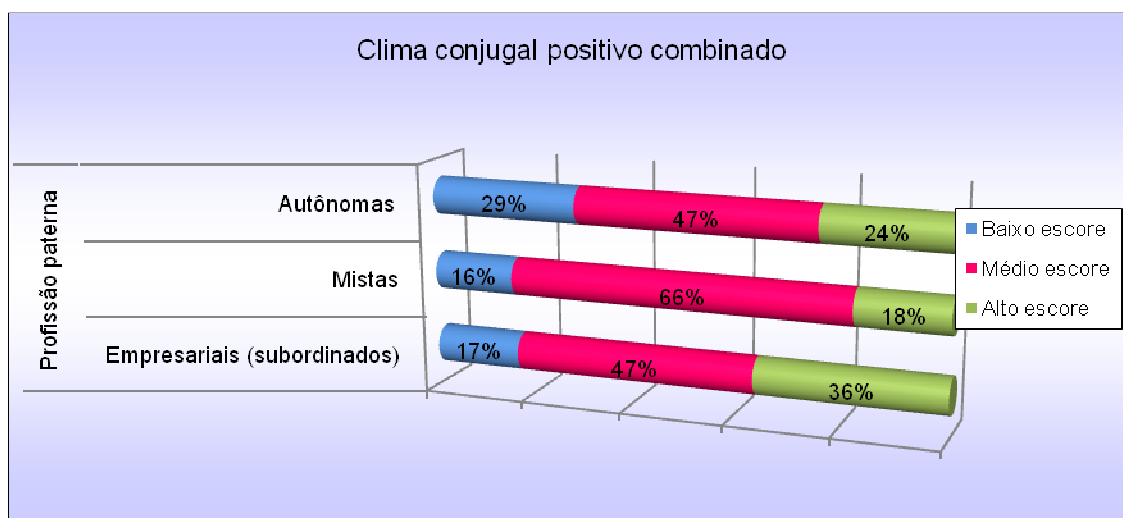


Figura 20 - Relação entre autonomia profissional paterna e clima conjugal positivo combinado de mães e pais ($X^2=11,03$, $gl=4$, $p<0,05$).

Inúmeros autores pesquisaram a qualidade de interação conjugal e sua relação com o contexto profissional. Mais enfáticos ainda são os estudos que mostram a influência do clima conjugal sobre o desenvolvimento dos filhos (Tetenbaum, Lighter & Travis, 1981; Howes, 1988; Hoffman, 1989; Scarr, Phillips & McCartney, 1989; Fish, Belsky & Youngblade, 1991; Duckett & Richards, 1995; Grych & Clark, 1999).

7.1.4 Permanência no cargo e Práticas Educativas

O tempo de permanência no cargo materno relacionou-se apenas à prática de comunicação negativa da mãe (Figura 21).

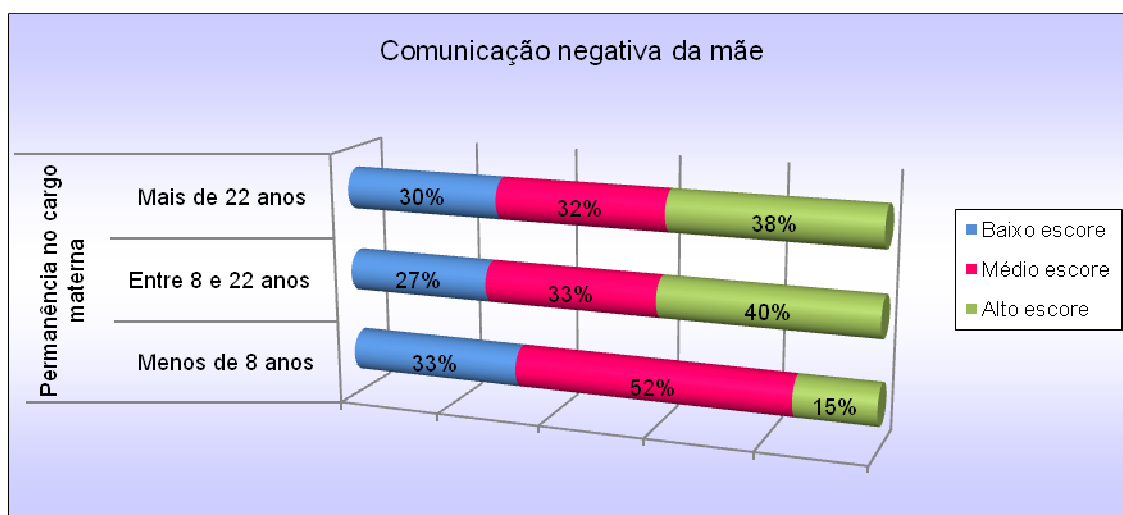


Figura 21 - Relação entre a permanência materna no cargo e prática materna de comunicação negativa ($\chi^2=10,12$, $gl=4$, $p<0,05$).

Menor tempo no cargo atual das mães apresentou relação com menores escores de comunicação negativa, considerando que baixos escores dessa prática são melhores para o convívio familiar. Os grupos de mães com permanência a partir de oito anos no mesmo cargo apresentaram desempenho semelhante. Seria a permanência na mesma função um fator estressante para as mães? Ou a comunicação coerciva poderia ser um aprendizado gradual do ambiente de trabalho. Essas são duas possíveis explicações dos dados acima.

7.1.5 Outras relações das variáveis relacionadas ao trabalho materno

7.1.5.1 *Grau de instrução parental e Carga horária de trabalho*

Investigando se haveria relação entre o grau de instrução parental e a jornada de trabalho, constatou-se que nesta amostra as variáveis não se relacionaram para mães ou pais ($\chi^2=1,062$, $\chi^2=2,521$ respectivamente, e $p>0,05$).

7.1.5.2 *Carga horária materna e habilidades sociais*

A jornada de trabalho materna relacionou-se negativamente com o escore de auto-afirmação na expressão de afeto positivo e de autocontrole da agressividade em situações aversivas dos jovens entrevistados ($r=-0,17$ e $r=-0,14$, $p<0,05$). Possivelmente os menores índices de expressão de afeto por filhos de mães com maior jornada não estiveram relacionados a menor expressão de afeto pelos pais, pois essas variáveis não apresentaram relação entre si ($\chi^2=11,3$, $gl=8$, $p>0,05$). A expressão de afeto, mais

característica de relações familiares e personalizadas pode ser menos desenvolvida em creches e escolas, onde a atenção é, a princípio, dirigida para as crianças como um grupo e as oportunidades de expressão de carinho pelas crianças são limitadas. Em relação ao autocontrole, é possível que filhos de mães com maior jornada e em profissões de carreira, tenham sido enviados mais cedo ao cuidado de outros familiares ou de creches e assim tenham sido expostos a brincadeiras ofensivas antes do desenvolvimento de repertório para lidar com isso. Ou, ainda, mães mais envolvidas no trabalho podem fazer menos críticas ou fazê-las de maneira menos instrutiva que mães mais presentes no cotidiano dos filhos.

7.1.5.3 Área de formação materna e paterna

A área de formação (superior) dos pais e mães dos jovens participantes se relacionou significativamente, conforme a Figura 22. Observa-se que houve alto índice de casamentos entre pais e mães formados na mesma área. É possível que, antes da escolha profissional, estes casais tenham se sentido atraídos por pessoas com características e preferências semelhantes, ou que o curso superior tenha favorecido aproximações amorosas entre seus estudantes, ou, ainda, que profissionais formados tenham escolhido parceiros que compreendessem suas próprias exigências e rotinas profissionais.

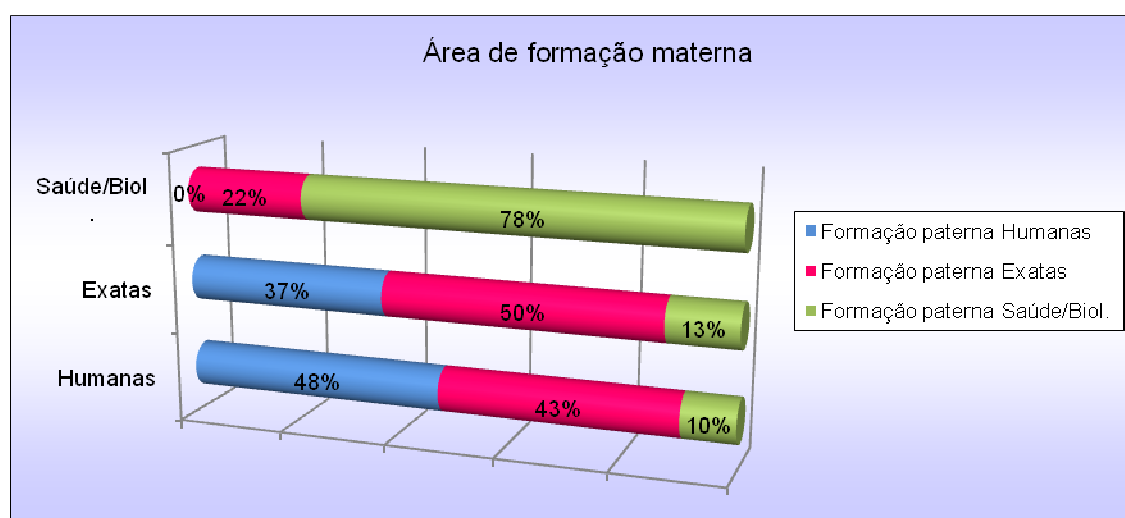


Figura 22 - Relação entre área de formação das mães e pais dos jovens participantes ($X^2=81,99$, $gl=4$, $p<0,001$).

7.1.5.4 Carga horária materna e paterna

As jornadas de trabalho dos pais correlacionaram-se fortemente entre si ($r=0,50$, $p<0,001$). A jornada de trabalho pode ser um aspecto decidido em dupla pelo casal, relacionada ao projeto de vida, à pressão social ou à necessidade econômica família. Ou, ainda, pode ser um fator estabelecido antes da união do casal, uma característica na qual os indivíduos busquem companheiros semelhantes.

7.1.5.5 Carga horária paterna

A jornada de trabalho paterna não se relacionou com suas práticas educativas ($r_{TP}=-0,15$, $r_{TN}=0,83$, $p>0,05$) ou com habilidades sociais do filho ($r=-0,6$, $p>0,05$). Isso pode significar que, de fato, o trabalho materno e sua carga horária têm maior impacto sobre o desenvolvimento infantil que o paterno, o que por sua vez pode estar relacionado ao vínculo formado desde o período de amamentação.

7.2 Grupo 2: Trabalho materno

Mães donas-de-casa e mães trabalhando profissionalmente não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nas práticas educativas consideradas segundo seus escores (Tabela 9). Este resultado não contraria o modelo de Beyer (1995), pois não foi possível testar as relações por essa autora indicadas, que consideram variáveis mediadoras e modeladoras. Essa análise também é valorizada por outros autores (Goldberg, Prause, Lucas-Thompson & Himsel, 2008).

Tabela 9: Teste *t* de Student entre o emprego materno e as práticas educativas parentais. ($p>0,05$)

Práticas educativas e trabalho materno ($p>0,05$)	
Envolvimento	$t=1,23$
Regras e monitoria	$t=-0,49$
Punição inadequada	$t=-1,41$
Comunicação positiva	$t=0,65$
Comunicação negativa	$t=-0,16$
Modelo	$t=-0,48$
Sentimento dos filhos	$t=-0,20$
Clima conjugal positivo	$t=-1,37$
Clima conjugal negativo	$t=1,89$

Considerando a coleta efetuada que privilegia a perspectiva dos filhos, convém considerar possíveis efeitos da própria exigência dos filhos sobre as mães donas-de-casa

ou mesmo o efeito da expectativa social sobre as mães donas-de-casa, tal qual o efeito narrado por Oliveira e Caldana (2004) sobre as mães psicólogas.

Em relação à formação das mães donas-de-casa, 41% têm somente o ensino fundamental, 42% completaram o ensino médio e apenas 17% concluíram o ensino superior. Este grupo de mães donas-de-casa foi comparado ao grupo de mães trabalhando com grau de instrução médio ou superior e diferenças significativas foram encontradas nas práticas de punição física ($F=5,89$, $p<0,05$) e clima conjugal positivo e negativo ($t=2,09$ e $t=2,15$, $p<0,05$). Os resultados indicam alto índice de punição física dos filhos e melhor relacionamento conjugal (escore maior para clima positivo e menor para clima negativo) para mães donas-de-casa. Esses dados contrariam resultados de pesquisas anteriores (Weber, Tucunduva & Faria, 2007) no quesito clima conjugal, o que talvez possa ser explicado pelo nível socioeconômico da amostra ou por sua origem urbana e rural. É possível que as mães donas-de-casa valorizem mais a relação conjugal e sofram menos estresse no cotidiano. Além disso, o modelo familiar da mãe profissional, mais moderno, pode ter se desapegado da prática da punição física, enquanto as donas-de-casa permaneceram mais ligadas a esse modelo “educativo”. É também possível que esses resultados apontem a uma variável modeladora no grau de instrução materno. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre donas-de-casa com diferentes graus de instrução devido ao número relativamente pequeno de casos nesta condição específica.

7.2.1 Outras relações do trabalho materno

O trabalho materno apresentou relação estatisticamente significativa com a classe social segundo o escore do Critério Brasil ($t=2,84$, $p<0,05$), conforme a Tabela 10.

Tabela 10: Escore médio do Critério Brasil (nível socioeconômico) dos grupos ocupacionais maternos

Trabalho materno	N	Escore médio	Desvio-Padrão
Trabalho formal	147	30,4	6,6
Dona de casa	56	27,6	5,7

O trabalho materno relacionou-se significativamente também à situação conjugal dos pais, pois enquanto 71% das mães que trabalham fora estão casadas, para donas-de-casa o índice é de 92% ($X^2=13,26$, $p<0,001$). Este resultado está de acordo com os resultados obtidos por Ramos e cols. (2003) junto a médicos e enfermeiros que aponta

influência da ocupação sobre a composição familiar. Também acrescenta importância de buscar análises que permitam controlar efeitos concorrentes ou complementares entre a variável de situação conjugal e o trabalho materno.

Por outro lado, o trabalho materno não apresentou relação com as habilidades sociais dos filhos entrevistados ($t=-1,05$, $p>0,05$), nem seus fatores componentes, tampouco com o grau de sucesso acadêmico dos filhos. Uma vez que o trabalho não se relacionou com as práticas educativas maternas nesta amostra, não se esperaria relações com o desenvolvimento dos filhos. Este resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por Maniraguha (1998) junto a estudantes secundaristas de Ruanda, indicando ausência de relação entre o trabalho materno e o sucesso acadêmico dos filhos. O fato de a mãe trabalhar, isoladamente, não apresentou influência sobre o desenvolvimento social e acadêmico dos filhos.

7.3 Grupo 3: Variáveis demográficas

Diversas variáveis demográficas apresentaram forte relação com as práticas educativas maternas. O número de pessoas na residência foi uma delas, que apresentou relação significativa com sete das nove escalas de práticas educativas e os totais positivo e negativo (Tabelas 11 e 12).

Nas práticas educativas de envolvimento e regras, o fundamento da educação infantil, bem como nos indicadores comunicação positiva, modelo e sentimento dos filhos, os melhores escores foram dos jovens que moram com uma ou duas pessoas (biparental ou monoparental com irmão) e os piores escores, daqueles que já moram sozinhos. A indicação de menores frequências por aqueles que já não convivem com os pais pode ser um efeito do distanciamento, mas pode ser, ainda, que práticas precárias tenham precipitado a cisão familiar. Famílias com quatro a cinco pessoas e com mais de cinco pessoas apresentaram desempenhos similares. Seus escores de menor frequência podem estar relacionados à divisão da atenção da mãe entre todos os membros da família. Em relação ao clima conjugal, foram as famílias maiores (mais de quatro pessoas) que os relatos apontaram com melhores escores. Essas famílias maiores não foram compostas por pais divorciados e casados novamente, pois pais divorciados apresentaram escores significativamente piores de clima conjugal ($F=26,96$ e $F=21,27$, $p<0,05$). É possível que a extensão da prole seja uma decisão tomada por casais que têm um clima conjugal favorável. É possível também que a possibilidade de aprendizado

através dos outros membros da família diminua a tensão dos pais e favoreça sua relação conjugal.

Tabela 11: Índices do teste Qui-quadrado entre número de pessoas na residência do entrevistado e práticas educativas medidas pelo EQIF

Práticas Educativas maternas	X²	p
Envolvimento	9,42	0,02*
Regras e Monitoria	9,99	0,02*
Punição Inadequada	2,77	0,43
Comunicação positiva	7,37	0,05*
Comunicação negativa	2,72	0,44
Modelo	9,67	0,02*
Sentimento dos filhos	12,01	0,01*
Clima conjugal positivo	8,71	0,03*
Clima conjugal negativo	12,88	0,00*
Total positivo da mãe	8,04	0,05*
Total negativo da mãe	8,40	0,04*

Tabela 12: Escores médios das práticas educativas maternas segundo o número de pessoas que moram na residência do entrevistado

Prática educativa	Com quantas pessoas mora	N	Escore médio
Envolvimento	Sozinho	7	92,1
	Até duas pessoas	85	162,4
	Três ou quatro pessoas	169	134,8
	Mais de quatro pessoas	22	134,5
	Total	283	
Regras e Monitoria	Sozinho	7	71,9
	Até duas pessoas	88	163,1
	Três ou quatro pessoas	171	141,4
	Mais de quatro pessoas	25	137,9
	Total	291	
Comunicação positiva	Sozinho	7	93,3
	Até duas pessoas	87	158,0
	Três ou quatro pessoas	166	134,7
	Mais de quatro pessoas	23	149,2
	Total	283	
Modelo	Sozinho	7	91,0
	Até duas pessoas	86	164,5
	Três ou quatro pessoas	170	138,8
	Mais de quatro pessoas	25	129,3
	Total	288	
Sentimento dos filhos	Sozinho	7	78,7
	Até duas pessoas	84	163,5
	Três ou quatro pessoas	168	134,0
	Mais de quatro pessoas	25	147,0
	Total	284	

Clima conjugal positivo	Sozinho	7	71,1
	Até duas pessoas	83	134,8
	Três ou quatro pessoas	169	144,7
	Mais de quatro pessoas	24	168,9
	Total	283	
Clima conjugal negativo	Sozinho	7	246,9
	Até duas pessoas	85	151,1
	Três ou quatro pessoas	171	136,6
	Mais de quatro pessoas	24	141,5
	Total	287	
Total positivo	Sozinho	7	59,4
	Até duas pessoas	75	140,8
	Três ou quatro pessoas	155	127,2
	Mais de quatro pessoas	21	129,6
	Total	258	
Total negativo	Sozinho	6	213,4
	Até duas pessoas	81	144,4
	Três ou quatro pessoas	161	129,7
	Mais de quatro pessoas	22	124,1
	Total	270	

7.3.1 Com quem mora

Segundo Wang (2002) a presença de irmãos afeta os traços de personalidade e o humor depressivo de adolescentes chineses. Oliveira e Caldana (2004), estudando a constituição familiar ao longo da história sugerem atenção à composição familiar e papel desempenhado por cada membro. Nesta amostra, o número de moradores na mesma residência afetou diversas práticas educativas parentais maternas, aproximando famílias chinesas e brasileiras.

Em relação a quem compõe a família dos jovens, somente na prática de envolvimento foram encontradas diferenças significativas entre as famílias compostas exclusivamente por pais, aquelas compostas por pais e irmãos e as famílias estendidas (com outros familiares como avós ou primos ou mesmo amigos). Mães de famílias com filho único foram relatadas com maior frequência de demonstração de afeto e envolvimento que mães de famílias com mais de um filho ($F=3,7$, $p<0,05$). Entre famílias monoparentais (com apenas um dos pais, com presença ou ausência de irmãos) e biparentais (ambos os pais) somente foi observada diferença significativa nas práticas de clima conjugal ($t=5,88$ e $t=3,94$ e $p<0,001$), melhor para famílias biparentais, conforme esperado. Apesar de haver uma tendência de maior envolvimento materno em famílias

monoparentais (média 34 em contraste com média 32 para famílias biparentais), o resultado não representou diferença significativa ($t=-1,8$, $p>0,05$).

7.3.2 Nível socioeconômico

A classe social obtida através da escala Critério Brasil apresentou relação significativa com grande parte das variáveis estudadas. Dentre as práticas educativas maternas, a classe social relacionou-se com envolvimento, punição inadequada, comunicação negativa, modelo, clima conjugal negativo, com o total positivo e negativo, conforme as Tabelas 13 e 14.

As classes A1 e A2 apresentaram invariavelmente os melhores escores, com maiores médias em práticas favoráveis e menores índices em práticas desfavoráveis. A classe B1 apresentou desempenho bastante desfavorável quando comparada a classes próximas. As classes C1, C2, D e E apresentaram escores piores.

Tabela 13: Índices do teste Qui-quadrado na comparação entre classes sociais em relação às práticas educativas maternas.

Práticas Educativas maternas	X²	p
Envolvimento	9,39	0,02*
Regras e Monitoria	6,39	0,09
Punição Inadequada	9,03	0,03*
Comunicação positiva	6,80	0,08
Comunicação negativa	8,27	0,04*
Modelo	13,16	0,00*
Sentimento dos filhos	3,07	0,38
Clima conjugal positivo	6,64	0,08
Clima conjugal negativo	8,23	0,04*
Total positivo da mãe	12,22	0,01*
Total negativo da mãe	9,24	0,03*

Tabela 14: Relação práticas educativas maternas e classe social das famílias pelo Critério Brasil

Prática Educativa materna	Classe social	N	Escore médio
Envolvimento	A1 e A2	51	144,9
	B1	89	109,2
	B2	74	134,7
	C1, C2, D e E	37	123,0
	Total	251	
Punição Inadequada	A1 e A2	50	100,5
	B1	91	128,4
	B2	74	135,7
	C1, C2, D e E	37	138,6
	Total	252	
Comunicação negativa	A1 e A2	50	109,5
	B1	94	141,3
	B2	70	115,9
	C1, C2, D e E	36	125,2
	Total	250	
Modelo	A1 e A2	50	152,9
	B1	94	109,6
	B2	75	132,0
	C1, C2, D e E	39	142,7
	Total	258	
Clima conjugal negativo	A1 e A2	51	120,2
	B1	94	127,5
	B2	74	121,1
	C1, C2, D e E	38	159,9
	Total	257	
Total positivo	A1 e A2	49	135,3
	B1	82	96,5
	B2	65	124,6
	C1, C2, D e E	34	115,5
	Total	230	
Total negativo	A1 e A2	49	100,4
	B1	90	130,0
	B2	66	112,5
	C1, C2, D e E	35	139,2
	Total	240	

Os escores desfavoráveis da classe B1 podem estar relacionados à faixa de transição em que esse grupo se encontra, possuindo em média um a dois computadores, duas a três televisões, dois banheiros, sendo que 76% destas famílias não contam com empregada mensalista.

As classes sociais apresentaram forte relação com o grau de instrução materno ($X^2=54,56$, $gl=6$, $p<0,001$), o que pode indicar um efeito mediador desta variável. A Figura 23 apresenta essa relação.

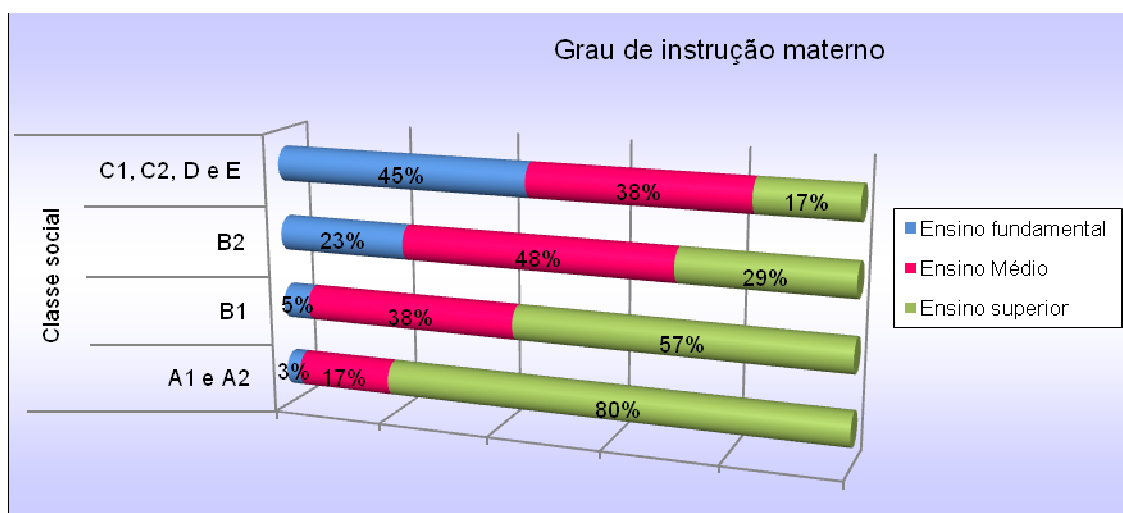


Figura 23 - Grau de instrução das mães, agrupadas por classe social das famílias participantes segundo Critério Brasil ($X^2=54,56$, $gl=6$, $p<0,001$).

O Critério Brasil, utilizado para classificação em classes sociais, utiliza o grau de instrução do chefe de família como índice, na maioria dos casos o chefe de família é considerado o pai. O grau de instrução paterno e materno apresentaram relação entre si ($X^2=81,99$, $gl=4$, $p<0,001$), especialmente entre pais e mães com ensino fundamental apenas e pais e mães com ensino superior completo.

7.3.3 Grau de formação e Práticas Educativas Maternas

O Grau de formação materno não se relacionou com o escore total positivo nem com o escore negativo das práticas maternas ($X^2=0,454$ e $X^2=1,649$ respectivamente, e $P>0,05$). A única prática que se relacionou ao grau de formação materno foi a comunicação positiva dos filhos com as mães ($X^2=21,33$, $gl=4$, $p<0,001$).

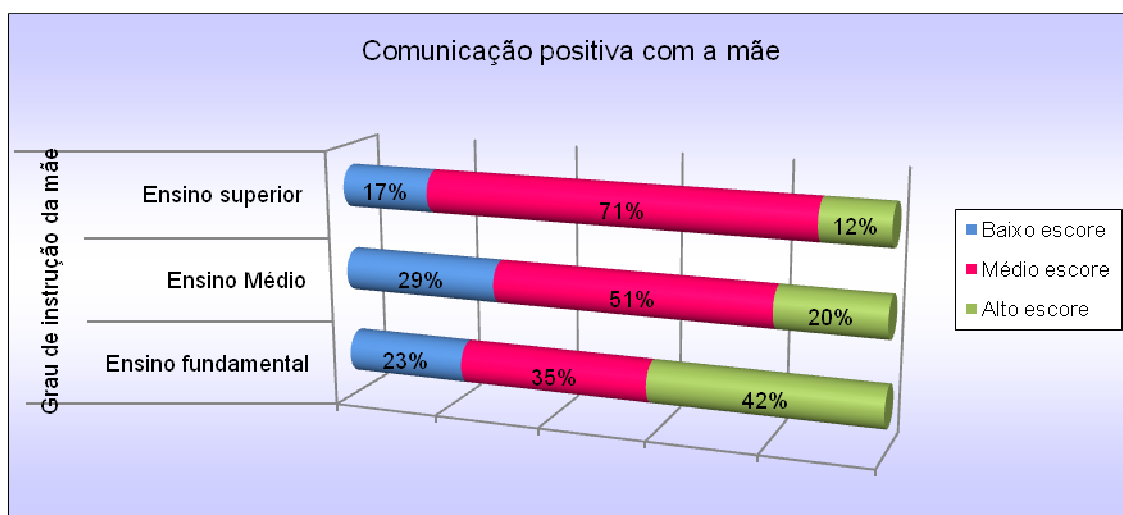


Figura 24 - Grau de formação materno e comunicação positiva do participante com a mãe.

A Figura 24 apresenta o fato de que os filhos conversam mais frequentemente com as mães com ensino fundamental do que com aquelas que estudaram até o ensino médio. A escala de comunicação positiva avalia a iniciativa dos filhos em contar o que lhes acontecia e sobre os próprios sentimentos às mães.

7.3.4 Outras relações das variáveis demográficas

7.3.4.1 *Com quantas pessoas mora*

O número de pessoas na residência relacionou-se com a classe social medida pelo Critério Brasil ($F=5,85$, $p<0,05$), de forma que o nível social acompanhou o crescimento das famílias até 3 ou 4 pessoas por residência e a partir de 4 pessoas reduziu novamente. Ou seja, famílias de classe mais favorecida possuem um ou dois filhos, o que pode refletir um planejamento familiar ou, ainda, os filhos podem representar uma motivação para a aquisição de renda e um gasto impactante quando se tornam em número maior que a população economicamente ativa da família.

Outra variável que se relacionou ao número de pessoas por residência foram as Habilidades sociais dos jovens ($F=4,55$, $p<0,05$), em especial os fatores 1, 2 e 5, respectivamente: habilidades de enfrentamento com risco, de auto-afirmação na expressão de afeto positivo e de autocontrole da agressividade em situações aversivas. Os escores foram melhores para jovens que moram com mais uma ou duas pessoas do que para aqueles que moram sozinhos ou com mais pessoas. Mais uma vez, os dados desta amostra indicam que além da existência de relações para o treino de habilidades sociais, a qualidade dessas relações pode ser bastante importante. Pode ser, também,

que famílias maiores representem um estressor com reflexos no comportamento social dos jovens.

7.3.4.2 Classe Social

A classe social relacionou-se com a habilidade de auto-afirmação na expressão do afeto positivo ($X^2= 13,19$, $gl=6$, $p<0,05$). A Figura 25 apresenta os dados de difícil análise, segundo o qual as classes A1, A2 apresentaram ou altos escores, ou baixos escores, com menor numero de famílias apresentando escores médios. Aproximadamente 80% dessas famílias têm empregada mensalista, em alguns casos mais de uma, o que pode distanciar o convívio familiar e diminuir habilidade de expressão de afeto. Por outro lado, são as classes com maior nível de instrução, em que as mães podem saber a importância a forma de incentivar as habilidades sociais dos filhos. As classes B2, C1, C2, D e E apresentaram baixos índices de baixo escore e grande frequência no grupo de médio escore. A classe B1 novamente apresentou um desempenho atípico em relação às demais classes.

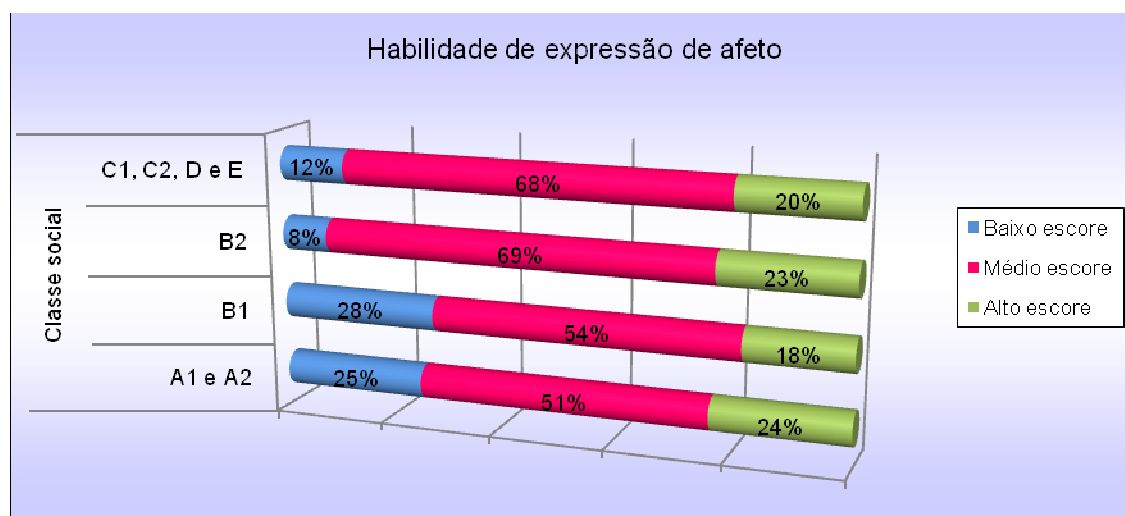


Figura 25 - Classe social e habilidade de expressão de afeto pelos jovens participantes.

7.3.4.3 Grau de formação materno

O grau de formação materno relacionou-se com as HS em geral ($F=4,22$, $p<0,05$) e, especificamente, com a expressão de afeto ($F=4,19$, $p<0,05$). Os escores foram significativamente maiores para calouros que tem mães com formação até o nível fundamental em relação àqueles cujas mães têm nível médio ou superior. Considerando a maior proximidade do nível de instrução, e, por conseguinte, do vocabulário, projetos de

vida, círculos sociais etc., poderia ser esperada a relação inversa, no entanto os resultados reforçam os dados de comunicação positiva. É possível que as mães com menor nível instrucional valorizem mais as iniciativas de conversa e manifestações de carinho dos filhos, que elas apresentem maior interesse e disponibilidade e menor cobrança ou pressão sobre os filhos, ou mesmo que os filhos sintam grande gratidão pelo esforço dos pais em projetá-los além dos níveis que estes próprios alcançaram.

7.3.4.4 Grau de formação paterno e práticas paternas

Em relação ao grau de formação paterno, na comunicação positiva dos filhos com o pai, pais com ensino superior tiveram escores maiores que aqueles de ensino fundamental ($F=3,64$, $p<0,05$). Esta relação comporta-se, portanto, diferentemente para mães e para pais, o que pode refletir questões culturais acerca do papel paterno e materno em relação a orientações, exigências e tolerância, ou formas diferentes de pais e mães integrarem o conhecimento formal ao cotidiano familiar.

No clima conjugal negativo, o grupo de ensino fundamental apresentou desempenho pior (médias maiores) que o ensino superior ($F=3,67$, $p<0,05$). Pode-se supor que o maior número de brigas esteja relacionado a dificuldades financeiras, a um menor repertório de habilidades sociais de pais e mães ou mesmo a um efeito da cultura popular e da vizinhança.

7.4 Grupo 4: Variáveis da família

7.4.1 Gênero do filho

O gênero do filho apresentou relação com cinco escalas de práticas educativas maternas. Para envolvimento ($t=2,00$, $p<0,05$), regras ($t=3,89$, $p<0,05$), comunicação positiva ($t= 4,33$, $p<0,05$) e modelo ($t= -2,70$, $p<0,05$) as entrevistadas do gênero feminino apresentaram maiores escores. O total positivo sintetizou essa diferença favorável às filhas ($t=2,67$, $p<0,05$). Os filhos apresentaram maiores (e piores) escores apenas em punição ($t= -2,03$, $p<0,05$), o que reflete um senso popular segundo o qual a educação de meninos exige mais frequentemente surras e palmadas. Todas essas diferenças significativas corroboram a ampla literatura a respeito da diferença entre os gêneros dos filhos (Vogel & cols., 1970; Woods, 1972; Miller, 1975; Gold & Andres, 1978; Stuckey, McGhee & Bell, 1982).

7.4.2 Idade e Práticas Educativas

A idade dos participantes relacionou-se negativamente com o total positivo materno e paterno ($r=-0,13$ e $r=-0,12$, $p<0,05$). Relacionou-se negativamente, em especial com o envolvimento materno ($r=-0,14$, $p<0,05$), ou seja, filhos mais velhos descreveram menos envolvimento e demonstração de afeto. A idade relacionou-se positivamente com o total negativo materno e paterno ($r=0,22$ e $r=0,13$, $p<0,05$). E, ainda, com a punição materna ($r=0,17$, $p<0,05$), com a comunicação negativa materna ($r=0,15$), com o clima conjugal negativo paterno e materno ($r=0,13$ e $r=0,16$, $p<0,05$), isto é, filhos mais velhos descreveram maior frequência de práticas negativas e relações conjugais mais intensas (frequências maiores para clima positivo e negativo). Se, por um lado, pode se considerar esse resultado como efeito do distanciamento no tempo entre pais e filhos (que responderam sobre a sua percepção das práticas parentais), por outro lado pode constituir reflexo dos modelos familiares culturais, que à época da infância desses jovens começava a combater a punição física e a negligência (Oliveira & Caldana, 2004).

7.4.3 Comportamento paterno

O Escore total positivo paterno apresentou relações significativas com todas as práticas educativas maternas ($p<0,05$). O Escore total negativo paterno também apresentou relações com todas as classes de práticas educativas maternas ($p<0,05$), em especial com envolvimento, punição, comunicação negativa, sentimento dos filhos, clima conjugal positivo e negativo ($p<0,001$), conforme a Tabela 15.

Tabela 15: Índices de correlação (Pearson) da relação entre práticas maternas e totais de práticas paternas (coloridas as relações significativas)

Práticas maternas	índice	Total positivo do pai	Total negativo do pai
Envolvimento (mãe)	<i>r</i>	0,64	-0,33
	<i>p</i>	0,00	0,00
Regras e Monitoria (mãe)	<i>r</i>	0,57	-0,23
	<i>p</i>	0,00	0,00
Punição Inadequada (mãe)	<i>r</i>	-0,16	0,53
	<i>p</i>	0,01	0,00
Comunicação positiva (mãe)	<i>r</i>	0,51	-0,19
	<i>p</i>	0,00	0,00
Comunicação negativa (mãe)	<i>r</i>	-0,39	0,58
	<i>p</i>	0,00	0,00
Modelo (mãe)	<i>r</i>	0,63	-0,22
	<i>p</i>	0,00	0,00
Sentimento dos filhos (mãe)	<i>r</i>	0,62	-0,34
	<i>p</i>	0,00	0,00
Clima conjugal positivo (mãe)	<i>r</i>	0,80	-0,31
	<i>p</i>	0,00	0,00
Clima conjugal negativo (mãe)	<i>r</i>	-0,46	0,74
	<i>p</i>	0,00	0,00
Total positivo da mãe	<i>r</i>	0,81	-0,39
	<i>p</i>	0,00	0,00
Total negativo da mãe	<i>r</i>	-0,45	0,77
	<i>p</i>	0,00	0,00

7.4.4 Situação dos pais

Compondo a qualidade de interação descrita na literatura (Tetenbaum, Lighter & Travis, 1981; Howes, 1988; Hoffman, 1989; Scarr, Phillips & McCartney, 1989; Fish, Belsky & Youngblade, 1991; Duckett & Richards, 1995; Grych & Clark, 1999), além do clima conjugal, a situação da união entre os pais apresentou importantes relações com as práticas educativas nesta amostra.

Em relação ao “modelo parental” ($F=4,60$, $p<0,05$) e “sentimento dos filhos” ($F=3,14$, $p<0,05$) a diferença foi entre mães viúvas, com escores maiores, e mães separados. Nas práticas de clima conjugal positivo e negativo ($F=26,96$ e $F=21,27$, $p<0,05$) viúvas e mães casadas apresentaram maiores escores positivos e menores negativos do que mães separadas.

Nas somas positiva ($F=4,91$, $p<0,05$) e negativa ($F=5,65$, $p<0,05$) das escalas, ou seja, considerando o somatório da percepção dos filhos em todas as práticas familiares maternas, os três grupos de situação conjugal diferenciaram-se significativamente um do outro. Em ambos, viúvas apresentaram melhores escores, mães casadas, desempenho mediano e separadas, piores escores.

O depoimento dos filhos, deixado espontaneamente ao final dos questionários, ilustra e confirma, enfatizando a importância da relação entre os pais no desenvolvimento dos filhos:

- “O período de separação de meus pais foi determinante para a formação de meu caráter e personalidade.” (Masculino, 17 anos, pais separados há três anos, mãe engenheira, jovem escolheu direito, caso 252).
- “Filho tem que ser algo especial na vida dos pais. E não ter filho só por ter, sem programar seu futuro. O respeito é fundamental nesta relação pais-filhos.” (Feminino, 31 anos, pais separados há 14 anos, mãe funcionária pública, jovem escolheu medicina veterinária, caso 196).
- “Na verdade tenho pai, mas não lembro dele pois minha mãe divorciou-se quando eu era muito novo.” (Masculino, 18 anos, pais separados, mãe professora, jovem escolheu biotecnologia, caso 174).
- “A postura de relacionamento entre pai e mãe não significa que os mesmos não tenham feito o melhor que eles podiam.” (Feminino, pais juntos, mãe dona de casa, jovem escolheu direito, caso 118).
- “Tudo isso [sobre família] mudou. Depois que meu filho nasceu, eu, meu pai e minha mãe somos ótimos amigos. Eles se dão bem, e hoje meu melhor amigo é meu pai.” (Masculino, 19 anos, pais separados há 8 anos, mãe empresária, jovem escolheu filosofia).
- “Onde se lê pai, entenda-se tia e avó.” (Feminino, 18 anos, pais separados, mãe secretária, jovem escolheu medicina veterinária, caso 203).

7.4.5 Outras relações das variáveis demográficas

7.4.5.1 *Gênero do filho e HS*

O gênero do jovem apresentou relação com seus escores de habilidades de enfrentamento com risco ($t=-4,02$, $p<0,05$) e de auto-afirmação na expressão de afeto positivo ($t=3,75$, $p<0,05$). Em ambos, mulheres apresentaram maiores escores em relação a homens.

7.4.5.2 *Curso pretendido e desempenho, classe social e Habilidades Sociais*

Agrupando os cursos por áreas, encontrou-se relação com a percepção de desempenho acadêmico ($X^2=9,688$, $p<0,05$). O escore médio de desempenho dos

grupos, numa sequência crescente apresentou-se da seguinte forma: Saúde, Exatas e Tecnológicas, Ambientais e Humanas e sociais. Considerando o grau de dificuldade de admissão aos cursos, de maneira geral encontra-se maior dificuldade nos cursos que apresentaram piores escores (saúde e tecnológicas), o que pode indicar um efeito dos níveis de exigência e auto-estima dos estudantes.

Agrupando os cursos segundo a divisão por setores, encontrou-se relação com a classe social ($X^2=24,538$, $p<0,05$). Os grupos organizados de maneira crescente segundo a classe social se constituíram da seguinte maneira: Exatas, Educação, Terra, Humanas, Biológicas, Saúde, Sociais, Agrárias, Tecnologia e Jurídicas (Ferrarini, 2005).

7.5 Grupo 5: Práticas Educativas e Habilidades sociais

As Práticas Educativas apresentaram importante relação estatística com as Habilidades Sociais dos filhos. Sidman (2001) aprofundou seus estudos nessa relação e diferentes pesquisas em todo o mundo asseguram a relação entre as práticas educativas e as habilidades sociais (Weber, Flor, Viezzer & Gusso, 2004). Nesta amostra, os dados indicaram relação significativa dos escores positivos totais materno e paterno com todos os fatores de HS e com seu escore total (Tabela 15).

O envolvimento materno se relacionou positivamente com o escore total, com a expressão de afeto, a desenvoltura, a auto-exposição e o autocontrole do jovem ($r=0,37$, $r=0,41$, $r=0,19$, $r=0,14$ e $r=0,32$ respectivamente, $p<0,05$). Também o envolvimento paterno se relacionou com o escore total e com a defesa de direitos, a expressão de afeto e o autocontrole ($r=0,27$, $r=0,13$, $r=0,34$ e $r=0,28$, respectivamente, $p<0,05$). Enquanto isso, a prática de regras, tanto para escores maternos quanto paternos, relacionou-se com a expressão de afeto ($r=0,31$ e $r=0,28$, $p<0,001$) e o autocontrole ($r=0,23$ e $r=0,27$, $p<0,001$), e também com o escore total de HS ($r=0,22$ e $r=0,23$, $p<0,001$). A comunicação coerciva apresentou relação com a expressão de afeto ($r_M=-0,17$ e $r_P=-0,14$, $p<0,05$) e autocontrole ($r_M=-0,28$ e $r_P=-0,23$, $p<0,001$) de habilidades sociais. O escore materno relacionou-se significativamente, ainda, com a desenvoltura e o escore total ($r=-0,12$, $r=-0,16$, $p<0,05$). Dos escores de punição, por outro lado, somente o escore paterno apresentou alguma relação com habilidades sociais, com a defesa de direitos ($r=0,14$, $p<0,05$).

Dentre os indicadores de qualidade familiar, que, enquanto repertório dos filhos, podem constituir uma manifestação de suas habilidades sociais, a comunicação positiva

apresentou relação positiva significativa, tanto para escores maternos quanto paternos, com todas as habilidades sociais, exceto entre a desenvoltura e o escore paterno. Os escores de modelo materno e paterno relacionaram-se, ambos, com os escores de HS de expressão de afeto ($r=0,37$ e $r=0,33$), auto-exposição ($r=0,19$ e $r=0,15$) e autocontrole ($r=0,22$ e $r=0,24$) e também com o escore total ($r=0,26$ e $r=0,22$). O sentimento dos filhos em relação à mãe e ao pai relacionou-se com expressão de afeto ($r=0,35$ e $r=0,31$), desenvoltura ($r=0,16$ e $r=0,14$) e autocontrole ($r=0,28$ e $r=0,31$).

Os escores de clima conjugal positivo e negativo, materno e paterno, relacionaram-se com a expressão de afeto e o autocontrole e também com o escore total de HS. O clima conjugal positivo relacionou-se, ainda, com o fator 4 e o negativo, com o fator 3, conforme a Tabela 16.

Tabela 16: Índices de correlação (Pearson) da relação entre práticas maternas e habilidades sociais (coloridas as relações significativas)

Práticas Educativas	Índice	Escore					
		Total	HS1	HS2	HS3	HS4	HS5
Envolvimento (pai)	r	0,27	0,13	0,34	0,06	0,10	0,28
	p	0,00	0,04	0,00	0,29	0,09	0,00
Envolvimento (mãe)	r	0,37	0,10	0,41	0,19	0,14	0,32
	p	0,00	0,09	0,00	0,00	0,02	0,00
Regras e Monitoria (pai)	r	0,22	0,09	0,28	0,04	0,14	0,27
	p	0,00	0,12	0,00	0,46	0,02	0,00
Regras e Monitoria (mãe)	r	0,23	0,03	0,31	0,08	0,08	0,23
	p	0,00	0,55	0,00	0,17	0,19	0,00
Punição Inadequada (pai)	r	0,01	0,14	-0,06	-0,06	0,02	-0,03
	p	0,93	0,02	0,33	0,34	0,71	0,56
Punição Inadequada (mãe)	r	-0,02	0,11	-0,03	-0,07	0,01	-0,10
	p	0,70	0,06	0,67	0,23	0,90	0,10
Comunicação Positiva (pai)	r	0,32	0,20	0,33	0,09	0,20	0,23
	p	0,00	0,00	0,00	0,15	0,00	0,00
Comunicação positiva (mãe)	r	0,36	0,13	0,42	0,12	0,17	0,29
	p	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00
Comunicação negativa (pai)	r	-0,07	0,05	-0,14	-0,05	0,05	-0,23
	p	0,26	0,44	0,02	0,38	0,40	0,00
Comunicação negativa (mãe)	r	-0,16	0,04	-0,17	-0,12	-0,10	-0,28
	p	0,01	0,50	0,01	0,05	0,08	0,00
Modelo (pai)	r	0,22	0,11	0,33	-0,01	0,15	0,24
	p	0,00	0,07	0,00	0,92	0,01	0,00
Modelo (mãe)	r	0,26	0,08	0,37	0,04	0,19	0,22
	p	0,00	0,17	0,00	0,49	0,00	0,00
Sentimento dos filhos (pai)	r	0,27	0,08	0,31	0,14	0,14	0,31
	p	0,00	0,20	0,00	0,02	0,02	0,00
Sentimento dos filhos (mãe)	r	0,28	0,04	0,35	0,16	0,10	0,28
	p	0,00	0,54	0,00	0,01	0,10	0,00
Clima conjugal positivo (pai)	r	0,29	0,14	0,35	0,10	0,19	0,24
	p	0,00	0,02	0,00	0,09	0,00	0,00
Clima conjugal positivo (mãe)	r	0,28	0,11	0,34	0,11	0,20	0,23
	p	0,00	0,06	0,00	0,06	0,00	0,00
Clima conjugal negativo (pai)	r	-0,15	-0,01	-0,15	-0,15	-0,09	-0,19
	p	0,02	0,82	0,01	0,01	0,12	0,00
Clima conjugal negativo (mãe)	r	-0,15	0,00	-0,15	-0,13	-0,12	-0,20
	p	0,01	1,00	0,01	0,02	0,04	0,00
Total positivo do pai	r	0,38	0,16	0,45	0,12	0,18	0,35
	p	0,00	0,01	0,00	0,05	0,00	0,00
Total positivo da mãe	r	0,43	0,13	0,52	0,19	0,20	0,36
	p	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Total negativo do pai	r	-0,11	0,04	-0,16	-0,11	0,00	-0,23
	p	0,09	0,50	0,01	0,07	0,99	0,00
Total negativo da mãe	r	-0,15	0,04	-0,15	-0,12	-0,09	-0,27
	p	0,02	0,52	0,01	0,04	0,12	0,00

A fim de facilitar a exposição dos dados, as escalas fatoriais de Habilidades Sociais serão mencionadas conforme a numeração proposta pelos autores (Del Prette & Del Prette, 2000), conforme a Tabela abaixo:

Tabela 17: Descrição dos fatoriais de habilidades sociais segundo os autores

Fatoriais de Habilidades Sociais (Fonte: Del Prette & Del Prette, 2000)
<p>O escore fatorial 1 indica o repertório do respondente em habilidades de enfrentamento com risco, ou seja, a capacidade de lidar com situações interpessoais que demandam a afirmação e defesa de direitos e auto-estima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor (possibilidade de rejeição, de réplica ou de oposição).</p> <p>(...) É um indicador de assertividade e controle da ansiedade em situações como seguintes: apresentar-se a uma pessoa desconhecida, abordar parceiro para relacionamento sexual, discordar de autoridade, discordar de colegas de grupo, cobrar dívida de amigo, declarar sentimento amoroso, lidar com críticas injustas, falar em público a desconhecidos, devolver à loja uma mercadoria defeituosa, manter conversa com desconhecidos e fazer pergunta a conhecidos.</p>
<p>O escore fatorial 2 identifica o repertório do respondente em habilidades de auto-afirmação na expressão de afeto positivo, ou seja, suas habilidades para lidar com demandas de expressão de afeto positivo e de afirmação da auto-estima, que não envolvem risco interpessoal ou apenas um risco mínimo de reação indesejável.</p> <p>Entre os itens: elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimento positivo, agradecer elogios, defender em grupo uma outra pessoa e participar de conversação trivial.</p>
<p>O escore fatorial 3 reúne habilidades de conversação e desenvoltura social, retratando a capacidade de lidar com situações sociais neutras de aproximação (em termos de afeto positivo ou negativo), com risco mínimo de reação indesejável, demandando principalmente “traquejo social” na conversação. Um alto escore nesse fator supõe bom conhecimento das normas de relacionamento cotidiano para o desempenho de habilidades</p> <p>Exemplos: Manter e encerrar conversação em contato face a face, encerrar conversa ao telefone, abordar pessoas que ocupam posição de autoridade, reagir a elogios, pedir favor a colegas e recusar pedidos abusivos.</p>
<p>O escore fatorial 4 é um indicador de habilidades de auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e inclui basicamente a abordagem a pessoas desconhecidas.</p> <p>Inclui: Fazer apresentações ou palestras a um público desconhecido e pedir favores ou fazer perguntas a pessoas desconhecidas.</p>
<p>O escore fatorial 5 avalia as habilidades de autocontrole da agressividade em situações aversivas, ou seja, a capacidade de reagir a estimulações aversivas do interlocutor (agressão, pilhéria, descontrole) com razoável controle da raiva e da agressividade. Não significa deixar de expressar desagrado ou raiva, mas fazê-lo de forma socialmente competente, pelo menos em termos de controle sobre os próprios sentimentos negativos.</p> <p>Reúne as habilidades de lidar com críticas dos pais e com chacotas ou brincadeiras ofensivas. Ela poderia estar também refletindo a impulsividade, característica incompatível com a calma e o autocontrole.</p>

7.5.1 Outras relações com Habilidades Sociais dos jovens

O gênero dos participantes relacionou-se aos escores dos fatores 1 e 2 de habilidades sociais ($t=-4,1$ e $t=3,5$, $p<0,001$), com escores maiores para os homens em habilidades de enfrentamento com risco e escores maiores para mulheres em habilidades para lidar com demandas de expressão de afeto positivo e de afirmação da auto-estima. Esses resultados podem estar reproduzindo a expectativa culturalmente construída sobre os gêneros. Não foram encontradas diferenças significativas segundo classes sociais sobre os escores de HS geral ($F=0,14$) ou seus componentes.

As práticas educativas paternas positivas (total positivo) relacionaram-se significativamente e diretamente a todos os escores de HS. Os índices de correlação dos 5 fatores foram positivos ($r=0,16$, $r=0,45$, $r=0,12$, $r=0,18$ e $r=0,35$, $p<0,05$). O escore total negativo relacionou-se significativamente com os fatores 2 ($r=-0,16$, $p<0,05$) e 5 ($r=-0,23$, $p<0,05$) de HS.

Como se pôde observar, além das práticas educativas, diversos aspectos do cotidiano dos jovens podem afetar seu repertório de HS (Magalhães & Murta, 2003). Fatores da escola e da vizinhança, por exemplo, podem ter impacto significativo sobre a maneira dos jovens se relacionarem. As práticas educativas, em especial, apresentam intensa relação com o desenvolvimento social dos filhos, reforçando a importância de intervenções precoces, mesmo junto aos pais, para assegurar o bem-estar de toda a família entre si e com toda a comunidade, através da instalação de novos repertórios e a extinção de repertórios inadequados (Coelho & Murta, 2007).

7.6 Grupo 6: Práticas Educativas e Desempenho Acadêmico

As Práticas Educativas de regras e monitoria ($F=5,67$, $p<0,05$) e de comunicação positiva ($F=6,15$, $p<0,05$) apresentaram relação com o desempenho autodeclarado pelos participantes. Em ambos os casos, estudantes que declararam desempenho normal ou regular tiveram os escores de práticas de suas mães inferiores àqueles que declararam desempenho bom ou muito bom.

7.7 Grupo 7: Práticas Educativas e Escolha Profissional

A única Prática Educativa que apresentou relação com a existência de dúvidas quanto à escolha profissional para os jovens já universitários foi a comunicação negativa da mãe ($T=2,37$, $p<0,05$), que apresentou índices maiores entre estudantes que têm dúvidas (Figura 26).

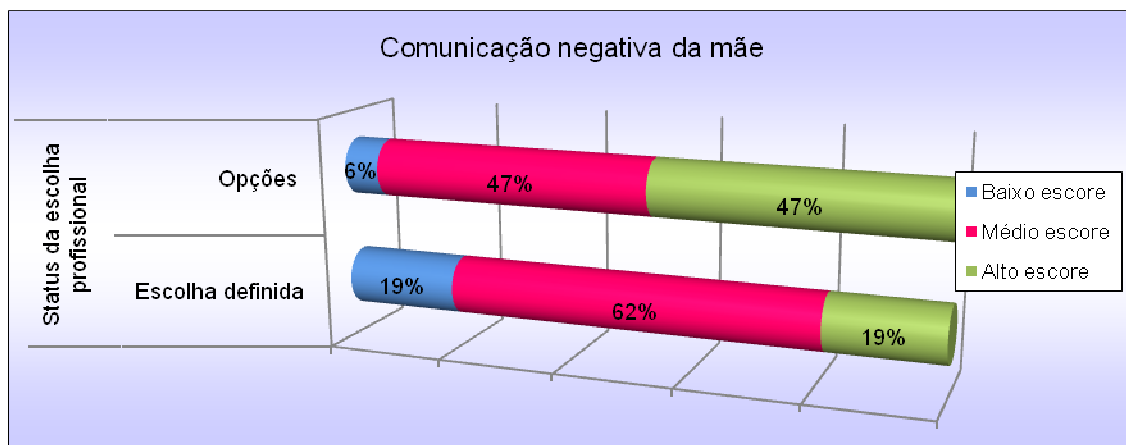


Figura 26 - Comunicação negativa materna e dúvidas na escolha profissional do jovem entrevistado.

8 ANÁLISE POR SEGMENTAÇÃO DA AMOSTRA

8.1 Segmentação por Práticas Educativas Parentais

Através da análise estatística de Cluster toda a amostra foi segmentada em 5 grupos segundo seu comportamento nas 9 escalas componentes da Qualidade de Interação Familiar (práticas educativas parentais maternas). A partir dessa segmentação é possível a caracterização dos grupos e observação de diferenças não observadas por meio das análises anteriores. A Figura 27 apresenta a distribuição dos casos (mães segundo a percepção dos jovens) nos cinco grupos formados.

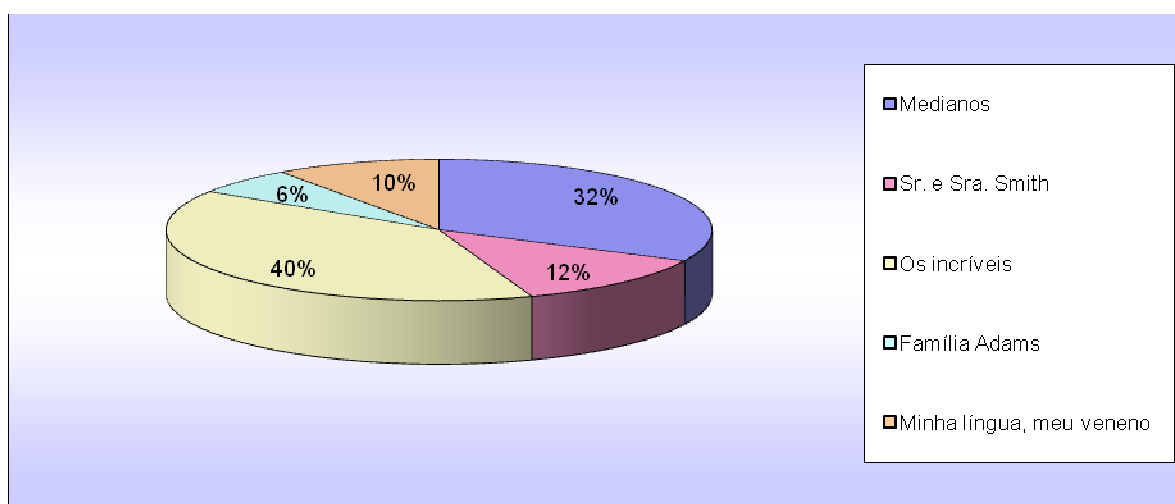


Figura 27 - Distribuição dos jovens em cinco grupos formados a partir do relato de práticas de suas mães (n=245)

Para facilitar a caracterização dos grupos, descrita abaixo, foram utilizados “apelidos” relacionados às suas características principais.

8.1.1 Grupo práticas ideais – “Os incríveis”

Este grupo integrou-se por famílias cujas mães foram consideradas com melhores médias em todas as práticas, ou seja, maiores índices em práticas positivas para o desenvolvimento dos filhos e menores índices nas práticas negativas.

Agrupou 97 casos (representando 40% da amostra), dos quais:

- 68% eram mulheres (n=66),
- 28% moram com uma ou duas pessoas e 72% moram com mais de três pessoas, nenhum mora sozinho,
- 37,5% já tiveram experiências profissionais,

- 12% consideram o próprio desempenho acadêmico bom ou regular, nenhum considera fraco.

A respeito de suas mães:

- 8% separadas e 88% casadas,
- 13% cursaram apenas ensino fundamental, 34% médio e 53% ensino superior,
- 18% são donas-de-casa, 35% trabalham até 12h/semanais, 15% de 12h a 30h, 22% até 40h/semanais e 10% mais de 40h.
- Depoimento: “O fundamental na relação pais-filhos é carinho, amor, paciência e respeito, tudo isso vindo das duas partes.” (Feminino, 18 anos, pais juntos há 21 anos, mãe contadora grupo ‘incríveis’, jovem escolheu psicologia, caso 131).

8.1.2 Grupo de boas práticas e péssimo relacionamento conjugal – “Sr. e Sra. Smith”

Este grupo apresentou desempenho semelhante aos ideais em todas as práticas que refletem comportamentos entre mães e filhos, mas nas práticas de clima conjugal positivo e negativo demonstrou as piores relações entre mães e pais. Ainda como possível reflexo da relação conjugal, o sentimento dos filhos deste grupo apresentou um escore intermediário, em contraste com os excelentes índices das práticas entre mães e filhos.

Agrupou 30 casos (12% da amostra). Desses:

- 70% eram mulheres (n=21),
- 3% que moram sozinhos, 50% com até duas pessoas e 47% moram com mais de 3 pessoas,
- 60% já tiveram experiências profissionais,
- 10% consideram o próprio desempenho acadêmico bom ou regular, nenhum considera fraco.

A respeito de suas mães:

- 65% separadas e 34% casadas,
- 25% cursaram apenas ensino fundamental, 8% médio e 67% ensino superior,
- 27% é dona de casa, 27% trabalham até 12h/semana, 31% até 40h/semana e 15% mais de 40h.

- Depoimento: “Meu pai ficava muito tempo fora e, somente hoje que já sou casada, questiono a mãe por aceitar. Ela diz que fazia por nós cinco (eu e quatro irmãos). Hoje ele é caseiro e vivem bem.” (Feminino, 22 anos, pais juntos há 32 anos, mãe dona de casa grupo ‘Sra. Smith’, caso 187).

8.1.3 Grupo mediano

Este grupo apresentou os escores de todas as praticas educativas em níveis intermediários em relação aos demais grupos. Agrupou 79 casos (32% da amostra) da seguinte maneira:

- 56% eram mulheres (n=44),
- 3% que moram sozinhos, 19% com até duas pessoas e 78% moram com mais de 3 pessoas,
- 10% mora com os pais somente, 75% com pais e irmãos e 15% com familiares variados,
- 44% já tiveram experiências profissionais,
- 16% consideram o próprio desempenho acadêmico bom ou regular, nenhum considera fraco.

A respeito de suas mães:

- 16% de separadas e 78% casadas,
- 11% cursaram apenas ensino fundamental, 48% médio e 41% ensino superior,
- 15% é dona de casa, 32% trabalham até 12h/semana, 24% de 12h a 30h, 15% até 40h/semana e 14% mais de 40h.
- Depoimento: “O fundamental na relação pais-filhos é diminuir a pressão sem desleixar e ensinar de forma lúdica.” (Masculino, 19 anos, pais juntos há 20 anos, mãe dona-de-casa grupo ‘mediano’, jovem escolheu química, caso 242).

8.1.4 Grupo agressivo – “Minha língua, meu veneno”

Este grupo apresentou desempenho similar ao grupo mediano em regras e monitoria, punição inadequada, comunicação positiva, modelo e clima conjugal positivo. Nas praticas de comunicação negativa (gritar, xingar etc.), clima conjugal negativo e

envolvimento seus escores foram significativamente menores, o que possivelmente refletiu sobre o sentimento dos filhos.

Agruparam-se aqui 24 casos (10% da amostra):

- 54% eram mulheres (n=13),
- 4% que moram sozinhos, 35% com até duas pessoas e 61% moram com mais de 3 pessoas,
- 58% já tiveram experiências profissionais,
- 21% consideram o próprio desempenho acadêmico bom ou regular, nenhum considera fraco.

A respeito de suas mães:

- 29% de separadas e 71% casadas,
- 9% cursaram apenas ensino fundamental, 29% médio e 62% ensino superior,
- 9% é dona de casa, 19% trabalham até 12h/semana, 24% de 12h a 30h, 24% até 40h/semana e 24% mais de 40h.

8.1.5 Grupo em crise – “Família Addams”

Este grupo apresentou, em todas as práticas, os piores escores da amostra. Coercivos, pouco envolvidos e com péssimas consequências para o desenvolvimento dos filhos, felizmente este foi o menor grupo, composto por 15 casos (6% da amostra) que se apresentou da seguinte forma:

- 47% eram mulheres (n=7), índice baixo em proporção ao gênero da amostra em geral, em que 62% eram mulheres,
- 7% que moram sozinhos, 21% com até duas pessoas e 71% moram com 3 pessoas ou 4 pessoas, nenhum com mais de 4 pessoas,
- 8% mora apenas com os pais e 92% com pais e irmãos, não houve caso de família estendida,
- 40% já tiveram experiências profissionais,
- 27% consideram o próprio desempenho acadêmico bom ou regular e 7% consideram fraco ou muito fraco.

A respeito de suas mães:

- 40% de separadas e 60% casadas,
- 8% cursaram apenas ensino fundamental, 50% médio e 42% ensino superior,

- 44% trabalham até 12h/semana, 22% de 12h a 30h, 22% até 40h/semana e 11% mais de 40h, nenhuma é dona de casa.
- Depoimentos: “O fundamental na relação pais-filhos é respeito, muita calma, não gritar, não xingar.” (Feminino, 19 anos, pais separados há 14 anos, mãe farmacêutica funcionária pública grupo ‘Adams’, jovem escolheu engenharia florestal, habilidades sociais caso 149). “Meus pais costumavam me dar conselhos, mas não necessariamente bons.” (Masculino, 22 anos, pais juntos há 30 anos, mãe funcionária pública grupo ‘Adams’, filho escolheu sistema de informação, habilidades sociais ‘porco-espinho’, caso 9). “Esse questionário foi muito bom. Nunca me perguntaram sobre esses assuntos.” (Masculino, 18 anos, pais juntos há 25 anos, mãe grupo ‘Adams’, jovem escolheu engenharia da produção, caso 67).

8.1.6 Comparando os grupos

Comparando os grupos parentais formados através do método de Cluster, foram encontradas relações significativas e outras, embora não-significativas, bastante interessantes. A situação dos pais apresentou grande diferença entre os grupos (Tabela 18).

Tabela 18: Grupos parentais e situação conjugal dos pais ($\chi^2=44,5$, $gl=12$, $p<0,001$)

Grupos Parentais		Situação dos pais			
		Juntos	Separados	Viúvo	Total
Medianos	n	55	11	2	68
	%	80,9%	16,2%	2,9%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	8	17	1	26
	%	30,8%	65,4%	3,8%	100,0%
Os incríveis	n	73	7	2	82
	%	89,0%	8,5%	2,4%	100,0%
Família Adams	n	7	6	0	13
	%	53,8%	46,2%	,0%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	14	6	0	20
	%	70,0%	30,0%	,0%	100,0%
Total	n	157	47	5	209
	%	75,1%	22,5%	2,4%	100,0%

Enquanto mães “incríveis” e “medianas” apresentaram alta frequência de casamentos duradouros, as mães “Smith” estão, em sua maioria, divorciadas. Apesar dos problemas de comunicação (agressiva com os filhos), do clima conjugal negativo e do menor envolvimento com os filhos, 70% das mães “venenosas” permanecem casadas, o que pode indicar a presença de outro fator mantenedor, como valores morais, pressão social ou indiferença, por exemplo.

Embora não tenha constituído diferença significativa ($X^2 = 10,68$, $gl=8$, $p>0,05$), o tempo diário na companhia da mãe apresentou diferenças entre um grupo e outro (Tabela 19). Das mães “Adams”, a maioria passa menos de quatro horas por dia com os filhos, assim como grande parte das mães “Smith”. Esses altos índices não podem ser explicados pelo índice de filhos morando sozinhos, que não passa de 7%. Esses dois grupos também apresentam as menores proporções de convívio de 4 a 6 horas por dia. As porcentagens de convívio superior a 6 horas foram muito semelhantes entre os grupos.

Tabela 19: Convívio dos entrevistados com a mãe durante infância e adolescência dos participantes distribuídos em grupos pelas práticas parentais maternas

Grupos parentais		Tempo passado diariamente com a mãe			
		Até 4 horas	Entre 4 e 6 horas	Mais de 6 horas	Total
Medianos	n	18	28	22	68
	%	26%	41%	32%	100%
Sr. e Sra. Smith	n	12	7	8	27
	%	44%	26%	30%	100%
Os incríveis	n	24	35	23	82
	%	29%	43%	28%	100%
Família Adams	n	8	2	3	13
	%	62%	15%	23%	100%
Minha língua, meu veneno	n	6	10	4	20
	%	30%	50%	20%	100%
Total	n	68	82	60	210
	%	32%	39%	29%	100%

O número de pessoas por residência e a composição familiar apresentaram diferença significativa entre os grupos parentais (Tabela 20).

Tabela 20: Grupos parentais e pessoas por residência ($\chi^2=21,22$, $gl=12$, $p<0,05$)

Grupos Parentais		Com quantas pessoas mora				
		Sozinho	Até duas pessoas	Três ou quatro pessoas	Mais de quatro pessoas	Total
Medianos	n	2	13	45	7	67
	%	3,0%	19,4%	67,2%	10,4%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	0	15	10	2	27
	%	,0%	55,6%	37,0%	7,4%	100,0%
Os incríveis	n	0	23	52	6	81
	%	,0%	28,4%	64,2%	7,4%	100,0%
Família Adams	n	1	3	9	0	13
	%	7,7%	23,1%	69,2%	,0%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	1	6	9	3	19
	%	5,3%	31,6%	47,4%	15,8%	100,0%
Total	n	4	60	125	18	207
	%	1,9%	29,0%	60,4%	8,7%	100,0%

Famílias de mães “Smith” apresentaram a maior frequência de até três pessoas por residência. Como este é o grupo com maior índice de divórcios, pode ser que tenha restado a mãe, o jovem e talvez um irmão ou uma avó. O clima conjugal entre os pais afetou o sentimento dos filhos em relação à mãe. Seria interessante investigar a auto-estima dos jovens de grupos como este. As famílias “Adams” não apresentaram mais de cinco pessoas, talvez porque seja mesmo insustentável o convívio entre mais pessoas com habilidades sociais e educativas tão baixas. As famílias venenosas apresentaram o maior índice de famílias grandes, acima de cinco pessoas, o que surpreende dado o repertório mais coercivo dessas mães. Isso pode indicar novamente fatores especiais para a manutenção da família.

Tabela 21: Grupos parentais e composição familiar dos jovens participantes ($X^2=17,1$, $gl=8$, $p<0,05$)

Grupos Parentais		Com quem mora			Total
		Pais	Pais e Irmãos	Família estendida	
Medianos	n	7	52	10	69
	%	10,1%	75,4%	14,5%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	7	10	7	24
	%	29,2%	41,7%	29,2%	100,0%
Os incríveis	n	15	66	8	89
	%	16,9%	74,2%	9,0%	100,0%
Família Adams	n	1	11	0	12
	%	8,3%	91,7%	,0%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	2	15	4	21
	%	9,5%	71,4%	19,0%	100,0%
Total	n	32	154	29	215
	%	14,9%	71,6%	13,5%	100,0%

Embora não tenha sido encontrada diferença significativa entre os grupos na formação e contato com o público das mães, algumas tendências podem ser observadas nas tabelas 22 e 23.

Tabela 22: Grupos parentais da mãe e área de formação materna ($X^2=5,63$, $gl=8$, $p>0,05$)

Formação materna		Grupos parentais					Total
		Medianos	Sr. e Sra. Smith	Os incríveis	Família Adams	Minha língua, meu veneno	
Humanas	N	9	7	14	1	4	35
	%	56,25%	70,00%	56,00%	33,33%	44,44%	55,56%
Exatas	N	1	2	3	0	2	8
	%	6,25%	20,00%	12,00%	0,00%	22,22%	12,70%
Saúde/Bio l.	N	6	1	8	2	3	20
	%	37,50%	10,00%	32,00%	66,67%	33,33%	31,75%
Total	N	16	10	25	3	9	63
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Com frequência sutilmente maior, os grupos ‘Smith’ e ‘venenosa’ apresentaram certa relação com formação materna em exatas e os grupos mediano e ‘Adams’, com a formação em saúde/biológicas. Infelizmente o número de participantes cujas mães cursaram ensino superior e completaram a EQIF foi relativamente pequeno ($n=63$), o que dificulta a análise em relação à formação materna.

Com relação ao contato com o público na profissão, observa-se uma frequência aumentada de contato reduzido e diminuída de contato moderado no grupo ‘incríveis’, além de uma frequência bastante aumentada de maior contato com o público no grupo ‘Smith’.

Tabela 23: Grupos parentais e contato com o público na profissão ($X^2=9,72$, $gl=8$, $p>0,05$)

Grupos Parentais		Contato com o público na profissão materna			
		Contato com o público reduzido	Contato com o público moderado	Maior contato com o público	Total
Medianos	n	17	18	15	50
	%	34,0%	36,0%	30,0%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	5	4	10	19
	%	26,3%	21,1%	52,6%	100,0%
Os incríveis	n	28	13	30	71
	%	39,4%	18,3%	42,3%	100,0%
Família Adams	n	3	4	2	9
	%	33,3%	44,4%	22,2%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	3	5	4	12
	%	25,0%	41,7%	33,3%	100,0%
Total	n	56	44	61	161
	%	34,8%	27,3%	37,9%	100,0%

Apesar de não constituir relação estatisticamente significativa, a Tabela 23 traz dados interessantes a respeito do grau de contato com o público nos diferentes grupos parentais. Observando o baixo índice de profissionais com menor contato com o público entre mães “incríveis” e maior índice em mães “Sra. Smith”, pode-se considerar o contato com o público como um possível estressor. Por outro lado, 42% das mães dos grupos “Os incríveis” constitui o segundo maior grupo em contato com o público ampliado, o que pode sugerir que o contato com o público tem efeito moderado, por exemplo, pelas habilidades sociais dessas mães.

Em relação à autonomia profissional materna também não foi encontrada significância estatística (Tabela 24). Nesta variável, pode-se considerar o efeito a partir de diversas perspectivas:

A ocupação em profissões majoritariamente subordinadas seria uma característica que confere menos preocupações ao grupo de “incríveis” e maior disponibilidade para a vida familiar? Ou ainda, seria uma consequência de um projeto de vida prévio, focado no cuidado familiar?

Como será possível a manutenção de um emprego subordinado para as mães do grupo de “língua venenosa”, considerando suas baixas habilidades em comunicação? Elas poderiam diferenciar a forma de interagir em casa, onde gritam e criticam, e no trabalho, onde respeitam, atendem e esperam.

Tabela 24: Grupos parentais e autonomia profissional materna ($X^2=10,25$, $gl=8$, $p>0,05$)

Grupos Parentais		Autonomia profissional materna			
		Profissões ligadas a empresas (subordinados)	Profissões mistas	Profissões autônomas	Total
Medianos	n	14	15	21	50
	%	28,0%	30,0%	42,0%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	8	5	6	19
	%	42,1%	26,3%	31,6%	100,0%
Os incríveis	n	33	12	26	71
	%	46,5%	16,9%	36,6%	100,0%
Família Adams	n	4	1	4	9
	%	44,4%	11,1%	44,4%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	7	4	1	12
	%	58,3%	33,3%	8,3%	100,0%
Total	n	66	37	58	161
	%	41,0%	23,0%	36,0%	100,0%

Os dados mais contrastantes em relação à inserção no mercado de trabalho dos filhos desses grupos parentais constituem os altos índices das famílias de comunicação precária (Minha língua meu veneno e Sr. e Sra. Smith) e no baixo índice nas famílias extremas (Os incríveis e Família Adams). Essa relação, no entanto, não encontrou significância estatística.

Tabela 25: Grupos parentais e experiência profissional dos filhos ($X^2=6,8$, $gl=4$, $p>0,05$)

Grupos Parentais		Experiências Profissionais		
		Sim	Não	Total
Medianos	n	32	36	68
	%	47,1%	52,9%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	15	12	27
	%	55,6%	44,4%	100,0%
Os incríveis	n	30	51	81
	%	37,0%	63,0%	100,0%
Família Adams	n	5	8	13
	%	38,5%	61,5%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	13	7	20
	%	65,0%	35,0%	100,0%
Total	n	95	114	209
	%	45,5%	54,5%	100,0%

Possíveis explicações para os índices de empregabilidade dos filhos poderiam residir sobre os seguintes argumentos: esquia do ambiente familiar, necessidade financeira, orientação parental, zelo parental. Complementando, então essa análise, a classe social encontrou relação significativa com os grupos parentais. Tampouco a idade dos filhos se relacionou aos grupos parentais ($F= 1,26$, $p>0,05$).

Observa-se nos grupos “Mediano” e “Os incríveis” uma dispersão significativa das famílias. No grupo “Sr. e Sra. Smith” e “Família Adams” se sobressai o alto índice de classes baixas. No grupo de comunicação precária, “Minha língua meu veneno”, observa-se menor índice de classes baixas.

Tabela 26: Grupos parentais e classe social ($X^2=33,4$, $gl=12$, $p<0,001$)

Grupos Parentais		Classe social				Total
		A1 e A2	B1	B2	C1, C2, D e E	
Medianos	n	9	37	14	9	69
	%	13,0%	53,6%	20,3%	13,0%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	5	6	7	8	26
	%	19,2%	23,1%	26,9%	30,8%	100,0%
Os incríveis	n	27	21	31	9	88
	%	30,7%	23,9%	35,2%	10,2%	100,0%
Família Adams	n	0	6	2	3	11
	%	,0%	54,5%	18,2%	27,3%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	7	7	6	1	21
	%	33,3%	33,3%	28,6%	4,8%	100,0%
Total	n	48	77	60	30	215
	%	22,3%	35,8%	27,9%	14,0%	100,0%

Os grupos parentais também se relacionaram aos aspectos fundamentais para a relação pais-filhos eleitos pelos jovens. A Tabela abaixo indica que filhos de mães “venenosas” e “Smith”, talvez pelo péssimo modelo de convívio conjugal considerem fundamental para as crianças a união dos pais, embora não se saiba se valorizam esse aspecto independentemente da qualidade da relação conjugal. Filhos de mães medianas com maior frequência indicaram vários aspectos como importantes. Filhos de famílias “Adams”, talvez por sua própria carência de modelos, avaliaram com maior frequência o exemplo dos pais como fundamental para a educação. Estes foram também os que menos valorizaram o envolvimento como prática educativa. Grupos cujas mães foram relatadas com maior envolvimento valorizaram esse aspecto e, ainda, 82% do grupo de mães “venenosas”, que nem apresentam bons índices dessa prática, observam a importância dessa prática. Este dado não pode ser explicado pelo envolvimento paterno, pois apenas 4% dos pais deste grupo apresentaram envolvimento com escore maior. Talvez outros aspectos da história de vida desses jovens, aliados a sua carência por demonstrações de afeto os tenham alertado da importância do envolvimento.

Tabela 27: Grupos parentais e futuros aspectos fundamentais para a relação pais-filhos eleitos pelos jovens ($X^2=31,8$, $gl=16$, $p<0,05$)

Aspectos educacionais mais importantes na relação pais-filhos							
		Envolvimento (respeito, carinho, confiança)	Comunicação	Modelo	Estrutura familiar (pais unidos)	Dois dos anteriores	Total
Medianos	n	46	10	2	2	14	74
	%	62,2%	13,5%	2,7%	2,7%	18,9%	100,0%
Sr. e Sra. Smith	n	20	1	2	1	4	28
	%	71,4%	3,6%	7,1%	3,6%	14,3%	100,0%
Os incríveis	n	74	5	4	1	10	94
	%	78,7%	5,3%	4,3%	1,1%	10,6%	100,0%
Família Adams	n	6	2	4	0	1	13
	%	46,2%	15,4%	30,8%	,0%	7,7%	100,0%
Minha língua, meu veneno	n	18	1	0	1	2	22
	%	81,8%	4,5%	,0%	4,5%	9,1%	100,0%
Total	n	164	19	12	5	31	231
	%	71,0%	8,2%	5,2%	2,2%	13,4%	100,0%

Alguns depoimentos destacam, ainda, aspectos importantes que os questionários não puderam captar: O depoimento a seguir indica a possibilidade de a família recuperar-

se de situações conflituosas e oferecer outro ambiente aos filhos: “Depois da separação as coisas mudaram; meu pai que era mais presente tornou-se mais ausente; e minha mãe ao contrário.” (Feminino, 17 anos, pais separados há 2 anos, mãe professora grupo ‘Sra. Smith’, jovem escolheu psicologia, caso 102).

“O fundamental na relação pais-filhos é conversas, verdade, bons exemplos e umas palmadas de vez em quando.” (Masculino, 18 anos, pais separados há 9 anos, mãe auxiliar odontológica grupo ‘incríveis’, jovem escolheu medicina veterinária, caso 199). Possivelmente uma contradição, um erro de leitura, de alguém que talvez não tenha experimentado de forma clara as consequências da punição física, afinal, este sujeito respondeu que quase nunca apanhou dos pai. A valorização da punição física, infelizmente, parece ser algo ainda não superado no conhecimento popular brasileiro.

“Sinceramente (...), acho que a maturidade devia apagar traumas familiares.” (Masculino, 25 anos, pais juntos há 26 anos, mãe secretária grupo ‘venenosas’, jovem escolheu filosofia, caso 289). O comentário indica justamente o contrário do que gostaria o participante, que já afirma sem segurança de sua opinião. Os efeitos dos conflitos em sua família possivelmente concretizam-se em suas habilidades sociais.

8.2 Segmentação por Habilidades Sociais

Assim como foi feita a segmentação por práticas educativas, os cinco fatores de habilidades sociais proporcionaram o agrupamento dos jovens em quatro grupos:

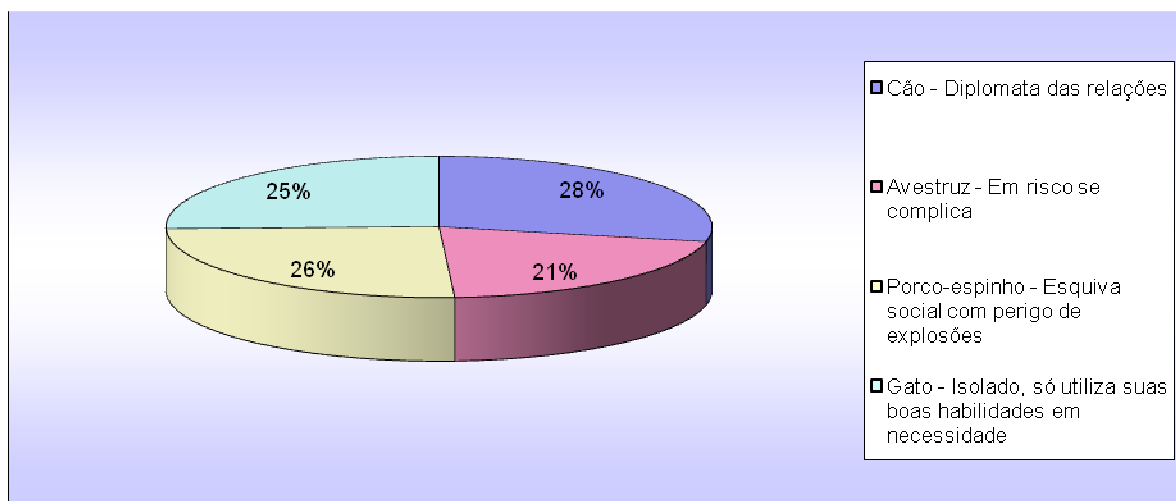


Figura 28 - Distribuição dos jovens em quatro grupos formados a partir do relato dos próprios jovens sobre suas habilidades sociais (n=271)

Diplomata das relações – Cão

Grupo com o melhor desempenho social em todos os aspectos foi composto por 67 jovens.

Em risco se complica – Avestruz

Apresenta habilidades equiparadas com o melhor grupo em conversação e desenvoltura social e autocontrole da agressividade, mediano em auto-exposição a desconhecidos e expressão de afeto positivo, apresentou escores equiparados aos piores em defesa de direitos e auto-estima. Reuniu 50 jovens.

Esquiva social e explosões – Porco-espinho

Pior escore em todas as habilidades sociais, seu mau desempenho se destacou em expressão de afeto, auto-exposição a desconhecidos e principalmente no autocontrole em situações aversivas. Agrupou uma parcela razoável dos jovens, com 60 casos.

Isolado, só utiliza suas habilidades em caso de necessidade – Gato

Este grupo, como o grupo de práticas parentais mediano, parece conhecer o caminho para o bom desempenho, apresentando escores imediatamente próximos do grupo ideal (diplomata das relações), exceto no fator desenvoltura social. Isso pode ser um indício para um baixo interesse nas relações sociais, ainda que o grupo seja capaz de desempenhar suas habilidades sociais sempre que necessário. Dos 232 casos incluídos nesta etapa da análise, 55 formaram este grupo.

Duas variáveis importantes se relacionaram significativamente com os grupos adolescentes por habilidades sociais: a classe social e os grupos parentais por práticas educativas.

Grupos adolescentes		Classe social				Total
		A1 e A2	B1	B2	C1, C2, D e E	
Cão - Diplomata das relações	n	17	17	21	9	64
	%	26,6%	26,6%	32,8%	14,1%	100,0%
Avestruz - Em risco se complica	n	14	13	16	9	52
	%	26,9%	25,0%	30,8%	17,3%	100,0%
Porco-espinho - Esquiva social com perigo de explosões	n	11	32	10	4	57
	%	19,3%	56,1%	17,5%	7,0%	100,0%
Gato - Isolado, só utiliza suas boas habilidades em necessidade	n	8	26	23	9	66
	%	12,1%	39,4%	34,8%	13,6%	100,0%
Total	n	50	88	70	31	239
	%	20,9%	36,8%	29,3%	13,0%	100,0%

A Tabela 28 apresenta a relação com as classes sociais. Observa-se a distribuição mais atípica no grupo “porco-espinho”, com maior índice de classe B1 e menor de classes baixas. Outras diferenças notadas são a menor frequência de classes A1 e A2 no grupo “gato” e a frequência ligeiramente maior de classes baixas no grupo “avestruz”.

Considerando uma possível maior exposição das classes menos favorecidas a situações de defesa dos direitos, é problemático observar alto índice de sujeitos com debilidade nessa habilidade nas classes C1, C2, D e E. Já entre a distribuição do grupo “gato” indica que pertencer a uma família mais favorecida pode favorecer a desenvoltura e conversação. A distribuição por classes sociais do grupo “porco-espinho” pode indicar que a situação socioeconômica familiar não esteja relacionada ao péssimo desempenho social, já que este grupo apresentou menor proporção de jovens economicamente menos favorecidos.

Em relação à comparação entre práticas educativas e grupos adolescentes (Tabela 29), os dados são bastante interessantes, confirmando a literatura que afirma fortes correlações entre o comportamento parental e as habilidades sociais dos filhos (Allen, Marsh, McFarland, McElhaney, Land, Jodl & Peck, 2002; Rice, Cunningham & Young, 1997; Henry & Peterson, 1995). Pais com melhores práticas educativas tiveram com maior frequência filhos “diplomatas das relações”. Pais com as piores práticas tiveram com maior frequência filhos com péssimas habilidades sociais e com baixa frequência filhos com debilidade concentrada na defesa de direitos, talvez por que estes tenham aprendido essa habilidade diante de necessidade. Pais medianos e do grupo de péssima comunicação tiveram menores índices de filhos habilidosos, mas com baixa

desenvoltura social. Para esses filhos, o ambiente social pode ser um bom meio para desenvolver seu potencial, e não devem desperdiçar as oportunidades.

Tabela 29: Grupos parentais e grupos HS ($X^2=35,08$, $gl=12$, $p<0,001$)

Grupos parentais		Grupos adolescentes				
		Cão – Diplomata das relações	Avestruz – Em risco se complica	Porco-espinho - Esquiva social e explosões	Gato - Isolado, só utiliza habilidades em necessidade	Total
Medianos	n	15	17	28	13	73
	%	21%	23%	38%	18%	100%
Sr. e Sra. Smith	n	8	9	4	8	29
	%	28%	31%	14%	28%	100%
Os incríveis	n	37	18	11	27	93
	%	40%	19%	12%	29%	100%
Família Adams	n	1	1	8	3	13
	%	8%	8%	62%	23%	100%
Minha língua, meu veneno	n	6	5	9	4	24
	%	25%	21%	38%	17%	100%
Total	n	67	50	60	55	232
	%	29%	22%	26%	24%	100%

A Tabela 30 sintetiza os dados obtidos através da segmentação da amostra.

Tabela 30: Síntese dos resultados obtidos através da segmentação por grupos (Cluster)

Síntese dos grupos parentais
<p>Mães Medianas Assim como nas práticas educativas, que não se destacam como boas ou como ruins, corresponde em diversas variáveis aos casos típicos desta amostra, como na situação conjugal, na composição familiar, na jornada de trabalho e no grau de autonomia profissional. Possuem maior índice de grau de formação Médio (48%), passam maior tempo junto aos filhos (32% passam mais de 6 horas por dia).</p>
<p>Mães Sra. Smith Ótimas para os filhos e péssimas em relacionamento conjugal, constituem um grupo bem característico, em que 65% já estão divorciadas e em 29% dos casos convive com uma família estendida. Uma grande porção (27%) é dona de casa e 67% têm escolaridade em nível superior. Por outro lado, 29% moram apenas com os pais, o que pode intensificar o efeito maléfico da péssima relação conjugal. Das 30 famílias, 31% podem ser considerada entre as classes sociais mais baixas. Das mães que trabalham, 53% estão em profissões de maior contato com o público, o que pode ser um estressor. Seja por esquivas das crises conjugais dos pais, seja por necessidade financeira, 56% dos filhos já trabalhou. Têm uma sutil tendência a filhos controlados emocionalmente, mas com dificuldades de socialização em situação de risco.</p>
<p>Mães Adams Piores mães sob todos os aspectos, 92% das famílias compõem-se apenas por pais e filhos, em 46% dos casos os pais se divorciaram. Tem grande proporção de mães com formação Média e nenhuma mãe dona de casa. Apesar disso, 27% podem ser consideradas entre as classes mais baixas. Dos filhos, 62% passam no máximo 4 horas por dia com a mãe. Apesar da situação econômica, 61% dos filhos nunca trabalharam, talvez por falta de orientação dos pais. Seu desempenho e sua auto-estima poderia ser investigada, considerando que 7% consideraram o próprio desempenho acadêmico como fraco ou muito fraco. Com enorme frequência, têm filhos isolados socialmente e sujeitos a descontroles emocionais e raramente têm filhos hábeis socialmente.</p>
<p>Mães venenosas Muito prejudiciais nas práticas de comunicação negativa (gritar, xingar etc.), clima conjugal negativo e envolvimento, o que possivelmente refletiu sobre o sentimento dos filhos, 71% permaneceram casadas. Têm alto índice de formação superior e maior jornada de trabalho. daquelas que trabalham (91%), 58% está em profissões subordinadas, o que pode ser considerada uma surpresa entendendo suas baixas habilidades em comunicação. Trabalham bastante e concentram-se entre as classes B2 e A1. Seus filhos têm relativamente maior chance de compor o grupo de baixíssimas habilidades sociais.</p>
<p>Mães Incríveis Em grande parte são casadas (89%), em famílias grandes (72% com mais de 3 pessoas). Nos aspectos de grau de formação, índice de donas-de-casa, jornada de trabalho, tamanho da família e área de formação possuem distribuição semelhante ao do total da amostra. Das mães que trabalham, 46% estão em profissões subordinadas, o que pode significar mais recursos pessoais dirigidos para a família ou refletir a escolha previa de um projeto de vida dirigido para a família. Em relação ao contato com o público, 40% das mães trabalham em profissões de menor contato e 42% naquelas de maior contato. De seus filhos, a maior parte nunca trabalhou (63%). Com maior probabilidade têm filhos altamente habilidosos socialmente.</p>

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como tantas pesquisas que procuraram entender a relação entre o contexto profissional materno e a interação familiar e desenvolvimento dos filhos, esta pesquisa relata a realidade de um local e uma época específicos, contextualizada na cultura brasileira, entre famílias de jovens nascidos entre 1981 e 1991. Este estudo pode despertar o interesse de pesquisadores brasileiros para esse campo, tão pouco explorado em nossa cultura.

Os dados coletados, simplificados e focados em relações significativas, relativos à percepção dos filhos, podem ser resumidos da seguinte forma:

Trabalho materno: Não apresentou relação com as práticas educativas; mães que trabalham fora têm nível econômico melhor que donas-de-casa e estas permanecem casadas com maior frequência.

Variáveis do trabalho materno: A jornada de trabalho de mães e pais se correlacionou, mas elas trabalham em média cinco horas a mais por semana. A carga horária não tem relação com o grau de formação, mas tem relação com o “modelo”, melhor para mães que trabalham até 12 horas por semana no máximo. A formação superior em ciências humanas relacionou-se a melhores escores de modelo e formação em exatas, a piores. Maior autonomia profissional relacionou-se a menor envolvimento materno e melhor clima conjugal positivo. Cuidar de crianças na profissão relacionou-se a maior envolvimento. Estar a mais de oito anos no cargo foi pior para o clima conjugal.

Variáveis demográficas: Famílias compostas por duas a três pessoas apresentaram melhores práticas educativas e filhos mais habilidosos socialmente enquanto famílias com mais de quatro pessoas tiveram menor nível socioeconômico. As classes sociais A1 e A2 tiveram melhores práticas que as demais. O grau de instrução teve efeitos diferentes para pais e mães. Mães com ensino fundamental apresentaram melhor comunicação positiva, aquelas com curso superior, desempenho mediano e as mães com ensino médio tiveram menor comunicação positiva. Os entrevistados cujas mães possuíam apenas o ensino fundamental também apresentaram melhores habilidades sociais. Mulheres entrevistadas mostraram escores melhores em habilidades sociais de enfrentamento e expressão de afeto.

Variáveis da família: Filhas e participantes mais novos relataram melhores práticas educativas maternas do que filhos e entrevistados mais velhos, respectivamente. Práticas paternas se relacionaram direta e fortemente com as maternas. Nas dimensões

de “modelo” e “sentimento dos filhos”, viúvos tiveram escores melhores que separados. Nos escores totais de práticas educativas, viúvos tiveram escores melhores; casados, escores medianos; e separados, escores piores.

Desenvolvimento do jovem: Além das relações mencionadas acima, cursos de humanas declararam melhor desempenho acadêmico, enquanto saúde e exatas, pior. As práticas educativas parentais de “regras e monitoria” e “comunicação positiva dos filhos” relacionaram-se a melhor desempenho. A “comunicação negativa” parental (brigas, gritos, xingar, criticar) relacionou-se a mais dúvidas na escolha do curso. Todas as práticas, exceto punição corporal, relacionaram-se às habilidades sociais, com exceção da habilidade de enfrentamento.

O que se poderia dizer, portanto, aos pais e educadores como contribuição desta pesquisa:

Qualidade conjugal: Diversas análises conduzidas apontaram para um efeito do clima conjugal sobre o sentimento dos filhos. Isso deve alertar os casais quanto ao preparo para a constituição de famílias e filhos e alertar a educadores quanto aos cuidados que crianças de lares em conflito podem demandar em especial. Os próprios filhos o fazem através dos depoimentos.

Preparo em práticas educativas: Ainda não se tem clareza dos efeitos das variáveis relacionadas ao trabalho (como jornada de trabalho, área de formação ou autonomia na profissão) e à família (por exemplo, nível socioeconômico, tamanho da família, grau de instrução parental, gênero da criança ou situação conjugal dos pais) para o desenvolvimento dos filhos. Analisadas individualmente elas apresentaram relações esparsas, mas combinadas podem ter efeitos intensos. Enquanto esses resultados não estão disponíveis para a organização e promoção de políticas e medidas preventivas, cabe a pais e educadores se instruírem sobre a educação e o comportamento dos filhos e refletir e avaliar o impacto do próprio arranjo de trabalho sobre o clima conjugal, o envolvimento e o desenvolvimento dos filhos. Para tanto, são válidas estratégias de buscar leituras e profissionais especializados.

Amostra local: Os dados desta amostra brasileira, especificamente de ‘calouros’ desta universidade, corroboram amplamente com dados internacionais nas relações entre variáveis como gênero e idade dos filhos, situação conjugal, nível socioeconômico etc.

O aspecto profissional materno e a interação familiar revelam grande potencial como explicadores e instrumentos para compreender e facilitar os processos de inserção social, desenvolvimento acadêmico e inserção profissional dos jovens nesta comunidade. No próprio relato dos estudantes grande valor é atribuído a esses aspectos, confirmando os resultados obtidos nos instrumentos utilizados. Embora uma análise de modelos compreensivos, avaliando funções modeladoras e moderadoras ainda não tenha sido possível, a análise por segmentação de amostra (Análise de Cluster) permite contemplar os dados de uma maneira diferente e acrescenta à compreensão para que em breve se alcance o entendimento da relação entre a ocupação materna e as interações familiares.

Para pesquisadores e estudiosos da área das interações familiares, outros aspectos ainda poderiam ser destacados:

Outras variáveis: Diversas variáveis podem ainda ser estudadas, como o sobrepeso investigado por Drachler e cols. (2003). A perspectiva dos modelos familiares construídos ao longo da história, como investigado por Oliveira e Caldana (2004), culturalmente apoiados, pode ser uma rica variável de estudo. Divergências entre resultados nos mais diversos locais do mundo poderiam ser acentuadas ou compreendidas através desse tema. Considerando esse aspecto, mesmo a idade dos pais ou a cidade natal dos jovens poderia ser investigada em relação às práticas educativas.

Dificuldades na coleta: A amostra, em relação à grande diversidade de ocupações e profissões maternas, não foi suficiente para permitir a identificação de características de grupos profissionais específicos. Talvez visar grupos específicos facilite as análises estatísticas, mas dificultam a construção de modelos mais completos. A forma de coleta de dados, como desempenho acadêmico, categorias profissionais e composição familiar permanecem sendo um desafio metodológico. Ao estudar práticas educativas, trabalhar com crianças também pode ser um diferencial, pois os resultados representam a percepção do jovem sobre seus pais e mães, com a perspectiva de filhos que começaram a se emancipar. Ainda, os dados coletados apontam para a complementaridade de dados quantitativos e qualitativos. É essencial motivar a amostra para atender a grandes questionários ou entrevistas, necessários em trabalhos como este.

Uma grande expectativa, dada a dificuldade de se pesquisar a influência das formações e profissões maternas específicas sobre o desenvolvimento de repertório de

jovens e adultos, poderá ser abordada nos próximos três ou quatro anos, visto que 70% dos participantes (n=211) atenderam à solicitação e forneceram contato telefônico e virtual para responder ao Inventário de Habilidades Sociais ao final do curso.

Se, por um lado, o interesse científico parece motivar os calouros da universidade, por outro lado, infelizmente, muitos alunos ,ditos veteranos do próprio curso de psicologia, revelaram uma postura tola e mesmo antiética, porque prejudicaram a pesquisa que provê conhecimento para a sua própria formação. Como tratassem de uma brincadeira, adiantaram-se à abordagem pela equipe de pesquisa e informaram aos recém-ingressos do curso de psicologia que a pesquisa seria inútil, lhes tomaria muito tempo e as informações seriam utilizadas a seu prejuízo, desencaminhando possíveis sujeitos. Felizmente, após a devida repreensão, feita imediatamente em seguida da constatação do fato, os universitários abandonaram a atitude.

Concluir esta pesquisa, assim como compreendê-la, traz uma ambiguidade. O volume de dados e as inúmeras possibilidades de tratá-los são muito gratificantes, porém asseguram o longo caminho a trilhar a fim de atingir os objetivos traçados. É estimulante contar com os avanços das pesquisas que se aceleram em diversos lugares e se complementam no universo da literatura científica, cada vez mais acessível nos meios eletrônicos e, ainda, contar com o apoio da população, mais ciente da possibilidade de mútua ajuda entre a comunidade de pesquisa e seus lares e filhos.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E.M.L.S., French, B.E. & Feldhusen, J.F. (2004) Identificando talentos, aspirações profissionais e pessoas mais admiradas por estudantes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8 (1), 11-16.
- Allen, J. P., Marsh, P., McFarland, C., McElhaney, K. B., Land, D. J., Jodl, K. M., & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictors of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70, 56-66.
- Alvarenga, P. (2001) Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. IN: Guilhardi, H.J. (2001) *Sobre Comportamento e Cognição*. Santo André: ESETec Editores Associados, 8, 54-60.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Disponível em: < <http://www.abep.org/>>. Acesso em 20 dezembro 2008.
- Aunola, K.; Stattin, H. & Nurmi, J.E. (2000) Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23 (2), 205-222.
- Avdeeva, I.A. & Riazanov, V.M. (1996) Study of the role of parents' occupation in children's mortality. *Meditcina truda i promyshlennaia ekologiia*, 3, 17-22.
- Baruch, G. K. & Barnett, R. C. (1986). Consequences of fathers' participation in family work: parents' role strain and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(5), 983-992.
- Baruch, G. K. (1973). Feminine self-esteem, self-ratings of competence, and maternal career commitment. *Journal of Counseling Psychology*, 20, 487-488.
- Bastos, J.R.M.; Aquilante, A.G.; Almeida, B.S.; Lauris, J.R.P. (2000) Professional profile analysis of dentists graduated at Bauru dental School - University of São Paulo between 1996 and 2000. *J. Appl. Oral Sci.*, 11 (4).
- Baumrind, D. Effects of authoritative control on child behavior (1966) *Child Development*, 37, 887-907.
- Baydar, N. & Brooks-Gunn, J. (1991). Effects of maternal employment and child-care arrangements on preschoolers' cognitive and behavioral outcomes: Evidence from the Children of the National Longitudinal Survey of Youth. *Developmental Psychology*, 27, 932-945.
- Beyer, S. (1995) Maternal Employment and Children's Academic Achievement: Parenting Styles as Mediating Variable. *Developmental Review*, 15 (2), 212-53.
- Bitran, M.; Zúñiga, D.; Lafuente, M.; Viviani, P. & Mena, B. (2005) Influence of personality and learning styles in the choice of medical specialty. *Rev. méd. Chile*, 133 (10), 1191-1199.

- Bolsoni-Silva, A.T. & Marturano, E.M. (2002) Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol. (Natal)*, 7 (2).
- Borrell, C., Rohlfs, I., Artazcoz, L. & Muntaner, C. (2004) Inequalities in health related to social class in women: What is the effect of the measure used. *Gac Sanit.*, 18 (2), 75-82.
- Capellini, V.L.M.F. (2001) A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns: avaliação do rendimento acadêmico. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) 249f. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Castro, A.E.F. & Yamamoto, O.H.. (1998) Psychology as a feminine career: notes for a study. *Estud. psicol. (Natal)*, 3 (1).
- Cavallet, S.R. (2006) *Construção da identidade e escolhas no acesso ao Ensino Superior: processos de mudança e trabalho psíquico*. Dissertação – Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.
- Coelho, M. V.; Murta, S. G. (2007) Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estud. psicol. (Campinas)*, 24 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Sep 2008. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300005
- Cordeiro, R. (2000) Validity of occupational histories from proxy respondents. *Rev. Saúde Pública.*, 34 (5).
- Costa, F.T., Teixeira, M.A.P. & Gomes, W.B. (2000) Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993) Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 87-496.
- Dearing, E., McCartney, K., & Taylor, B. A. (2006). Within-child associations between family income and externalizing and internalizing problems. *Developmental Psychology*, 42, 237-252.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999) *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001) *Inventário de habilidades sociais: Manual de apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dishion, T.J., Patterson, G.R., Stoolmiller, G. & Skinner, M.L. (1991) *Family, school, and behavioral antecedents to early adolescent involvement with antisocial peers*. *Developmental Psychology*, 27, 172-180.

- Drachler, M.I.; Macluf, S.P.Z.; Leite, J.C.C.; Aerts, D.R.G.C.; Giugliani, E.R.J. & Horta, B.L. (2003) Fatores de risco para sobrepeso em crianças no Sul do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 19 (4).
- Duckett, E., & Richards, M. (1995). Maternal employment and the quality of daily experience for young adolescents of single mothers. *Journal of Family Psychology*, 9, 418-432.
- Dy-Hammar, F.J.; Ernst, C.; Kidd, D.A.; McCann, D.M. & Salter, W.D. (2001) How working conditions affect families: Working time, family health and gender equality. *Global Inequalities at Work Conference*. Working Paper Series, Paper #1. Harvard Center for Society and Health - School of Public Health, Boston, MA.
- Ferrarini, N. L. (2005) *O espaço do contrapoder: o acesso à universidade pública e o perfil socioeconômico educacional dos candidatos ao vestibular da UFPR*. Tese – Doutorado em Educação, Cultura e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.
- Ferreira, A. B. H. (2004) *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo.
- Fish, M., Belsky, J., & Youngblade, L. (1991). Developmental antecedents and measurement of intergenerational boundary violation in a nonclinic sample. *Journal of Family Psychology*, 4, 278-297.
- Flynn, T.M. (1984) Age, Sex, intelligence and parent's occupation and the moral development of the preschool child. *The Journal of Psychology*, 117, 251-255.
- Freitas, S.F.T.; Kovalski, D.F.; Boing, A.F. (2005) Moral development of graduates from an dentistry course: a constructivist evaluation. *Ciênc. saúde coletiva*, 10 (2).
- Fundação Carlos Chagas. Disponível em: http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mtf.html. Acesso em: 20 fevereiro 2008
- Gjerberg, E. (2003) Women doctors in Norway: the challenging balance between career and family life. *Social Science & Medicine*, 57 (7), 1327-1341.
- Gold, D., & Andres, D. (1978). Relations between maternal employment and development of nursery school children. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 10, 116-129.
- Goldberg, W. A., Prause, J., Lucas-Thompson, R., & Himsel, A. (2008). Maternal employment and children's achievement in context: A meta-analysis of four decades of research. *Psychological Bulletin*, 134, 77-108.
- Gottfried, A.E.; Fleming, J.S. & Gottfried, A.W. (1998) Role of Cognitively Stimulating Home Environment in Children's Academic Intrinsic Motivation: A Longitudinal Study. *Child Development*, 69 (5), 1448-1460.

- Greenberger, E. O'neil, R. & Nagel, S.K. (1994) Linking Workplace and Homeplace: Relations between the Nature of Adults' Work and Their Parenting Behaviors. *Developmental Psychology*, 30 (6), 990-1002. Disponível em: http://eric.ed.gov/ERICWebPortal/Home.portal?_nfpb=true&_pageLabel=RecordDetails&ERICExtSearch_SearchValue_0=EJ498096&ERICExtSearch_SearchType_0=eric_acno&objectId=0900000b8003e4e9 Acesso em: 14 de abril de 2006
- Grych, J. H., & Clark, R. (1999). Maternal employment and development of the father-infant relationship in the first year. *Developmental Psychology*, 35, 893-903. doi: 10.1037/0012-1649.35.4.893
- Harrison, L. J., & Ungerer, J. A. (2002). Maternal employment and infant-mother attachment security at 12 months postpartum. *Developmental Psychology*, 38, 758-773.
- Harvey, E. (1999). Short-term and long-term effects of early parental employment on children of the National Longitudinal Survey of Youth. *Developmental Psychology*, 35, 445-459.
- Henry, C. S.; Peterson, G. W. (1995). Adolescent social competence, parental qualities, and parental satisfaction. *American Journal of Orthopsychiatry*, 65(2), 249-262.
- Hill, J. L., Waldfogel, J., Brooks-Gunn, J., & Han, W. (2005). Maternal Employment and Child Development: A Fresh Look Using Newer Methods. *Developmental Psychology*, 41, 833-850.
- Hock, E., & DeMeis, D. K. (1990). Depression in mothers of infants: The role of maternal employment. *Developmental Psychology*, 26, 285-291.
- Hoffman, L. W. (1974). Effects of maternal employment on the child: A review of the research. *Developmental Psychology*, 10, 204-228.
- Hoffman, L. W. (1989). Effects of maternal employment in the two-parent family. *American Psychologist*, 44, 283-292.
- Howes, C. (1988). Relations between early child care and schooling. *Developmental Psychology*, 24, 53-57.
- Jovic, E.; Wallace, J. E. & Lemaire, J. (2006) The Generation and Gender Shifts in Medicine: An Exploratory Survey of Internal Medicine Physicians. *BMC Health Services Research*, 6, 55.
- Krevans, J. & Gibbs, J.C. (1996) Parents' use of inductive discipline: relations to children's empathy and prosocial behavior. *Child Development*, 67, 3263-3277.
- Laosa, L. M. (1982). School, occupation, culture, and family: The impact of parental schooling on the parent-child relationship. *Journal of Educational Psychology*, 74, 791-827.
- Limacher, M.C.; Zaher, C.A.; Walsh, M.N.; Wolf, W.J.; Douglas, P.S.; Schwartz, J.B.; Wright, J.S. & Bodycombe, D.P. (1998) The ACC professional life survey : career

decisions of women and men in cardiology : A report of the Committee on Women in Cardiology. *Journal of the American College of Cardiology*, 32 (3), 827-835.

Maccoby, E. & Martin, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. IN: Hetherington, E. M. (1983) *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley, 1983, 4ed., p. 1-101.

Magalhães, F.A.C. & Andrade, J.X. (2006) Exame vestibular, características demográficas e desempenho na universidade: em busca de fatores preditivos. *Anais do VI Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*, 2006, São Paulo.

Magalhães, P. P.; Murta, S. G. (2003) Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental. *Temas em Psicologia*, 11 (1).

Maniraguha, S.S. (1998) Selected factors influencing academic success of first-year students in Seventh-day Adventist secondary schools in Rwanda. *Dissertation abstract international section A: Humanities and social sciences*, 158 (11A), 4186.

Matos, M.A. (2001) Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3 (2), 51-66.

McCord, J., McCord, W., & Thurber, E. (1963). Effects of maternal employment on lower-class boys. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67, 177-182.

McGovern, T. V.; Furumoto, L.; Halpern, D. F.; Kimble, G. A. e McKeachie, W. J. (1991). Liberal education, study in depth, and the arts and sciences major – Psychology. *American Psychologist*, 46, 598-605.

Miller, S. M. (1975). Effects of maternal employment on sex role perception, interests, and self-esteem in kindergarten girls. *Developmental Psychology*, 11, 405-406.

Moorehouse, M. J. (1991). Linking maternal employment patterns to mother-child activities and children's school competence. *Developmental Psychology*, 27, 295-303.

Moreira, S.N.T.; Silva, C.A.N.; Tertulino, F.F.; Tertulino, F.M.F.; Vilar, M.J.P & Azevedo, G.D. (2006) Motivations for career-choice and experiences of the academic day-to-day life of medical students. *Rev. bras. educ. med.*, 30 (2).

Moura, C. B. (2004) *Orientação Profissional sob o enfoque da Análise do Comportamento*. 2. ed. Campinas: Alínea.

Neiva, K. M. C. (1999) *Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP)*. São Paulo: Vetor.

Oliveira, T. T. S. S.; Caldana, R. H. L. (2004) Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. *Estud. psicol. (Natal)*, 9 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Aug 2008. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300021

- Ong, A.D.; Phinney, J.S. & Dennis, J. (2006) Competence under challenge: Exploring the protective influence of parental support and ethnic identity in Latino college students. *Journal of Adolescence*, 5.
- Phearman, L.T. (1949) Comparisons of high-school graduates who go to college with those who do not. *Journal of Educational Psychology*, 40, 405-414. Disponível em: <http://www.apa.org/journals/edu.html> Acesso em: 14 de abril de 2006
- Posada, G.; Jacobs, A.; Carbonell, O. A.; Alzate, G.; Bustamante, M. R. & Arenas, A. (1999) Maternal care and attachment security in ordinary and emergency contexts. *Developmental Psychology*, 35, 1379-1388.
- Ramos, J.A.C.; Garcia, J.U.T.; Martin, P.H. & Garcia, J.M. (2003) Factor related to family desintegration in health personnel. *Psiquiatria*, 19 (2), 1-5.
- Rice, K. G.; Cunningham, T. J.; Young, M. B. (1997). Attachment to parents, social competence, and emotional well-being: A comparison of Black and White late adolescents. *Journal of Counseling Psychology*, 44(1), 89-101.
- Robb, N.; Dunkley, L.; Boynton, P. & Greenhalgh, T. (2007) Looking for a better future: Identity construction in socio-economically deprived 16-year olds considering a career in medicine. *Soc Sci Med.*, 65 (4), 738-754.
- Rogers, S.J.; Parcel, T.L.; Meneghan, E.G. (1991) The Effects of Maternal Working Conditions and Mastery on Child Behavior Problems: Studying the Intergenerational Transmission of Social Control. *Journal of Health and Social Behavior*, 32 (2), 145-164.
- Salvador, A.P.V. & Weber, L.N.D. (2005) Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 341-353.
- Santana, V.S; Loomis, D.P.; Newman, B. (2001) Housework, paid work and psychiatric symptoms. *Rev. Saúde Pública*, 35 (1).
- Scales, P.C.; Benson, P.L.; Roehlkepartain, E.C.; Sesma Junior, A. & Dulmen, M. (2006) The role of developmental assets in predicting academic achievement: A longitudinal study. *Journal of Adolescence*, 29 (5), 691-708.
- Scarr, S. (1998). American child care today. *American Psychologist*, 53, 95-108.
- Scarr, S., Phillips, D., & McCartney, K. (1989). Working mothers and their families. *American Psychologist*, 44, 1402-1409.
- Sidman, M. (2001) *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Silva, A.T.B.; Marturano, E.M. (2002) Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol. (Natal)*, 7 (2).
- Solano, A.C. & Liporace, M. F. (2005) Predictors for the Selection of Cadets in Military Institutions. *Psykhé*, 14(1), 17-30.

- Sousa Neto, M.F. (2005) Occupation, workshop and profession: considerations on the social place of teachers. *Cad. CEDES*, 25 (66).
- Souza Filho, E.A. (2005) The teacher's psychosocial self-evaluation. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, 13 (49).
- St.Pierre, R., Herendeen, N.M., Moore, D.S. & Nagle, A. (1994) Does occupational stereotyping still exist? *Journal of Psychology: Interdisciplinary and applied*, 128 (5), 589-598.
- Stuckey, M. F., McGhee, P. E., & Bell, N. J. (1982). Parent-child interaction: The influence of maternal employment. *Developmental Psychology*, 18, 635-644.
- Symons, D. K. (1998). Post-partum employment patterns, family-based care arrangements, and the mother-infant relationship at age two. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 30, 121-131.
- Tetenbaum, T. J., Lighter, J., & Travis, M. (1981). Educators' attitudes toward working mothers. *Journal of Educational Psychology*, 73, 369-375.
- Tolman, A. E., Diekmann, K. A., & McCartney, K. (1989). Social connectedness and mothering: Effects of maternal employment and maternal absence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 942-949.
- Trice, A. D. & Knapp, L. (1992) Relationship of children's career aspiration to parents' occupation. *Journal of genetic psychology*, 153 (3), 355-357.
- Vitalli, I. L.. "Como nossos pais?" A transmissão intergeracional dos estilos parentais. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2004. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/2394/1/Monografia%20Mestrado%20corretta%2028%20novembre%202004.pdf> Acesso em 10 de novembro de 2007.
- Vogel, S. R., & et al (1970). Maternal employment and perception of sex roles among college students. *Developmental Psychology*, 3, 384-391.
- Wallace, J. & Young, M. (2008) Parenthood and Productivity: A Study of Demands, Resources and Family-Friendly Firms. *Journal of Vocational Behavior*, 72, 110-122.
- Wallace, J. (2006) Can Women in Law Have it All: A Study of Motherhood, Career Satisfaction and Life Balance. *Research in the Sociology of Organizations*, 24, 283-306.
- Wallace, J. (2008) Parenthood and Commitment to the Legal Profession: Are Mothers Less Committed than Fathers? *Journal of Family and Economic Issues*, 29 (3), 478-495.
- Wallace, J. E. (2004) Motherhood and career commitment to the legal profession. *Research in the Sociology of Work*, 14, 219-246.

- Wallace, J.E. (2005) Stress au travail, dépression et conflit travail-famille : Un test des hypothèses de tension et de tampon. *Relations industrielles*, 60 (3), 510-539. Disponível em: < <http://www.erudit.org/revue/ri/2005/v60/n3/012157ar.html> > Acesso em 12 de janeiro de 2008.
- Wang, W. (2002) Five-factor personality measures in Chinese university students: effects of one-child policy? *Psychiatry Research*, 109 (1), 37.
- Weber, L. N. D. Salvador, A. P. V. & Brandenburg, O. J. (2006) Qualidade de interação familiar: instrumentos de medida e programas de prevenção . In: Bandeira, M.; Del Prette, Z. A. P.; Del Prette, A. (Org.). Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 125-142.
- Weber, L. N. D.; Tucunduva, C. & Faria, R. (2007) Ocupação e práticas educativas parentais, auto-estima e escolha profissional dos filhos. In: XVI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Brasília. *Anais do XVI Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental*.
- Weber, L. N. D., Bilobran, J., Duck, M. F., Hassumi, J. M. M., Moura, L. M. J. & Viezzer, A.P. (2004) *Qualidade de Interação Familiar e Depressão em Adolescentes*. Relatório de pesquisa não publicado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Weber, L. N. D.; Biscaia, P.; Pavei, C. A. & Brandenburg, O. J. (2003) Relações entre práticas parentais e incidência de estresse em crianças. Em *Anais eletrônicos do XII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, 290-291, 2003.
- Weber, L. N. D.; Flor, M.; Viezzer, A. P. & Gusso, H.L. (2004) Interação familiar e as habilidades sociais do adolescente. Em *Anais da XXXIV Reunião Anual de Psicologia*, Anais SBP. Ribeirão Preto, SP.
- Weber, L. N. O. & Peron, F. (2005) *Estilos parentais e auto-estima em universitários*. Trabalho não publicado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Weber, L.N.D.; Stasiack, G. & Brandenburg, O.J. (2003) Percepção da Interação Familiar e Auto-Estima de Adolescentes. *Aletheia*, 17/18, 95-105.
- Weber, L.N.D.; Viezzer, A.P. & Brandenburg, O.J. (2003) Estilos parentais e desenvolvimento da criança e do adolescente. Palmadas e surras: ontem, hoje e amanhã. Em M. Z. Brandão, F.C.S. Conte, F.S. Brandão, Y.K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, S. M. Olliane (Org.), *Sobre o comportamento e cognição*, v. 11, p. 499-511. Santo André: ESETec Editores Associados, 2003.
- Williams, E., & Radin, N. (1993). Paternal involvement, maternal employment, and adolescents' academic achievement: An 11-year follow-up. *American Journal of Orthopsychiatry*, 63, 306-312.
- Woods, M. B. (1972). The unsupervised child of the working mother. *Developmental Psychology*, 6, 14-25.

Zimmer-Gembeck, M.J.; Chipuer, H.M.; Hanisch, M.; Creed, P.A. & McGregor, L. (2005) Relationships at school and stage-environment fit as resources for adolescent engagement and achievement. *Journal of Adolescence*, 29 (6), 911-933.

ANEXOS

ANEXO 1

Termo de Consentimento

INFORME DE CONSENTIMENTO INDIVIDUAL

Entendo que me foi solicitado a minha participação em uma pesquisa sobre **“Escala de prática educativas utilizadas por seus pais”**, orientada pela Prof^a. Dr.^a Lidia N.D. Weber do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e desenvolvida pela psicóloga Cláudia Tucunduva. Para minha parte neste estudo, foi-me solicitado completar diversos questionário(s) com o total de 88 questões fechadas, que irá exigir aproximadamente 30 minutos do meu tempo. Entendo que não há riscos previsíveis na participação e fui encorajado a fazer quaisquer perguntas para esclarecer minha participação. Não há benefícios diretos pela minha participação (notas na escola, salário etc.), mas esta pesquisa ajudará os pesquisadores a aprender como estão e são percebidas as profissões e a convivência familiar por jovens pré-universitários. Todas as minhas folhas de respostas serão anônimas e serão mantidas de forma estritamente confidencial e os dados da pesquisa serão tratados de maneira estatística, portanto nenhum questionário será analisado sob base individual, somente como grupo. Esta folha de Consentimento ficará separada do questionário da pesquisa para que não possa haver qualquer identificação. Caso eu tenha dúvidas poderei entrar em contato com a equipe de pesquisa, na UFPR, pelo telefone (41) 3310-2669 ou pelo e-mail clau@ufpr.br. Entendo que a minha participação é voluntária e que poderei retirar a minha participação a qualquer momento sem sofrer qualquer penalidade, portanto, concordo em participar.

Curitiba, ____ de _____ de 2008.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

CONTEXTO FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS: IMPLICAÇÕES DA OCUPAÇÃO PARENTAL

1. Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

2. Idade: _____ anos

3. Religião: _____

4. Quantas pessoas moram com você? _____

Quem são elas?

Pai

Irmão(s)

Esposo(a)

Mãe

Avós

Outro: _____

5. Qual a sua situação de seus pais?

☐ Juntos. Há quanto tempo? _____☐ Separados. Há quanto tempo? _____☐ Outro. Qual e há quanto tempo? _____

6. Quanto tempo em média por dia você passa com sua mãe? _____ horas

7. Quanto tempo em média por dia você passa com seu pai? _____ horas

8. Sobre sua mãe:

- Qual sua formação? _____

- Qual sua profissão? _____

- Há quanto tempo está nesta profissão? _____ anos

- Quanto tempo em média por semana ela passa nessa profissão? _____ horas

9. Sobre seu pai:

- Qual sua formação? _____

- Qual sua profissão? _____

- Há quanto tempo está nesta profissão? _____ anos

- Quanto tempo em média por dia ele passa nessa profissão? _____ horas

10. Sobre você:

- Como você considera seu desempenho nos estudos?

- Como você considera suas relações na escola?

- Você já teve experiências profissionais? Quais?

- Sobre sua escolha por um curso superior:

Já tenho uma escolha definida: _____

Penso em algumas opções: _____

- Quais os fatores mais relevante para essa escolha?

- Numa escala de 1 a 10, qual a influência da família sobre essa escolha? ____

Comente sua resposta: _____

11. Você considera que a profissão de seus pais influenciou o seu desenvolvimento?

☐ Sim ☐ Não

Comente sua resposta: _____

12. Na condição de possível educador, de filhos ou crianças próximas, quais os aspectos que você considera fundamentais na relação pais-filhos?

ANEXO 3 - INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS

Leia atentamente cada um dos itens que se seguem. Cada um deles apresenta uma ação ou sentimento (parte grifada) diante de uma situação dada (parte não grifada). Indique a frequência com que você age ou se sente tal como descrito no item. Se uma dessas situações nunca lhe ocorreu, responda como se tivesse ocorrido, considerando o seu possível comportamento.

A NUNCA OU RARAMENTE	B COM POUCA FREQUÊNCIA	C COM REGULAR FREQUÊNCIA	D MUITO FREQUENTE	E SEMPRE OU QUASE SEMPRE
Em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes.	Em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 3 a 4 vezes.	Em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 4 a 6 vezes.	Em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 6 a 8 vezes.	Em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 8 a 10 vezes.

		A	B	C	D	E
1	Em um grupo de pessoas desconhecidas, <i>fico à vontade, conversando naturalmente.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Quando um de meus familiares (pais, irmãos mais velhos ou cônjuge) insiste em dizer o que eu devo fazer, contrariando o que penso, <i>acabo aceitando para evitar problemas.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Ao ser elogiado(a) sinceramente por alguém, <i>respondo-lhe agradecendo</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Em uma conversação, se uma pessoa me interrompe, <i>solicito que aguarde até eu encerrar o que estava dizendo.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Quando um(a) amigo(a) a quem emprestei dinheiro, esquece de me devolver, <i>encontro um jeito de lembrá-lo(a).</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Quando alguém faz algo que eu acho bom, mesmo que não seja diretamente a mim, <i>faço menção a isso, elogiando-o(a) na primeira oportunidade.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Ao sentir desejo de conhecer alguém a quem não fui apresentado(a), <i>eu mesmo(a) me apresento a essa pessoa.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Mesmo junto a conhecidos da escola ou trabalho, <i>encontro dificuldade em participar da conversação</i> ("enturmar").	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	<i>Evito fazer exposições ou palestras</i> a pessoas desconhecidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Em minha casa <i>expresso sentimentos de carinho através de palavras e gestos</i> a meus familiares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Em uma sala de aula ou reunião, se o professor ou dirigente faz uma afirmação incorreta, eu <i>exponho meu ponto de vista.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Se estou interessado(a) em uma pessoa para relacionamento sexual, <i>consigo abordá-la para iniciar conversação.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Em meu trabalho ou em minha escola, se alguém me faz um elogio, <i>fico encabulado(a) sem saber o que dizer.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	<i>Faço exposição (por exemplo palestras)</i> em sala de aula ou no trabalho, quando sou indicado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Quando um familiar me critica injustamente, <i>expresso meu aborrecimento diretamente a ele.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Em um grupo de pessoas conhecidas, se não concordo com a maioria, <i>expresso verbalmente minha discordância.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Em uma conversação com amigos, <i>tenho dificuldade em encerrar a minha participação, preferindo aguardar que outros o façam.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

18	Quando um de meus familiares, por algum motivo, me critica, <i>reajo de forma agressiva.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Mesmo encontrando-me próximo(a) de uma pessoa importante, a quem gostaria de conhecer, <i>tenho dificuldade em abordá-la para iniciar conversa.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Quando estou gostando de alguém com quem venho saindo, <i>tomo a iniciativa de expressar-lhe meus sentimentos.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Ao receber uma mercadoria com defeito, <i>dirijo-me até a loja onde a comprei, exigindo a sua substituição.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Ao ser solicitado(a) por um(a) colega para colocar seu nome em um trabalho feito sem a sua participação, <i>acabo aceitando mesmo achando que não devia.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	<i>Evito fazer perguntas a pessoas desconhecidas.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	<i>Tenho dificuldade em interromper uma conversa ao telefone mesmo com pessoas conhecidas.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Quando sou criticado de maneira direta e justa, <i>consigo me controlar admitindo meus erros ou explicando minha posição (minhas ideias).</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	Em campanhas de solidariedade, <i>evito tarefas que envolvam pedir donativos ou favores a pessoas desconhecidas.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Se um(a) amigo(a) abusa de minha boa vontade, <i>expresso-lhe diretamente meu desagrado.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Quando um de meus familiares (filhos, pais, irmãos, cônjuge) consegue alguma coisa importante pela qual se empenhou muito, <i>eu o elogio pelo seu sucesso.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Na escola ou no trabalho, quando não compreendo uma explicação sobre algo que estou interessado(a), <i>faço as perguntas que julgo necessárias ao meu esclarecimento.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	Em uma situação de grupo, quando alguém é injustiçado, <i>reajo em sua defesa.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31	Ao entrar em um ambiente onde estão várias pessoas desconhecidas, <i>cumprimento-as.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	Ao sentir que preciso de ajuda, <i>tenho facilidade em pedi-la a alguém de meu círculo de amizades.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	Quando meu(minha) parceiro(a) insiste em fazer sexo sem o uso da camisinha, <i>concordo para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a).</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	No trabalho ou na escola, <i>concordo em fazer as tarefas que me pedem e que não são da minha obrigação, mesmo sentindo um certo abuso nesses pedidos.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35	Se estou sentindo-me bem (feliz), <i>expresso isso para as pessoas de meu círculo de amizades.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36	Quando estou com uma pessoa que acabei de conhecer, <i>sinto dificuldade em manter um papo interessante.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37	Se preciso pedir um favor a um(a) colega, <i>acabo desistindo de fazê-lo.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	<i>Consigo "levar na esportiva" as gozações de colegas de escola ou de trabalho a meu respeito.</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO 4 - Escala de Qualidade de Interação Familiar – EQIF

→ Responda as seguintes questões sobre o seu pai e sobre a sua mãe (ou sobre as pessoas por quem foi educado, por exemplo: madrasta, padrasto, avô, tia e outros) lembrando da faixa entre os seus 8 e 18 anos. Numere de 1 a 5 de acordo com a tabela abaixo:

(1) = Nunca	(2) = Quase nunca	(3) = Às vezes	(4) = Quase sempre	(5) = Sempre
-------------	-------------------	----------------	--------------------	--------------

1. Meus pais costumavam dizer o quanto eu sou importante para eles. PAI () MÃE ()
2. Meus pais brigavam comigo por qualquer coisa. PAI () MÃE ()
3. Meus pais costumavam xingar um ao outro. PAI () MÃE ()
4. Eu costumava contar as coisas boas que me aconteciam para meu pai/minha mãe. PAI () MÃE ()
5. Meus pais costumavam falar alto ou gritar comigo. PAI () MÃE ()
6. Meus pais faziam carinho um no outro. PAI () MÃE ()
7. O que meus pais me ensinavam de bom eles também faziam. PAI () MÃE ()
8. Eu pensava que meu pai/minha mãe eram os melhores pais que eu conheço. PAI () MÃE ()
9. Meus pais ficavam felizes quando estavam comigo. PAI () MÃE ()
10. Meus pais costumavam descontar em mim quando estavam com problemas. PAI () MÃE ()
11. Meus pais falavam mal um do outro. PAI () MÃE ()
12. Eu costumava contar as coisas ruins que me aconteciam para meu pai/minha mãe. PAI () MÃE ()
13. Meus pais costumavam me xingar ou falar palavrões para mim. PAI () MÃE ()
14. Meus pais faziam elogios um para o outro. PAI () MÃE ()
15. Meus pais também faziam as obrigações que me ensinavam. PAI () MÃE ()
16. Eu me sentia amado pelos meus pais. PAI () MÃE ()
17. Meus pais procuravam saber o que aconteceu comigo quando estava triste. PAI () MÃE ()
18. Meus pais sabiam onde eu estava quando não estava em casa. PAI () MÃE ()
19. Quando ajudava meus pais, eles me agradeciam. PAI () MÃE ()
20. Meus pais costumavam me bater quando fazia alguma coisa errada. PAI () MÃE ()
21. Meus pais costumavam estar brabos um com o outro. PAI () MÃE ()
22. Eu costumava falar sobre meus sentimentos para meu pai/minha mãe. PAI () MÃE ()
23. Meus pais costumavam se abraçar. ()
24. Eu achava legais as coisas que meus pais faziam. PAI () MÃE ()
25. Meus pais eram um bom exemplo para mim. PAI () MÃE ()
26. Meus pais costumavam mostrar que se preocupavam comigo. PAI () MÃE ()
27. Meus pais demonstravam orgulho de mim. PAI () MÃE ()
28. Meus pais sabiam o que eu fazia com o meu tempo livre. PAI () MÃE ()
29. Meus pais brigavam um com o outro. ()
30. Meus pais costumavam me fazer carinhos quando eu me comportava bem. PAI () MÃE ()
31. Meus pais costumavam me bater sem eu ter feito nada de errado. PAI () MÃE ()
32. Meus pais costumavam me criticar de forma negativa. PAI () MÃE ()
33. Meus pais falavam bem um do outro. PAI () MÃE ()
34. Sentia orgulho de meus pais. PAI () MÃE ()
35. Meus pais costumavam me dar beijos, abraços ou outros carinhos. PAI () MÃE ()
36. Meus pais costumavam me dar conselhos. PAI () MÃE ()
37. Meus pais costumavam me bater por coisas sem importância. PAI () MÃE ()
38. Meus pais tinham bom relacionamento entre eles. ()
39. Meus pais pediam para eu dizer para onde eu estava indo. PAI () MÃE ()
40. Qual a nota que você daria para seus pais, de um a cinco: PAI () MÃE ()

Se você tiver alguma observação sobre a forma ou conteúdo deste questionário, por favor, escreva-a nas linhas abaixo:

Muito obrigado por colaborar!

Gostaríamos de saber sua opinião sobre esta pesquisa após o curso superior, por isso pedimos que, conforme sua disponibilidade, deixe alguma forma de contato abaixo.

Asseguramos o número máximo de 2 tentativas no prazo de 6 anos e o sigilo dessa informação. Compreendemos a indisponibilidade de alguns em fornecer tal informação.

Contato (email, celular etc.):

ANEXO 5 – CRITÉRIO PADRÃO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL

Por favor, indique a quantidade de cada item abaixo em sua casa:

- ___ Televisões
- ___ Rádios
- ___ banheiros
- ___ automóveis
- ___ geladeiras e freezer
- ___ empregadas mensalistas
- ___ Máquinas de lavar roupas
- ___ aparelhos de DVD ou vídeo-cassetes

Qual o nível de instrução do chefe da família? _____

ANEXO 6 – CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado

Curitiba, 10 de março de 2008.

Ao Comitê de Ética do Departamento de Psicologia da UFPR:

Solicitamos autorização para a realização da pesquisa sobre “Ocupação dos pais, práticas educativas e o desempenho acadêmico de filhos vestibulandos”, que faz parte do rol de pesquisas do **Projeto Criança: Desenvolvimento, Educação e Cidadania** (BANPESQ 99006031). Esta pesquisa será realizada pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, Cláudia Tucunduva, orientada pela Professora Doutora Lidia Natalia Dobrianskyj Weber. Os procedimentos metodológicos serão realizados de maneira adequada no que tange a questão da elaboração e utilização do instrumento de coleta de dados (escalas e questionários respondidos sem identificação e guardados em sigilo). Segue projeto em anexo.

Atenciosamente

Profa Dra Lidia Natalia Dobrianskyj Weber